



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**RAUL MARCOS CARVALHO CANTANHEDE MARQUES**

**O EXERCÍCIO ÉTICO NA CLÍNICA:**  
**O DRAMA ENTRE O DEVER E O DEVIR**

São Luís,  
2020

RAUL MARCOS CARVALHO CANTANHEDE MARQUES

**O EXERCÍCIO ÉTICO NA CLÍNICA:  
O DRAMA ENTRE O DEVER E O DEVIR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão.

Área de Concentração: Clínica e Avaliação Psicológica.

Orientador: Prof. Dr. Jadir Machado Lessa.

São Luís,  
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Marques, Raul Marcos Carvalho Cantanhede.

O EXERCÍCIO ÉTICO NA CLÍNICA : o drama entre o dever e o devir / Raul Marcos Carvalho Cantanhede Marques. - 2020.  
118 p.

Orientador(a): Jadir Machado Lessa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Clínica. 2. Composição. 3. Deleuze. 4. Devir. 5. Ética. I. Lessa, Jadir Machado. II. Título.

RAUL MARCOS CARVALHO CANTANHEDE MARQUES

**O EXERCÍCIO ÉTICO NA CLÍNICA:  
O DRAMA ENTRE O DEVER E O DEVIR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão.

Área de Concentração: Clínica e Avaliação Psicológica.

Defendido em: 30/11/2020

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Jadir Machado Lessa (Orientador)  
UFMA

---

Prof. Dr. Marcio José de Araujo Costa  
UFMA

---

Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas (Externo ao programa)  
UFMA

São Luís,  
2020

## DEDICATÓRIA

Para Raimundo da Graça Gomes (o *Maneta*) e Conceição de Maria Silva Marques (a *Concita*), de longe, as crianças éticas mais sem graça que já conheci. Muito espertas e teimosas, em suas aventuras, descobriram um modo de envelhecer seus corpos e, nesse processo, conseguiam se transformar nos velhos moralistas mais cheios de graça do pedaço. Tudo pelo prazer de apontar caminhos e contar histórias com a sabedoria do lado de quem tá vindo. Tentavam me enganar com todas aquelas rugas, mas eu sempre os reconhecia pela leveza habitual de suas brincadeiras (in memoriam).

## AGRADECIMENTOS

Agradecer... O que é agradecer? Como agradecer? Boa parte da minha infância e começo da vida adulta, eu fui chamado de ingrato. Então, fico achando que não sei agradecer. Ser grato? O que é ser grato? Como ser grato? Para quê ou para quem? Para uma causa ou por uma causa? Porque preciso agradecer? Quais são os interesses daqueles que esperam meu agradecimento? Vejo muito, na vida atual e virtual, que acontece em grande parte, nas redes sociais, sentimentos de gratidão duplicados: #gratidão #sejagrato #sougrato. Alguém vai lá e expressa o que sente. Outro alguém vai lá e duplica (expressa o que sente quase identicamente a quem expressou antes dele). Mas duplicam com razão. Duplicam pela razão. Com absoluta razão. Com toda a razão do mundo. Porque é bacana fazer parte de algo maior. É show ser reforçado positivamente. É massa ouvir de alguém: Parabéns! Você é um grande homem! Mais um! Você faz parte! Conseguiu! Uma salva de palmas para você que chegou lá!

Mas eu não gosto de fazer parte. Eu gosto de adicionar. Não nas redes sociais; não se trata de adicionar alguém. Mas na rede da vida; de *me* adicionar *para* alguém. Se eu não adiciono, prefiro não fazer parte. Então, não vou; não encontro; não divido, não compartilho... Até quando me sinto forte e potente para adicionar, para levar algo novo. Ai sim! Eu ligo, eu vou, eu divido, eu encontro. Mas isso nem sempre foi claro para mim. Houve um tempo em que eu realmente achei que sempre tinha algo para dar, para acrescentar, para contribuir. Que minha presença era sempre indispensável e que meu lugar nunca poderia ser ocupado por mais ninguém. Conheci uma frase em que Jean-Paul Sartre disse: “Todos nós somos substituíveis”. Achei Sartre tão ingênuo. Sartre era um homem de um capital estético extremamente desvalorizado para os padrões sociais atuais. É só pesquisar a foto dele no *Google* que rapidamente entendemos esse ponto. É fácil alguém assim ser substituível. Era o que eu achava...

Mas pessoas se encontram e, por vezes, deixam de se encontrar. Podem se encontrar por amor. E, também, deixam de se encontrar por ele. A vida tem dessas coisas. Só nos resta entender as causas. Ou não. Entender as causas pode ser doloroso. Talvez, você que está lendo já tenha se perguntado: que diferença eu faço? E eu pergunto a você: que diferença faz? É sério! Que diferença faz a diferença que você faz? Já tinha parado para pensar nisso? É bom que você saiba a resposta. Porque, uma resposta para uma pergunta como essa, pode ser tudo. Como diria Nietzsche: é a vida que está em jogo!

Você joga com a vida? Realmente encara a vida como um jogo? A impressão que você tem é de que todos nós somos cartas de baralho ou peças, nesse grande tabuleiro global, capazes de controlarmos as jogadas, as posições, os movimentos uns dos outros? Então, é bom correr para ser mais esperto e estar sempre a um passo à frente do outro? Você percebe e valoriza que existem custos para chegar a determinados lugares, para alcançar determinadas posições? Geralmente, esses custos exigem de você justamente aquilo que não é você, mas aquilo que você pode se fazer reconhecer como capaz e disposto a fazer por onde, para que seja você e não qualquer outro a chegar lá? Porque você é especial, não é mesmo? Precisa provar para os outros e/ou para si mesmo que merece admiração igual ou equivalente àquela atribuída aos grandes homens e mulheres que alcançaram tamanha glória, beleza, riqueza, inteligência e poder?

Não é desse tipo de jogo que Nietzsche fala. Nietzsche fala do jogo da diferença. Ele entendeu há mais de um século atrás que se relacionar com pessoas, como se estas fossem coisas, e se relacionar consigo mesmo, como se fosse um recipiente a ser preenchido é não fazer diferença para ninguém. Então, só mais uma vez: que diferença faz a diferença que você faz?

Este trabalho é sobre composições. É sobre fazer diferença. Composições que são bons encontros com coisas ou pessoas, capazes de ampliar a nossa potência de existir. Quer dizer que são encontros que nos faz sentir alegres. Podem nos fazer muito alegres mesmo, a ponto de não quisermos mais parar de nos encontrarmos com essas coisas e pessoas. Com o tempo, começamos a perceber que algumas composições, desses encontros, podem marcar mais nos outros do que em nós mesmos. E mesmo que você ache que não tenha nada a adicionar, essas pessoas querem você mesmo assim. Por vezes, elas têm a plena certeza de que você vai mais subtrair do que adicionar, mas apostam em você ainda assim. Elas pagam pra ver. Daí, Sartre e todo aquele pensamento do *substituível* vão ficando menor; vão fazendo menos sentido. Chegou o novo João, mas ainda falam de você. Chegou a nova Maria, mas ainda riem de você. As piadas acabam. Começam a exigir sua presença para rirem com você. Para que, caso você se afaste novamente, já terão novos conteúdos pra rirem de você outra vez. E isso pode se repetir até o final dos seus dias. Porque, inevitavelmente, não cansam de você. E você pode se perguntar: o que eu fiz pra merecer tanto querer? Talvez Nietzsche te responda: é a vida que está em jogo! Por isso, não perca mais tanto tempo com respostas para perguntas. Só vá!

Uma última vez definitiva: que diferença faz a diferença que você faz? Difícil resposta... Vem na ponta da língua, mas não consigo morder e cuspir. Diante de tamanho esforço eu sinto um cansaço. E, cansado, me dá vontade de começar a agradecer.

Até mesmo porque o jogo tem regras. E preciso reconhecer essas regras para jogar também. Um total estranho está fora do jogo. Vira um *café-com-leite*. Então, eu sigo meio estranho. Meio isso. Meio aquilo. Sigo assim mesmo, dividido. Meio cá, meio lá. De um modo ou de outro. Para poder continuar fazendo parte. Para não ser esquecido completamente. E agradecimentos fazem parte das regras desse jogo. Então, aqui vão meus meio agradecimentos.

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela tentativa de financiar esta pesquisa. Financiamento não efetuado por decreto presidencial maior.

À Universidade Federal do Maranhão através de seu Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Um coletivo de profissionais dedicados e atenciosos que, desde o ano de 2012, me acolheram com respeito, empenho, carinho e dedicação. Não só me apresentando possibilidades de caminhos para trilhar, mas estendendo a mão sempre que podiam. Até o fim, muito obrigado!

À professora Wanderlea Bandeira que, sem titubear, arrancou minha máscara na graduação, diante da turma na disciplina de aconselhamento. Pelo menos esta máscara, não voltou mais. Meu muito obrigado!

Ao professor Jean Marlos que não cansa de militar para que a psicologia prevaleça diante daquilo que é subjetivo. E que, na semana que completara quarenta anos de idade, me disse que sentiu a necessidade e se permitiu parar e pensar sobre o que isso poderia significar. O que é ter quarenta anos de idade? O que é chegar até aqui? Aquele momento, Jean, me fez pensar. E isso é tudo! Muito obrigado!

Às singulares contribuições dos professores Marcio Costa e Flávio Freitas durante todo o processo deste trabalho. Professor Marcio que, seguiu comigo através da gravação do áudio destas contribuições. Professor Flávio sempre disponível a fazer pensar através do *whatsapp*. Pode não parecer tanto, mas muitas ingenuidades foram embora desde então. Muito obrigado!

Vou ao passado... Até alguns momentos do colégio...

Ao professor Abelardo Pinheiro que, na sexta série, precisou me dar a fatídica notícia de que eu ia passar para o turno da tarde por já ter 46 saídas de sala registradas. Sendo que ainda não tinha acabado o primeiro semestre. Foi uma conversa dura e emocionante. Ou trocava de turno ou de colégio. Eu tinha apenas onze anos de idade, mas nesta conversa, fui respeitado como um homem, a ponto de entender todas as causas que me levaram até ali. De modo que me sumiu a infantilidade que quer tudo contestar. E que depois, aos meus quinze anos, me abordou durante a correção de uma prova perguntando o porquê de tantos etc. nas respostas. Disse que isso passava descredibilidade a quem estava corrigindo. Eu disse que todo mundo usava e por isso eu o fazia. Qual a solução? Eu perguntei. Estude sempre mais para escrever até que o etc. não seja mais necessário. Foi o que ele respondeu. Este era Abelardo e mais uns de seus modos de cuidado com um aluno. Professor Abelardo, meu muito obrigado! Só que, se tratando de mim, mais uma vez, não consegui contemplar tudo. Logo aqui vai uma dissertação repleta de etc. Mas é um etc. que vai ao modo gourmet; vai etecetera.

Ao professor Diógenes Moreira que, na conclusão do segundo ano do ensino médio, diante da minha reprovação prática, por alguns décimos na prova de matemática de recuperação final, disse ao colegiado que eu era bom aluno e que tirava boas notas em suas provas de geografia; ainda, defendeu que ficaria responsável pelo meu bom desempenho no terceiro ano, caso o colegiado aceitasse. Diógenes, meu amigo, talvez, nada tenha sido mais necessário para que eu chegasse até aqui. Meu muito obrigado!

À Tia Lília, aquela, psicóloga, professora e diretora do Colégio em que vivi boa parte dos momentos alegres de minha vida. Também, por durante a minha sexta série, ter olhado nos meus olhos e me chamado de medíocre. Isto porque eu estava na média e falei para ela que era só o que eu precisava para passar de ano. Não é todo mundo que tem a coragem de chamar um filho alheio de medíocre. Talvez, só alguém que encare alunos enquanto filhos. Hoje eu entendo, Tia Lília. Meu muito obrigado! Mas tente não se iludir. Aqui vai mais um trabalho medíocre. Como todos potencialmente são diante da boa flechada de uma crítica.

Aos *Irmãos*, Guilherme Caetano (o *Jojoca*), Guilherme Tulio (o *Pau-de-virar-tripa*), Wilson Magno (o *Sr. Wilson*), João Caruso (o *Clodovil*) e Robs(t)on Lima (o *Robinho*). Por me proporcionarem a beleza de ter crescido com vocês. Caetano, meu primeiro amigo, meu irmão. Nada temos de igual, absolutamente nada. Caetano quer salvar todos os cachorros de rua que existem, para que eles tenham um lar humano. Eu quero todos os cachorros

reintegrados à sua natureza, sem humanidade. Mas esta diferença nos foi tão importante. Crescer, ser educado e dividir momentos com um melhor amigo-irmão que não é seu espelho, nos proporcionou seguirmos pela diferença, aceitarmos as diferenças e compreender que pessoas são transformações. Amantes da diferença, acabamos escolhendo caminhos em que quase nunca nos encontramos. Mas quem tem irmão sabe, é pra sempre. Diferença que trouxe os outros tão diferentes. Tulio que é essa figura; poço infinito de piadas, de tiradas, de críticas. Tantas coisas em comum. Sr. Wilson, detentor do maior poder de ser afetado que eu já conheci. Para Wilson é quase tudo passional. Parece que já nasceu com aquele entendimento de que nada vale muito na vida se o sentimento envolvido, também, não valer. Caruso, como não sorrir ao seu lado? É um nonsense ambulante. E que coragem. Coragem de ir; de voltar. O cinismo declarado que a todos convence pelo cansaço é mais do que divertido, é alegria de viver! E quando o círculo estava fechado, eis que virou um cerco. Num paradoxo estreito entre uma vida inautêntica, ao mesmo tempo em que, vai aos encontros com total autenticidade; foi Robinho que apareceu no final do segundo tempo. E se impôs. Disse que o jogo ainda não tinha acabado e que queria entrar. Meu amigo, meu irmão, você conseguiu trazer mais alegria para aquilo que já estava perfeito. Talvez tenha sido esse o nosso erro. Agora seguimos por aí, insaciáveis e querendo sempre mais. Caetano, Tulio, Wilson, Caruso, Robinho, meus irmãos, para sempre, meu muito obrigado!

Este mesmo Robinho, tão desajeitado, mas amante do plano. Sempre bem-sucedido em se tornar base de bons encontros e composições. Também fora peça fundamental para compor os *Lindões* que tanto me alegram e animam. Paulo Victor (o *PV*), que não cansa de nos surpreender positivamente. Péricles (*Cauã; Netuno Ariel*), os agudos e falsetes mais bonitos de se ouvir; Flávio (*Nêutron*), eterna e terna companhia segura e agradável; Francisco Junior (o *Turista*), nem Kelsen fora mais habilidoso com os afetos; Diego Braga (o *Mito*), sem comentários para esta entidade que os dispensa só com o olhar; Julimar (o *Pequeno*), coração imenso para um corpo imenso; Berilo (*De Freitas*), o retrato da beleza espelhada no carinho; Rafael (o *Artista*), encontros alegres de uma vida alegre; Roberto (*Robertinho*), ausência que não incomoda só por ser de uma presença tão digna; Júlio (o *Fofô*), a reencarnação do espírito do heavy-love-metal; Francivaldo (o *Francês*), que não cansa de me surpreender negativamente; Daniel (*Correia*), o Timão do meu Pumba. Aqueles com quem vivi mais histórias: Daniel (*Almeida*), imensa força sempre que não está separado do que é capaz. Disposto a tudo pela felicidade daqueles que ama; Raul César (o *Bonito*), expressão

de sensatez, de responsabilidade, de empenho, força capaz de preservar os bons encontros a favor dos seus interesses; Yuri Rios (*Yuri Rios*), como não te amar? Meu amigo de espírito grande! Potencial imenso! Que já nasceu mais que importante! Dom e talento que não estão nas vitrines. Não o dom da música, mas o dom da alegria; José Inácio (meu Alcebiades), será que há o que escrever? Ainda que não exista ciência capaz de explicar a potência que sou ao seu lado? Um legado construído. Provavelmente, o encontro que é ferramenta para todos esses outros. Ainda há muita coisa por vir, meu amado. Meus Lindões, até o último dos meus dias, muito obrigado!

Às presenças que adoçam, embelezam, alegam e animam e potencializam a vida daqueles que as respeitam e cultivam. Tão competentes, leais, animadas, fortes e determinadas, que merecem verdadeiros castelos reais construídos aos seus pés pelas mãos de um milhão de príncipes montados em seus cavalos de diamantes. Jaynara Macedo e Isys Caldas, irmãs que o colégio me deu; Lidiane Verônica, Thaylana Paiva e Juliana Cutrim, amigas e irmã que a universidade me presenteou; Debora Mousinho, o encontro que a vida me proporcionou e eu recusei, mas a irmã que Yuri Rios insistiu em me dar. A quem devo agradecer? Minhas amigas e irmãs, vocês são gigantescas companhias para uma vida cheia de graça. Até o fim, muito obrigado!

À turma do mestrado que mais tentou e conseguiu nutrir encontros para a potência de todos. O Team Clínica: Anne, Yuri, Ana, Bruna, Samily e Samiris. Aos demais tão brilhantes: Flávia, Camila, Josman, Carol, Lucidalva, Neylla, Ramon, Thaís, Thais, João, Katyuscia, Juliana, Muniz, Ruy, Steffi, Alcielma. E o inigualável Renan Baltazar. Vocês são exemplos de estudantes e profissionais. Obrigado por tudo!

Às minhas novas composições de modos de vida familiar. Dona Lu, Hellu, Larah e Seu Fão. Obrigado por toda a paciência, apoio, carinho e força. Ser acolhido por vocês tem sido uma experiência transformadora.

Ao meu tão amado *Place*. Claudio (*Lira*), Saulo (*Zola*), Felipe (*Musta*), Gustavo (*Gus/Fringe*), Brion (*Nhô/Sands*), Luan (*Gianechini de Cajapió*), Marcos (*Ê Preto!*), Lucas (*Picurikas*), Alexandre (*o Doka*). Este que deve ser o grupo com o maior poder de afetar que existe. Tão seletivo grupo, mas não por segregação. É só que o *Place* quer tanto uns aos outros que já estão lá, que não sobram aberturas para outrem. Grupo que, também, conta com a ilustre presença de Francisco Junior (*o Cisco*), este que nos presentearia com sua existência. Tão singular que foi capaz de criar um devir Cisco. Exemplo de maestria no que diz respeito

ao poder de agenciamento dos bons encontros. Meu querido amigo e irmão não há palavras para descrever o tamanho da alegria que sinto na presença de tudo o que construímos (*Mas, tá ligado né!*). Apelidos, alcunhas, segundos nomes podem ser modos de composições. Podem dizer muito mais de quem as colocou em nós do quê de nós mesmos. Como se fosse um modo de quem apelidou estar sempre conosco na medida em que nos reconhece por este nome que nos atribuiu e que é criação sua. É querer *territorializar* o outro por que esse tem um grau de importância. Faz diferença. É um grande barato! É troca de afetos. Bem ou mal, é querer! Aqui vai, para sempre, o *Boca* de vocês!

A aqueles que, em vários momentos, foram um devir irmão mais velho para comigo. Gildo Junior, Airtinho, Aécio, Flávinho e Vinícius. Aqui vai um devir irmão mais novo de vocês.

À minha família. Aquelas que, em vários momentos, foram um devir mãe para comigo. Tia Ana Paula, Tia Silva, Katinha, Socorrinha. Obrigado por tudo! Aqui vai um devir filho de vocês.

A aqueles que, em vários momentos, foram um devir pai para comigo. Deocleciano Vespúcio (avô chefia), Tio Fernando, Tio Júnior, Tio Inácio, Aldir Filho (o *Padrinho*), Gabriel Bernardes (Tio *Jacaré*), Ilmar (o *Chefia*). Muito obrigado! Aqui vai um devir filho de vocês.

Aos meus primos-irmãos, companheiros em vários momentos de uma existência alegre. Alex (*lokão*), Fernandinho (*Mano Brown/ Homem Látex*), Gustavo (*Caaaarraaaaaa*), Danilo (*Chicken Little*), Débora (*Dhehbhohrhah*). Obrigado por existirem!

Ao Mestre Jadir Lessa, este devir contagiante; multiplicidade de encontros nos quais eu, realmente, nunca sei com quem vou encontrar. Meu caro, o cuidado e carinho que surgem e que sinto em nossos encontros só se comparam aos de um pai para com seu filho. Não encontro palavras para agradecer à importância de toda esta transformação. Mas encontro o sentimento. Que é sentimento de seguir com uma vida cheia de nossos encontros. Meu amigo, muito obrigado!

Ao Mestre Sérgio Helal, este devir intenso. Este que, chorando a todo o momento, me ensinou que homens podem chorar. Mas não chorava em vão. Chorava porque sabia ver com o coração. Sentia o acontecimento dramático antes que os outros pudessem vê-lo. E, assim, me ensinou, também, que sentir o drama é ver com o coração. Esta carga tão intensa,

fluxo misto de agonia, prazer, aprisionamento e liberdade, devir, dever, mas tão bela – justamente pela necessidade de ser assim – que, por vezes, a impressão que dá é que ele (o coração) não vai aguentar... Companheiro, talvez, nada tenha sido mais valioso do que tal instrumento que seus ensinamentos me proporcionaram. Amigo, meu muito obrigado!

Aos irmãos que os encontros afastaram de mim. Iury, Leilton, Anderson. Um dia deixarei de estar em falta. Obrigado por tudo o que vivemos!

À Kamilla. Que acontecimento! Que efeitos! Até agora tento calcular como um café carioca e um pão de queijo mineiro podem anunciar o retrato baiano da perfeição. Que é poder conter, no corpo de uma só mulher, todos os espíritos das musas registradas por Jorge Amado. Mas não há cálculos! Você é o cravo e a canela que temperam os meus dias. É também a luz que iluminou a Praça de Santana do Agreste e as minhas noites. Tem querer! Que atravessa e revoluciona, todos os dias, através de um corpo implacavelmente forte, destemido e decidido, qual eu tento capturar, mas falho sempre que posso. É uma graça que essas suas tentativas de sempre tentar se definir, acabam revelando, nelas mesmas, também serem ineficazes de captura, diante da imensidão que é o teu devir. Mas você não tá nem aí. E sorri e chora, e me ama e odeia, e briga com deus, depois faz as pazes. E eu vou costurando todos esses pontos que você solta por aí. Só pra te mostrar que todos fazem parte dessa mesma mulher abissal. É só isso que eu sou diante de ti, uma agulha. Mas aí você me toma nas mãos e me mostra o quanto uma agulha pode ser um corpo forte e poderoso. Ela é fácil de carregar, tem uma ponta capaz de apontar, pontuar e furar e, junto a uma linha, transforma-se nesse instrumento capaz de costurar, de unir, de juntar, de misturar, de compor. E a gente segue arregaçando um ao outro. E arregaçamos a vida. E depois costuramos tudo para repetir o mesmo no outro dia. Valeu! Valeu mesmo! Valeu a pena, Kamilla! Vale todos os dias que acordo ao teu lado! Sempre! Até quando, não sei... Diz-se que não temos controle. Mas eu quero pra sempre e isso importa pra ca(censurado). Então, fo(censurado)-se! Ou melhor, nos fo(censurado)mos! Imensamente, te amo!

À composição primeira. Aquela que foi necessária para todas as outras. Companheiros de 28 anos de histórias. E quantas histórias... E que histórias... Os beijos, os abraços, os apertos de mãos. Os infinitos filmes de VHS nas noites, antes de dormir. As músicas de Caymmi no balanço da rede. As trilhas de novelas tocando no carro a caminho do colégio. As idas ao Araçagi, na praia, na chácara, na casa da vovó. As idas a São Pantaleão, na casa da vovó, nos carnavais. Desde um primeiro carnaval no qual eu pude ser possível até

este, por vir, sempre podendo ser palco para uma nova vida. As idas ao jornal. As viagens. Os cachorros; depois os gatos. O Parque Universitário. A casa 22. Até a querida Lene, que foi alegre companhia e companheira nos últimos anos. Inúmeras referências que me permitiram pensar, agir e sentir o mundo do melhor modo possível. O constante e incessável apoio, torcida, afetos e amor. É este o verdadeiro dom da vida. Não o surgimento, mas a sua manutenção, seu apreço, o esforço sobre para a sua afirmação. Agradeço mais que imensamente. Agradeço dramaticamente. Agradeço com o coração. Ao grande Heitor e seu receptáculo de momentos felizes (do Sacaninha ao Engenheiro), esta multiplicidade de figuras, formas e encontros que tenho orgulho e prazer em chamar de Irmão. Aos ásperos e lisos Marquinho e Geyza, professores de uma vida, incríveis seres humanos de carne e osso e grandes mestres na arte do amor incondicional, quais tenho gigantesco prazer e orgulho em chamar de meus pais.

Já ia me esquecendo... Agradeço a Pablo Sales. O corpo mais compacto com qual pude me encontrar; tão mínimo de extensão, tão frágil de dever, mas máximo de devir e virtualidade. O senso comum costuma atribuir ao cão, o título de amigo fiel e leal. Mas este título é de Pablo. Não o de cão. O de maior amigo fiel e leal. Meu irmão, sempre estarei a um passo de um moralismo capaz de regular sua vida. Mas só, também, porque essa sua intensidade que passa, me desperta as peripécias daquela velha dupla entre um bloco e outro, ou entre o caminho do camarote para a pista. E é por esse devir quase imparável e tão contagiante que eu agradeço: muito obrigado!

A Ribamar Ribeiro Junior (o *Joca*). Obrigado pelo apoio, pela torcida, pela força de sempre, meu amigo. Aguardo-o para outra reunião deste nosso trio.

Agradeço, falsamente, aos demais camaleões desvairados, aos hipócritas, aos fariseus, aos canalhas, aos que escamoteiam, aos que escondem a mão, aos insensíveis, aos pela metade, aos donos da razão, aos perfiladores, aos possessivos, aos indicadores, aos cocheiros por serem exemplo do que exercer para uma vida cheia de filtros e de meias palavras; tão densa quanto os aterros sanitários, tão clara quanto as vitrines de shoppings e tão marcante quanto perfumaria.

Agradeço, também, a Dominic – que se compõe no ventre de um corpo implacavelmente forte, destemido e decidido; em noites calmas de estrelas calmas, com tons calmos da minha voz, flutuando sobre o silêncio que nos rodeia – por despertar em mim o que faltava para querer completar este trabalho e para um modo de vida qual sua

profundidade eu ainda não consigo dimensionar. O velho manetinha e sua bisa, deixaram comigo algumas indicações de como levar uma vida alegre. Mas a decisão é sua, se vai fazer uso delas ou não. Há também indicações minhas que dizem respeito ao mês de fevereiro. Pelos menos duas indicações importantes. Logo você saberá sobre algo chamado signos do zodíaco. Que basicamente quer dizer que boa parte das pessoas do seu mundo acredita piamente que o comportamento humano é regido por astros, e isso está diretamente relacionado ao mês em que você nasce e mais qualquer outra coisa do tipo. Eu mesmo não acredito, mas acho necessário adiantar este tema por que, mais tarde, você será conhecido como um aquariano, o que pode gerar certa confusão. O fato é que a maioria dessas pessoas acredita que, quem nasce em fevereiro, tem certa tendência a demonstrar comportamentos significativamente diferentes das demais pessoas que nasceram nos outros onze meses possíveis. Esses comportamentos são expressos como, por exemplo, ser muito imprevisível, ter atitudes desconcertantes em relação às expectativas dos outros, ter sonhos além da conta, ser muito do tudo ou nada, sempre insaciável, muito teimoso, ter vício em liberdade, entre outros. Só o fato de eu escrever este agradecimento a você, assim desse modo e ainda por agora, é uma ação que essas pessoas poderiam apontar para me caracterizar como um típico aquariano. Fora essa questão de eu não acreditar em signos do zodíaco. O que já me enquadraria como alguém com um comportamento de descrença; que é diferente do comportamento de crença que a boa parte dessas pessoas tem. Logo, sendo eu, parte da minoria, esta seria mais uma prova de eu ser de aquário. É claro que isso tudo pode não passar de uma boba preocupação minha. Provavelmente você nem vai ligar pra isso daqui a uns quinze ou vinte anos, com boa parte dos seus modos de vida sendo programados por inteligência artificial. Talvez até ache tudo muito engraçado, porque, acreditando em signos do zodíaco ou não, algumas coisas, surpreendentemente, batem. E isso pode vir a ser desconcertante. Mas o meu ponto é que, caso um dia, tudo isso realmente lhe incomode, caso lhe faça se sentir menor e traga alguma má angústia, existe ainda uma segunda indicação importante sobre o mês de fevereiro. Logo você saberá sobre algo chamado Carnaval. E independente do mês em que qualquer um tenha nascido – se forem para a rua durante esses quatro dias ou mais – todos serão de aquário; podendo alcançar um sentimento de liberdade absurdo ou, pelo menos, revelar o desejo por tal sentimento. E a decisão continuará sendo sua, se vai fazer uso delas ou não. Com uma breve, mas significativa ressalva quanto ao Carnaval. Diante dele, talvez não seja possível decidir. Talvez, até antes mesmo de pensar,

se sim ou se não, ele tomou você. Meu filho, que a vida lhe seja leve! Ou melhor, que as nossas vidas sejam um Carnaval!

Agradeço a maravilha que foi ter encontrado com todos vocês por todo esse tempo. É mais do que fantástico poder fechar os olhos, olhar para dentro, abrir os olhos, olhar para fora, e sentir que está aqui, comigo, neste meu mundo, uma composição de encontros alegres possibilitados por todos vocês. Se um dia, alguém perguntar a qualquer um de vocês, sobre que diferença faz a diferença que você faz – caso esteja cansado e precise de uma resposta rápida – aponte para mim e diga: Está ali! Nele ou com ele. Ali vai a resposta para a sua pergunta.

Agora eu vejo! Então, é para mim o agradecer...

Eu acredito que ela tem o tipo de magia que provoca revoluções e promove grandes descobertas. Não há nada que eu goste mais do que observar Gabriela no meio de um grupo de pessoas. Você sabe o que ela me lembra? Uma rosa perfumada num bouquet de flores artificiais.

Jorge Amado.

## RESUMO

Desenvolvemos, em leitura dramática deleuziana, a concepção de um possível posicionamento clínico que vai se compondo numa relação dialógica entre uma filosofia deleuziana centrada na ética e uma psicologia liberta do moralismo. Essa filosofia destaca-se como sistema de afirmação dos modos de vida enquanto necessários; tal psicologia dedica-se a um trabalho clínico cuja relação com o cliente atualiza-se através do exercício ético. Desconstruindo hipostasias racionalistas, teóricas e abstratas, são geradas condições de possibilidade para que o cliente possa perceber e afirmar o protagonismo das modulações existenciais éticas e morais dentro de seu plano de imanência. Logo estamos diante de um posicionamento clínico cuja proposta movimenta-se em direção à compreensão e não ao julgamento; nem quer o poder de acusar o que o ser é, nem o dever de defender negativas para definir o que ele não é. Somente anunciar um processo: o ser vai constante movimento e transformação.

**Palavras-chave:** Ética; Clínica; Composição; Devir; Deleuze.

## ABSTRACT

We develop, in a Deleuzian dramatic reading, the conception of a possible clinical position that is composed in a dialogical relationship between a Deleuzian philosophy centered on ethics and a psychology freed from moralism. This philosophy stands out as a system of affirmation of ways of life as necessary; such psychology is dedicated to clinical work whose relationship with the client is updated through ethical exercise. Deconstructing rationalist, theoretical and abstract hypostasies, conditions of possibility are generated so that the client can perceive and affirm the protagonism of ethical and moral existential modulations within their plane of immanence. Soon we are facing a clinical position whose proposal moves towards understanding and not judgment; neither does it want the power to accuse what being is, nor the duty to defend negatives in order to define what it is not. Only to announce a process: the being goes constant movement and transformation.

**Keywords:** Ethic; Clinic; Composition; Becoming; Deleuze.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: CADA UM É O FANTASMA QUE LHE CABE.....</b>	<b>20</b>
<b>1º Ato. NA BOCA DO LOBO – O CORPO QUE DESEJA É UM ALGUÉM QUE NÃO EXISTE.....</b>	<b>40</b>
<b>2º Ato. POR ACASO HÁ UMA NECESSIDADE – O DEVER DO DEVIR.....</b>	<b>66</b>
<b>3º Ato. O GRITO DENTRO DA BOCA – A INTENSIDADE QUER PASSAR.....</b>	<b>97</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO – CADA UM É O FANTASMA QUE LHE CABE

O psicólogo reserva uma sala como objeto utilitário para o atendimento. Na sala há outros incontáveis objetos utilitários. A reserva é também de um horário, geralmente de cinquenta a sessenta minutos de relógio; um espaço entre uma hora e outra dentro do dia. Um espaço utilitário. O cliente chega. Os corpos se encontram. Tudo começa com um jogo de imagens. Entra em curso uma abordagem. O psicólogo atende o cliente enquanto um indivíduo orgânico e psicológico. Para o cliente, o psicólogo também o é. Com algum esforço, o psicólogo faz perguntas. O cliente as responde de qualquer jeito. Se cala, seu silêncio é interpretado como presença. Com um pouco mais de esforço, o psicólogo forma algumas conexões comuns entre algumas das respostas. Elaborar perguntas afetuosas. Elas provocam; incomodam; eliciam. Pode acontecer da postura dos dois mudar. O jogo aquece. Talvez haja um conhecimento sendo construído. As subjetividades emergem mais dispostas. Explodem sentimentos, emoções, afetos; variações de estado de tristeza e alegria. Eis que numa virada, pode surgir mais uma transformação neste encontro. O atendimento vai transformando-se em acolhimento. É a singularidade do psicólogo acolhendo a singularidade do cliente. Mas não se sabe informar quando acontece. Posto que, não seja um dever que aconteça. Mas, se acontece, pode ser efetuada no segundo depois, na semana depois, no mês depois, no ano depois. Visto que, não há uma ordem. Os seres são movimentos; são forças com poder de afetar e ser afetados. O psicólogo é mais um desses seres, mas ali, minimamente difere-se pelo pouco de conhecimento e esforço para explorar estes poderes, ou pelo menos despertar o cliente para a existência destes. Ideias, afetos, provocações. Sangue; transparente cai dos olhos. Parece agora uma sala de cirurgia. Com ética, o psicólogo vai operando o cliente com o diálogo. Se há pontos de sutura na superfície do cliente, são pontos morais. O psicólogo tenta desfazer todos eles. É difícil. É tenso; denso. Olhar para dentro é doloroso. O psicólogo sabe disso; ele precisou olhar algumas vezes para que os caminhos fiquem mais claros e fáceis de ser percorridos. Agora, junto ao cliente... Mas é este o caminho do cliente... Isso quer dizer que os poderes do psicólogo não são suficientes para a transformação maior. O cliente precisa fazer a parte dele. Mas a dor é insuportável. O cliente quer remendar a sutura da ferida a qualquer custo. O psicólogo joga de novo. Aponta variações de possibilidades de dor; modos de viver ferido; e sempre lembrando o cliente de que a dor

acaba uma hora – mas volta. O cliente entende parcialmente. Continua buscando a cura, uma fórmula, uma técnica. A dor repete. E junto a ela, o cliente, também, se repete. Voltam tantas vezes que, num dos retornos, percebe que a dor diminuiu. Já não incomoda tanto. Talvez, o encontro caminhe para mais uma transformação. O psicólogo revela que, também, percebe mudanças na ferida exposta. Conta para o cliente que faz parte do processo. Modos de explorar a exposição. Sem reproduzir outra sutura; sem entrelinhas; sem mistério. Somente ideias cruas, nuas, adequadas. A ferida está aberta. Talvez, a transformação final tenha chegado... O psicólogo pergunta se ainda dói. O cliente responde que sim. O psicólogo insiste. Pergunta como dói. O cliente não sabe informar. Diz que não é dor de doer. Que é dor de prazer. O jogo muda. O psicólogo quer saber mais. Tem sede. O cliente não sabe dizer. E sorri. Alegre. Por não saber dizer. Já é fora da clínica. O cliente vive. Percebe infinitas possibilidades de caminhos para trilhar. Percebe com medo. Percebe embaçado. Caminhos pálidos. Fecha os olhos. Abre novamente. O tempo dobra. Muitos caminhos. Alguma coisa do psicólogo estava ali com ele. Não precisava saber ao certo o que era. Mas sentia forte. Vários caminhos. Mais cor; mais brilho. Entre tantos, três ficam mais claros: 1. seguir com a ferida aberta; 2. pagar por uma outro sutura; 3. reinventar um novo corpo para a velha ferida. Sobre o cliente, o psicólogo já nada mais sabe. Alguma coisa do cliente ali estava. O psicólogo tem a vida toda para aprender o que fazer com ela. Ou só até o próximo encontro. Que não se sabe quando. Justo que, não é uma obrigação que aconteça<sup>1</sup>.

Dir-se-á mau, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência. É que, à força de encontrar indiscriminadamente qualquer coisa, seja sob que relação for, julgando que sempre nos sairemos bem à custa de muita violência ou um pouco de astúcia, como não fazer mais encontros maus do que bons? Como evitar que nos destruamos a nós mesmos, à força de culpabilidade, e destruamos os outros à força do ressentimento, propagando por toda parte a nossa própria impotência e a nossa própria escravidão, a nossa própria doença, as nossas próprias indigestões, as nossas toxinas e venenos? Acabaremos por não mais encontrar sequer a nós mesmos (DELEUZE, 1981/2002, p. 29).

Descobri durante a qualificação deste trabalho, que Gilles Deleuze (1925–1995), quando ainda era vivo, escreveu um texto cujo título ele pôs de *O homem, uma existência duvidosa*<sup>2</sup>. Os textos de Deleuze já me impressionavam antes – com seus conteúdos e títulos

---

<sup>1</sup> Esta é nossa imagem poética e ilustrativa de mais um encontro na clínica ética. Está aqui como simples adereço da introdução. Mas, se algo lhe causar, tire bom proveito.

<sup>2</sup> Cf. DELEUZE, Gilles. “O homem, uma existência duvidosa” (1966). IN: A ilha deserta: e outros textos. Trad. Luiz Orlandi (org.). São Paulo: Iluminuras, 2006.

afrontosos – mas este me causou forte reboliço interno. Ou será que foi externo? De qualquer modo, Deleuze está morto, bem como boa parte dos autores que serão citados aqui neste trabalho. Mas o que será que este queria colocando a minha existência em dúvida? E a sua também? A qual modo de existência Deleuze se referia? Será que a dos perfis em capas de revistas da época dele, como a *Manchete*, *Caras* ou *Contigo*? Princesas e Príncipes de Mônaco ou da Inglaterra? Grandes pensadores honrados em publicações anais? Vencedores do Prêmio Nobel? Se for somente por aí, talvez eu ainda não deva concordar com ele. O fato é que Deleuze é morto, ou está morto, ou não existe mais, ou se era ou foi ele, realmente um homem, é possível que sua existência também fora duvidosa – pela razão ou pela intuição, ou por ambos, pode ser então que ele nunca tenha existido. Mas sua importância acadêmica, pelo menos para a Filosofia, continua sendo tamanha<sup>3</sup> – tanto quanto o número de seus livros e todas as páginas neles, com toda a densidade poética contida nelas. Deleuze não só escreveu sobre muitos temas, como, também, retornava a questioná-los depois que os escrevia, e o fazia sempre que podia. A impressão que passa é a de que fez isso, assim mesmo, incansavelmente. Questões sobre: de onde vêm, de novo, as coisas? Como, de novo, se dá seus processos? Até a onde podem, de novo, ir? Etcetera...

O fato de Deleuze ter sido tão bem informado sobre tudo o que era notícia e novidade – até mesmo as da cultura pop<sup>4</sup> – me faz refletir agora sobre coisas como: se houvesse a assinatura da *Netflix* ou *HBO*, no tempo de Deleuze, ele provavelmente seria um assinante, e talvez ele não tivesse mais tanta disponibilidade para escrever tudo o que escreveu – é difícil para um homem, fã de entretenimento visual, dividir sua atenção entre o próximo capítulo de *Game of Thrones* e qualquer outra coisa – ainda mais se este for uma existência duvidosa; também, se houvesse o gênero musical *K-POP*, ele poderia muito bem ter sido um fã desses expoentes máximos de *boy bands* coreanas; e quem sabe um *blogger*, ou *youtuber*, ou até mesmo um *tiktoker* – isso poderia combinar com Deleuze – ou não, se estas coisas atrapalham e/ou afastam o homem de seu processo acadêmico, dentro de sua vida acadêmica, com suas questões acadêmicas, etcetera. Pode ser, então, que Deleuze, as teria avaliado como nefastas práticas duvidosas de uma existência duvidosa.

---

<sup>3</sup> Cf. COELHO, E. P. Grandeza de Gilles Deleuze. Público, Lisboa, 9 de fev. de 2002. Sup. Mil Folhas.

<sup>4</sup> Cf. DELEUZE, Gilles. Cinema I: A Imagem-Movimento (1983). Trad. Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Falando em vida acadêmica, esta mesma já não tem tanto glamour nos dias atuais. É bem como o argumento do filme *Onde os fracacos não têm vez*<sup>5</sup> – “Se o seu negócio não estiver online, ele está fadado ao fracasso”. Como vender Deleuze? Como deixá-lo interessante? Ainda temos o futebol todas as quartas e domingos, além de vários outros serviços de *streaming* que concorrem com a/o *Netflix*. Como me deixar interessante para você que começou a ler este trabalho aguardando mais uma introdução organizada como qualquer outra?

Mas não vacilemos agora! Começamos escrevendo sobre Deleuze, não sobre eu mesmo, que busco aqui, com estes parágrafos de conteúdo desordenado, pleitear o tão sonhado título de mestre – o tão sonhado título de mestre? E tudo para me aprofundar um pouco mais no mundo acadêmico. Como Deleuze. O que me espera além de ser professor de uma faculdade particular, ou um professor funcionário público de uma universidade pública? Quem sabe um palestrante internacional como Leandro Karnal ou Sergio Cortella. Pode haver algum glamour nestas atividades! E pesquisador também... Eu havia me esquecido deste último. Mas me justifico e peço desculpas. É porque, de tudo o que ainda consegue existir atualmente no mundo acadêmico, este, absolutamente, não tem qualquer glamour. Já nem sei se isso ainda existe como profissão assalariada, ou remunerada, ou auxiliada, ou pagável. Mas isto não é desculpa para não empreender! Mesmo que um pesquisador não tenha um carro próprio, por exemplo, as locadoras estão facilitando o empréstimo para motoristas de aplicativo. Aí está um trabalho cheio de glamour. Já que todo mundo, uma hora ou outra, acaba contando com ele. Fora o seu grande potencial para funcionar como uma renda extra. E se já houvesse o *Uber* no final do século passado, talvez já tivéssemos menos pesquisadores e muito mais motoristas e aplicativos atualmente. Nunca é demais?

Será então que, é o pesquisador, esse ponto mais alto, além do cume da montanha ainda mais alta, escalada por um monte de homens com existência duvidosa? O que queria dizer Deleuze com isso? Como se atreve? Um homem como ele que aparentou viver uma vida sem qualquer glamour para além de seus livros<sup>6</sup>. Seu legado reverbera até hoje por culpa de suas construções lógicas e/ou intuitivas e nada mais. O puro conjunto de ações limitadas a pegar uma caneta e escrever demasiadamente numa folha de papel até estar satisfeito – ou numa máquina de datilografar – sem telas, sem cores, sem ctrl+c/ctrl+v e sem fácil acesso à

---

<sup>5</sup> Retrata a naturalização da violência por uma geração estadunidense que crescia com o medo instaurado em meio ao pós-crise de 1929.

<sup>6</sup> Cf. DELEUZE, Gilles. *Conversações* (1990). Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

pornografia. Deixo aqui, para o fantasma de Deleuze, a certeza de que, pelo cansaço, sou obrigado a concordar com esta afirmativa de que o homem realmente tem uma existência duvidosa. Deixo para o fantasma e não para o próprio Deleuze, porque seu corpo está morto. Ele tirou a própria vida, jogando-se pela janela de seu apartamento.

Era, um sábado em Paris no ano de 1995, dia 4 de novembro<sup>7</sup>. E é por aí que qualquer dúvida acaba, pois não há existência sem vida, e já sendo a existência do homem, uma coisa duvidosa, a dúvida mesma há de cessar. Alguns acreditam que Deleuze estava ansioso para elucidar logo essa indagação maior, e por isso fez o que fez. Que neste caso é se Suicidar – assim com *S* maiúsculo, para que não deixe de ficar claro que, heróis, não só podem morrer de overdose, como, também, podem tirar a própria vida. Sendo até comum que esses dois modos de por um fim de ponto final, apareçam constitutivos um do outro.

Mas não há o herói sem haver, também, a vítima, ou qualquer necessidade de salvamento – numa condição em que o indivíduo incapaz não é possuidor dos meios para salvar-se por si só ou tirar a si mesmo da perdição. Daí alguns, organicamente, creem em muitas coisas, e entre elas está a da certeza de que o fim não precisa ser um ponto final, mas sim um novo começo. Como por exemplo, o argumento utilizado pelo setor comercial das grandes empresas de cosméticos e suplementação alimentar, que reforçam a ideia de que os atuais 50 são os novos 40. E isto por conta de, para alguns, ser chato, ou feio, ou de mau gosto, pensar que já se está, ou se está chegando à chamada Meia Idade. Como se tivesse sido comum, pelo menos nos últimos séculos, que a maioria da população mundial tenha vivido até o dobro da meia idade. Deleuze mesmo não o fez.

Alguns de seus seguidores – não das redes sociais como o *Facebook* ou *Instagram*, pois naquela época ainda não existiam; apenas seguidores de suas ideias e atitudes também, assim mesmo, sem a necessidade de trocar *likes* ou serem seguidos de volta – consideraram o suicídio coerente, já que Deleuze tinha os pulmões afetados por um câncer desde 1992, e que só funcionava com um terço de sua capacidade. Imaginemos o quão impotente pode se sentir alguém que respira assim. Desse modo, Deleuze já não conseguia realizar aquilo que mais amava. Que podemos supor que era escrever e/ou pensar e/ou duvidar de tudo, o tempo todo. Então, o suicídio pode ter sido a única alternativa que ele encontrou para produzir para

---

<sup>7</sup> Cf. FREIRE, Vinícius. Deleuze se suicida aos 70 anos em Paris. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 nov. 1995. Mundo, p. 5.

si e/ou em si mesmo um novo modo de vida<sup>8</sup>. E tudo isso por fumar demais<sup>9</sup>. Mas, para os ministérios da saúde e direitos humanos ao redor do mundo, o cigarro não fazia tão mal naquelas melhores épocas de Deleuze. Hoje, redes sociais, perfis virtuais, seguidores, *likes*, *views*, etcetera, também não fazem.

Reflito agora sobre coisas como: se da janela do apartamento de Deleuze dava para ter uma clara visão da Torre *Eiffel*; se a última coisa que ele contemplou com a sua visão fora a torre ou o chão; quantas pessoas podem ter se jogado por uma janela e se suicidado naquele ano de 1995; quantas pessoas podem ter morrido naquele ano ao total.

Escrevo estas linhas 25 anos depois, sentado numa escrivaninha. Uso um notebook com uma tela e um teclado bastante confortáveis. Ele foi presente do meu pai. Eu mesmo não teria dinheiro para comprar um desses. E não terei se continuar só pesquisador. Há uma janela à minha esquerda. Estou no terceiro andar. Eu tenho 28 anos agora e não tenho qualquer motivo para me jogar por ela. Mas deveria? Desta altura, também, eu nem morreria. E teria até certa dificuldade nesse movimento, pois a janela começa numa altura que mede um pouco abaixo do meu peito. Preciso de uma quantidade significativa de força para me apoiar e subir nela de modo que eu possa só deixar meu corpo cair. Penso agora no nível de dificuldade que eu teria aos meus 70 anos de idade e somente com um terço do meu pulmão funcionando. Talvez se eu desejar muito... Não sei dos desejos que terei aos 70. Ou se eles serão mesmo os meus novos 60. Nem sei se chegarei lá. Talvez Deleuze desejasse muito. Tão bastante ao ponto de ser tornar só o que ele desejava. E se não havia outra coisa com o que dividir o desejo, pode ter sido uma tarefa fácil para o Deleuze senhor de 70 anos, quase sem pulmões, subir e deixar seu corpo cair. Fora as dores. Tenho só 28 e já sinto algumas delas.

Mas o leitor não precisa se preocupar. Não com esse retrato de Deleuze. De certo que ainda existem outras preocupações é claro. Como as últimas notícias sobre mortes em nosso país e os dados pelos quais me atualizo enquanto escrevo nesse momento. Eles informam, hoje, que elas já passam das 135 mil, nestes últimos meses. Todas vítimas do *COVID-19*. De fato, estamos passando por um quase final de pandemia. Mas quem ainda está contando? E

---

<sup>8</sup> Cf. GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

<sup>9</sup> Além da prática frequente do tabagismo, Deleuze tinha a saúde respiratória/pulmonar já debilitada desde a infância. Em 1968 foi acometido por uma tuberculose que decompôs seu corpo, também, através de uma cirurgia de toracoplastia, tirando metade de seus pulmões. Neste momento, os acontecimentos presentearam Deleuze, ao modo cavalo de Tróia, com uma insuficiência respiratória que o acompanhará até o novembro de 95. Sem não antes, também, ele experimentar um começo de alcoolismo (DROIT, 2002; DOSSE, 2010).

o Deleuze que nos acompanhará ao longo deste trabalho é imune a qualquer contratempo. O Deleuze que escolhemos para compor este trabalho tem um corpo de 25 anos de idade, mas com a maturidade de uns 95. A idade que ele teria hoje. O que me faz refletir: se o cigarro não tivesse o ajudado a chegar até a sua morte, o *COVID-19* teria, ou qualquer outra coisa dentro deste intervalo de 25 anos. São tantas as possibilidades que é de se duvidar mesmo que tenha existido...

Mas forcemos a imaginação; ou imaginemos com a razão: e se ele ainda estivesse vivo? Talvez por ter conseguido parar de fumar enquanto era tempo, ou por ter começado a tomar duas cápsulas de ômega-3 todos os dias sem cessar. O que ainda pode desejar um homem velho ou um velho homem aos 95? Seria sua existência ainda mais duvidosa que a de um pesquisador aos 28? De qualquer modo, sei exatamente a primeira coisa que eu diria e proporia a Deleuze assim que o encontrasse: – O senhor pode ficar tranquilo, pois eu já tenho a solução para toda essa angústia! Mesmo que não haja mais o mesmo interesse, nem o mesmo espaço, nem a mesma paciência e nem o mesmo respeito que um dia esteve disponível para as suas ideias, ainda há lugar para o senhor na praticidade exacerbada que tem se mostrado os meios mais funcionais e capazes de alimentar essas engrenagens metafísicas deste início de segunda década do século XXI. Para os desejos de ampliação de renda econômica, como a destinada a viagens pelo mundo ou à compra de um carro novo, o senhor pode pegar parte da sua aposentadoria de professor universitário francês e investir em *Bitcoin*, até ter o retorno do capital mais do que dobrado em pouquíssimo tempo. Para os desejos sexuais e viris, já existem pílulas azuis com um *blend* de compostos químicos e naturais capazes de causar uma ereção sem agredir o coração dos homens de Inteira Idade. Para os desejos de voltar aos tempos áureos, estão disponíveis várias plataformas de mídias audiovisuais com as gravações dos áudios de suas aulas, nas quais consta a participação presencial dos alunos implorando por mais conhecimento. Que o senhor pode ouvir pelo smartphone sempre que quiser. E para os desejos de libertação do estresse... O senhor já ouviu falar em cigarro eletrônico? E eu juro que posso visualizar Deleuze respondendo com uma indagação equivalente a esta: – Um cigarro eletrônico para um homem eletrônico cuja existência já era duvidosa? Eis aí o título de meu próximo livro: *As intragáveis decomposições do mundo pós-moderno (202-?)*.

Estas linhas acima são puras provocações que servem como pré-introdução deste trabalho. São estruturas gramaticais, linguísticas, estéticas e informativas, imagens

agenciadas com o intuito de jogar com o leitor. Levando-o a experimentar sensações e percepções – sobre o autor-personagem, suas reflexões sobre os demais personagens e cenários, e também sobre si mesmo – que podem alternar entre uma modulação, de dimensões morais, e outra, de dimensões éticas. Sua função aqui não tem qualquer outro objetivo a não ser este mesmo, provocar o leitor para empurrá-lo para fora da caixa, longe do senso comum e sem bom senso algum. É parte disto o que busca fazer o psicólogo da clínica ética ao abordar seu cliente. É parte disto o que chamamos de exercício ético. E é sobre o modo como encaminhar este exercício na clínica psicológica que trataremos como movimento deste trabalho.

Para que a clínica seja ética é bom que ela não seja moral. A ética aborda e acolhe o ser como uma multiplicidade. Só o que há de múltiplo na moral são seus sinônimos e flexões gramaticais. Tabuletas, mandamentos, códigos, leis, fórmulas, receitas, critérios, princípios, compostos, moldes, formas, cópias, duplicatas, objeto utilitário, ação utilitária, programação, perfil, caráter, personalidade, entre outros. A moral é ação que acompanha a vida humana com propriedade. É julgar o ser sob os valores da perspectiva de quem julga. A ética problematiza a perspectiva: quem julga? Quem é julgado? Como é julgado? Quando é julgado? Onde é julgado? Quem deseja o julgamento?

A inspiração para este trabalho primeiro foi um julgamento. Eu cursava a disciplina de Teorias da Consciência III, no quarto período de minha graduação. O professor era Jadir Lessa, o mesmo orientador desta atual dissertação. Salvo o engano, era apenas a segunda ou terceira aula desta cadeira. Sendo que eu tinha o costume de faltar a algumas aulas em começo de período, poderia ser a minha primeira da disciplina. A aula transcorreu normalmente. Nos minutos finais, o professor proferiu para a turma aproximadamente o seguinte: - Vou passar dois casos para vocês. O primeiro: há uma mãe e uma criança, sua filha. Elas estão de mãos dadas, atravessando a rua. Vem um carro na direção delas – de frente. Há um atropelamento. A filha, a criança, é atropelada, se fere gravemente. A mãe, por sorte, não teve nenhuma ferida sequer; absolutamente nada. Guardem essas informações. Agora, um segundo caso que aconteceu uns 15 anos após este primeiro: há uma jovem mulher no começo da vida adulta. Um dia, pela manhã, antes de ir ao trabalho, começa a desabafar com a sua mãe. Diz a ela que estava se sentindo infeliz. Se sentindo bem acima do peso. Não se achava bonita. Desgostosa de quase tudo, etcetera. Muito incomodada, vai começar buscando formas para emagrecer. Decide que a primeira será fechar a boca. Despede-se da mãe e vai para o

trabalho. No fim do dia, ao regressar para casa, a primeira coisa que a jovem encontra em cima da mesa, visualmente bem disposto: um grande e suculento bolo de chocolate. Daqueles que a cobertura transborda para o prato. Bolos de chocolate eram os preferidos da jovem. Sua mãe, quem havia feito. Ao indagar a mãe sobre o motivo de ter feito o bolo, a resposta foi: nada demais; fiz por fazer...

O professor segue: - Esses casos, que estou passando para vocês, são reais. Esta jovem adulta era uma cliente minha. Esta passagem do bolo de chocolate foi só mais uma. Ela pôde me dar vários exemplos de várias vezes que, quando tentava mudar algo que a estava incomodando, sua mãe, gentilmente, tomava alguma atitude que sutilmente anulava sua proposta. Esta minha cliente tinha algumas marcas no corpo. As marcas eram visíveis. Em um dos atendimentos eu achei apropriado perguntar como surgiram aquelas marcas. Então, ela me conta o primeiro caso. Era ela a criança. E continua para a turma: - Agora, diante de todas essas informações, como vocês julgariam o primeiro caso?

Eu estava pasmo. Olhei para a minha turma e percebi que boa parte, também, estava. Nos olhávamos pesquisando qual de nós tinha entendido o ponto do professor. O que estava ali além do comum? Por que esse jogo de revelar ao final que o primeiro caso era a conclusão do segundo (não seria ao contrário?), etcetera. Tudo parecia muito intrigante, mas nada víamos de conclusivo. Todos calados. Ou não entendemos nada do que estava acontecendo, ou estávamos diante de um exímio contador de histórias. Calados, permanecemos. O professor, então, pergunta para a mais astuta da turma, Lidiane Verônica: - O que você acha, Lidiane? Ela fez aquela cara desconcertante de sempre. A expressão que Lidiane faz quando está diante de algo que ela sabe que tem que dar um grande posicionamento, por ter sido eleita a líder e a mais brilhante da turma, etcetera. Mas nenhuma lógica poderia sair daquelas conexões. Pelo menos, ninguém da turma percebia. E eu, muito menos.

Diante do silêncio, do clima desconcertante para nós, o professor dispara: - Eu diria que foi homicídio! Na hora! Ora, uma mãe, andando com sua filha de mãos dadas na rua. Criança pequena! Vem um carro a ponto de atropelá-las... A reação de cuidado e proteção é puxar a criança para junto de seu corpo. Inevitavelmente, as duas saíam atropeladas. Mas só a criança saiu. Porém, a minha avaliação precisou saber do segundo caso, e de todos os outros retratados pela cliente. Nenhum de vocês chegou a essa conclusão?

A turma não foi só unânime como, também, firme: não! Mais ainda, estávamos nos olhando e desaprovando totalmente aquela conclusão. Nada ali nos atravessava. É aquele

momento da aula que mais parece um limbo. Eu estava atento porque achei mais do que absurdo. Naquele momento, o jovem que eu era, sentia um leve prazer em achar algumas coisas absurdas, julgar o desconhecido e se vangloriar pela perspectiva tão íntegra que tinha. Não posso afirmar se todo o jovem em começo de graduação é assim, mas este era eu.

Se nada parecia fazer sentido, o professor conseguiu elevar ainda mais: - Sabem por que vocês não chegaram até essa conclusão? Sabem qual a diferença na minha conclusão para a de vocês? Ainda calados. Atônitos. Diante de tanto *nonsense*, já estávamos empurrando o final da aula com a barriga. Então, o professor conclui: - É que vocês pensam como cristãos! E acreditam, cegamente, que todas as mães amam seus filhos acima de tudo! Foi a gota d'água. Senti um desconforto imenso. Eu vinha gostando da aula desde o início, mas chegando ali, tudo pareceu ir por água abaixo. Pensei: que papo é esse de cristãos uma hora dessas! Quando foi que o assunto virou religião! Concluindo: a impressão que tive, foi de que aquele professor havia esquecido o que é uma aula. E estava conversando informalmente com a turma, contando suas experiências, até que um de nós concordasse com elas e pudéssemos contar uns para os outros sobre nossa descoberta e aprender com esta, etcetera. Foi um julgamento. Eu o julguei cruelmente. Já faz quase sete anos desde aquela aula. Até hoje, aprendo com ela. E quando penso que conheci tudo o que aquele movimento tentou me ensinar com este exemplo, ao revisitá-lo, mesmo agora, escrevendo estas linhas, aprendo um pouco mais.

Foi uma composição que fez surgir a minha inspiração e meu desejo por este trabalho, isto é, foi ir além do julgamento – misturar todas essas experiências, e também, me misturar a eles compreendendo suas necessidades. Aspirações possíveis a partir do meu encontro com a teoria da clínica ética, apresentada pelo psicólogo e professor Dr. Jadir Machado Lessa em seu livro *A Clínica como Exercício Ético dos Encontros Afetivos* (2014). Fui aluno do professor Jadir durante a minha graduação em psicologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Lá, os encontros com o professor nas cadeiras que ministrava, nos grupos de estudo, congressos e rodas de conversa me aproximaram de sua pesquisa e do exercício ético com o qual este agenciava sua coexistência com qualquer um que vá ao seu encontro.

Sua ideia de clínica foi e continua sendo importante na minha formação como psicólogo e pesquisador. E esta nossa composição, enquanto orientando-orientador, é fruto do meu encontro com tal ideia, que, também, tem sido instrumento de inspiração para o modo

como eu busco criar o meu próprio posicionamento ético, nos meus modos de vida; âmbito pessoal e profissional. Nos encontramos aqui, enquanto um movimento que acolhe os interessados em desenvolver um posicionamento ético para o exercício de uma vida alegre.

Em quais fundamentos tal modelo clínico está estruturado? Centralizamos numa discussão e análise sobre os conceitos de/entre ética e moral, tal como operam na clínica. Tal relação conceitual tem alguns pontos teóricos básicos. O primeiro deles é a utilização das filosofias centradas na ética como intercessoras da relação clínica. De modo a ampliar a compreensão e promover a habilidade de discriminação do cliente sobre quais das suas relações, em todos os âmbitos de sua vida, são permeadas pelo estado emocional desejo, assim potencializando o devir através do sentimento de liberdade, e quais são permeadas pelo estado emocional medo, assim minimizando o devir através do sentimento de aprisionamento (LESSA, 2014).

Um segundo ponto são os filósofos que contribuíram para a construção desse pensamento ao longo do tempo: os estoicos durante a Idade Antiga, Espinoza durante a Idade Moderna, Nietzsche e Deleuze durante a Idade Contemporânea. Estes filósofos compartilhavam a ideia de o sentimento de aprisionamento estar direta e indiretamente relacionado à conduta moral, enquanto o sentimento de liberdade estar direta e indiretamente relacionado ao exercício ético. São autores que, equivalentemente, cada um, em sua época e circunstância, reconheceu que toda a história do pensamento Ocidental, desde a antiguidade – o que implica, a história do pensamento sobre a natureza, sobre o homem, sobre os modos de vida e etcetera – foi construída sob a estrutura de um tribunal de valores (LESSA, 2006/2014).

Um terceiro ponto é o que diz respeito à tradição do pensamento estoico, que através do tempo sofreu uma espécie de maturação e ampliação a partir da revisão de autores como os citados acima até o nosso Deleuze, que é quem agencia tais teorias. Essa tradição compreende uma dualidade da vida humana, que diz respeito a uma existência naturalmente dupla, que constantemente alterna entre o modo moral e o modo ético. E ainda valoriza a completa imanência das relações, seu materialismo. Desse modo, tal tradição, até os dias de hoje, também se mantém viva através de seu posicionamento contrário ao platonismo, o mentalismo, a transcendência, o dualismo, a dicotomia, a dialética, o positivismo, o psicologismo e seus possíveis desdobramentos teóricos. A clínica ética, conceitualmente, também se posiciona contra todos estes, mas somente quando tentam promover sua

possibilidade de eficácia dentro da clínica psicológica. Para as demais clínicas é justo que estas se esforcem para exercer sua possibilidade de intervenção.

E enquanto abordagem psicológica? Sim, a clínica ética é possível de ser assim caracterizada, mas seus agenciadores tem medo de que esta seja comprada assim por menos do que vale. Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2019, on-line), a palavra abordagem é definida:

1. Ato ou efeito de abordar, de ir ou chegar a bordo; abordada. 2. Assalto de um navio pela tripulação de outro. 3. Forma de se aproximar. 4. Maneira de tratar ou interpretar um assunto, uma questão.

Para o iniciante na clínica ética, reconhecê-la não só como abordagem, mas também como um movimento, pode deixá-lo mais próximo da ideia que, atualmente, seus entusiastas querem dar voz e sentido:

1. Ato ou efeito de mover(-se). 2. Deslocamento que um corpo faz de um lugar para outro. 3. Alvorço causado por grande quantidade de carros e/ou de gente. 4. Forma de mover(-se). 5. Série de atividades realizadas por organizações que possuem um mesmo objetivo. 6. Alteração no aspecto de alguém ou de alguma coisa. 7. Desencadeamento de ações que revelam pressa. 8. Evolução do pensamento artístico, histórico, filosófico etc. 9. Desenvolvimento rápido de um filme, uma peça, uma narrativa etc. 10. ART PLÁST Recurso utilizado para dar animação a uma obra de arte. 11. ASTR O deslocamento dos corpos celestes. 12. ADM Transferência de pessoas para outras funções. 13. ECOL Deslocamento de animais para outras regiões. 14. FILOS Tudo o que contribui para que o mundo esteja em constante modificação. 15. MIL Manobra estratégica que consiste no deslocamento de navios, de tropas etc. 16. MÚS Dinâmica presente numa peça musical, representada pelas velocidades contrastantes; andamento. 17. MÚS Cada uma das partes de uma composição musical. 18. ARQUIT Variação nas linhas de um plano, de elevação e de decoração de qualquer edificação. 19. FÍS Inconstância na posição espacial de um objeto no decorrer do tempo (MICHAELIS, 2019, on-line).

De todos estes significados, o que me afeta em maior intensidade, e assim gosto de me posicionar com relação à clínica ética, são todos eles. É desse modo que também me posiciono profissionalmente em relação a esta. Porque um movimento é sempre um encontro, de um ou mais corpos. É o movimento de partir, quando não é simples partir, mas um encontro com um corpo ativo, cheio de força, que força esse partir dissolvendo os mecanismos que condicionam o moralismo das relações, convocando o movimento ético próprio das partes envolvidas, eliciando possibilidades de implicação afetiva com qualquer situação na clínica psicológica e na vida cotidiana.

Mas, novamente, por que um movimento? Porque a clínica ética é desenvolvida para ser a proposta de operacionalização do exercício ético. E para exercer a ética clínica, não são absolutamente necessárias, quatro paredes estruturantes de um consultório para fazer advir o

a ética no encontro. Mas faz-se necessário que, entre esses indivíduos, haja a promoção da desorganização de sua condição moral. É necessária a contestação da presunção naturalista de conhecimento prévio para o desordenamento da obrigação de repetição do senso comum, do pensamento de massa, da moda, da formalidade, dos costumes cotidianos e dos valores morais como um todo.

E como se dá tal processo de desorganização e desordenamento da condição moral? Não há uma resposta absoluta para isso, visto que a ética é a problematização do absoluto. Mas podemos nos lançar ao conhecimento e nos esforçar através dele. Por exemplo: via reflexão crítica e/ou atitude fenomenológica, podemos abrir possibilidades de iniciar o exercício ético. Vejamos: ao perceber o conteúdo recordativo ancorado em minhas lembranças, me percebo percebendo esse conteúdo. Me percebo no exercício de discriminar os sentimentos que me atravessaram na época; quais deles ainda me atravessam atualmente; e se há, agora, sentimentos novos que me atravessam neste instante, que, no presente, entra em contato com tal conteúdo recordativo que foi uma vivência no passado. Escrevo estas linhas percorrendo as lembranças do percurso de minha formação acadêmica até hoje. Esses conteúdos recordativos representam vivências que se entrelaçam e por vezes seguem sua real cronologia. Mas outras vezes, também, se embaralham tornando-se fluxo para que algumas lembranças, mais intensas que outras, venham à tona sem precisar seguir uma sequência cronológica.

No processo de minha formação acadêmica, desde minha graduação até os dias de hoje, como psicólogo em constante construção, me recordo de ter vivenciado momentos de forte angústia que me fizeram pensar na possibilidade de a psicologia estar sendo conduzida para um equívoco. Nesse período em boa parte dos trabalhos, congressos, rodas, discussões, aulas e debates dos quais participei, o que ficou para mim, no entre que se dá através da minha relação com alguns colegas e amigos graduandos, mestrandos, doutorandos, psicólogos e professores é o de ser atravessado por uma inquietação apavorante, quando notamos em alguns discursos acadêmicos a fiel crença num modelo mais ou menos apropriado que deve ser utilizado pelo psicólogo para que possa conduzir eticamente sua clínica psicológica. Fica evidente em seus discursos e defesas a pura repetição da ideia de ética e moral e a diferenciação entre estas apenas ao modo do senso comum, que por vezes confundem, em alguns casos, também, deturpam seus sentidos.

Continuo com o fluxo recordativo e meus pensamentos correm até as lembranças de alguns encontros com o professor Jadir, quando este afirmava que não gostava da ideia de se vincular a uma abordagem, que preferia se intitular só psicólogo e o que tinha era certa afinidade com alguns autores, principalmente com Espinosa, Nietzsche, Heidegger e Deleuze. A partir disso, ainda com outros encontros entre mais alguns professores e psicólogos, que me apresentaram com reflexões críticas e rigorosas através do passar do tempo, resultam em uma composição: antes, um graduando militante da abordagem fenomenológico-existencial, hoje, com a maturação do pensamento, me é possível um debruçar calejado que torna esse posicionamento do professor Jadir mais claro, conciso e deglutível.

Defender uma prática clínica, em nome da prevalência de qualquer abordagem psicológica em detrimento de outra, é um movimento constrangedor. Uma abordagem que aponta para a outra e diz ser mais eficaz que esta, está não só desqualificando a outra, mas toda a classe das diversas abordagens psicológicas, bem como, a psicologia enquanto campo de saber e comunidade científica. Existem entidades e ordenamentos competentes para esse tipo de apontamento interno, realizados pelo próprio Conselho Federal de Psicologia. São processos morais, válidos e necessários para manter a ordem. É ação de um espaço moral, e cabe aos responsáveis por administrar este espaço, fazê-la do modo mais rigoroso possível.

Paralelo aos conflitos entre psicologias – multiplicam-se, no Brasil, profissionais liberais e organizações profissionais que se apropriam de construções teóricas e práticas de abordagens psicológicas para aplicarem em atendimentos, cursos, treinamentos, palestras, entre outros. A maioria deles com direcionamento para o desenvolvimento financeiro, profissional, pessoal e até conjugal. O detalhe é que boa parte destes profissionais não são psicólogos formados e regulamentados. E por regulamento jurídico maior, não poderiam exercer tais condutas como já fazem livremente. Mesmo assim, continuam realizando tais práticas e já representam um número social e economicamente significativo. Então, não se trata apenas de um detalhe, mas de um rombo na moral, uma imoralidade política.

E se pudermos refletir sobre o fundamento de uma abordagem, esta compreende um conjunto de autores que, às vezes divergem, mas em sua maioria, convergem, para contribuir com um pensamento que um primeiro autor disseminou, baseado em algum filósofo da Antiguidade que, antes dele, escreveu algo semelhante e/ou equivalente. Em algum momento teórico dentro da história da psicologia, estamos conectados.

Parafraseando Marx (1843/2010), penso que, se a religião há muito tempo vem cegando o homem e levando-o às guerras, as abordagens na psicologia estão levando psicólogos e psicólogos em formação a conflitos ingênuos. Ainda, a questão que culmina a minha atual implicação com Marx, e aqui a sua explícita contribuição para a clínica ética, é a de que é o homem quem está por traz da religião e não o contrário. Traçando um paralelo dos modelos de religião possíveis no séc. XVIII até os modelos de abordagens psicológicas do séc. XXI, sendo impossível deixar de percorrer os âmbitos do Estado, Sociedade Civil e Família que, a partir das relações que travam entre si ainda permanecem neste presente século como instituições políticas de forte ordenamento moral, concordo com o filósofo quando este insistiu para que os homens do séc. XVIII passassem da crítica da religião para a crítica da política e padeço ao afirmar que em plena segunda década do séc. XXI esse movimento ainda está longe de alcançar sua dimensão própria.

Seguindo o fluxo do pensamento, eu ainda prossigo por entre minhas reflexões, como por exemplo: por mais que boa parte dos psicólogos, que vestem a camisa de uma abordagem diferente da psicanalítica freudiana, não acredite no Inconsciente como instância psíquica, não precisam necessariamente deixar de se encontrar com a obra *O mal estar da civilização*, na qual Freud (1930) apresentou contribuições filosóficas significativas à psicologia. Inclusive uma entre as pioneiras a promover o olhar clínico no âmbito sociocultural.

Também reflito sobre o como de alguns psicólogos, que se identificam com muitos teóricos e clínicos da fenomenologia e das filosofias existenciais, ainda poderem negligenciar e rejeitar algumas contribuições de Skinner para a clínica humanista, enquanto realmente contribuições humanistas. Aqui uso de uma passagem retirada de Del Prette (2011, p. 59) que nos permite analisar as ideias de Skinner sobre os encontros e a existência:

Skinner (1953/1970) é categórico ao afirmar que o controle existe, quer gostemos quer não gostemos. O objetivo da ciência do comportamento é trazer este controle para nós mesmos, da maneira menos coercitiva possível, em vez de deixá-lo ao acaso ou nas mãos de tiranos (DEL PRETTE, 2011, p 59).

Sinto-me livre para interpretar o pensamento de Skinner em Del Prette, quando estes se referem ao fato de que o controle existe, quer gostemos quer não gostemos como o humano que vai estar determinado e acometido pelos sentimentos que lhe atravessam, como acontecimentos frutos dos encontros, sem a opção de escolher o modo como vai ser transformado por eles. Seria interessante que psicólogos e estudantes de psicologia debruçassem-se no sentido que Lessa resgata em Deleuze:

Para Deleuze, nós não pensamos quando queremos e sim quando somos forçados por um encontro. Ele diverge da fenomenologia e interpreta a epoché de modo surpreendente, ao desacreditar numa suspensão intencional dos juízos de valor. O que suspende os juízos é o impacto do encontro. O encontro nos leva a suspender e a questionar os juízos de valor sobre a suposta realidade que a atitude moralista acredita estar enraizada no nosso dia-a-dia. Cada encontro produz um efeito suspensivo nos juízos de valor e certa, podendo reforçar e reorganizar os hábitos ou desorganizar os hábitos e condicionamentos. O encontro tem um efeito suspensivo e desregulador que promove certa discordância facultativa onde havia um acordo da opinião ou uma acomodação na mesmice ou na circularidade dos hábitos e dos condicionamentos. O encontro tem um efeito suspensivo e desregulador sobre tudo aquilo a que estamos acostumados, por isso pensar para Deleuze é sempre problematizar. Quando pensar é apenas uma reflexão interiorizada, o pensamento não ultrapassa o campo das opiniões ou representações. Podemos perceber que existe uma oposição entre as opiniões ou representações e a experimentação. As opiniões constituem o principal impedimento do exercício do pensamento vivo porque produzem supostas certezas sobre tudo aquilo que imaginamos ser e sobre tudo aquilo que imaginamos experimentar. Muitas vezes aquilo que julgamos ser uma experiência não passa de representações de experiências anteriores ou de idealizações daquilo que queremos voluntariamente experimentar. Toda expectativa se apresenta não como a busca de uma experiência, mas sim como busca de representações ou da repetição de experiências passadas (LESSA, 2014, p. 69, modificado).

A proposta de resolução da problemática a qual se propõe este trabalho está ancorada também em evidenciar que, para o início e permanência da qualidade ética para a composição psicólogo-cliente é imprescindível que o psicólogo esteja implicado com sua perspectiva teórica e saiba jogar com os construtos e práticas de sua abordagem – seja esta qual for. Após se sentir apto e confortável em assumir seu lugar de clínico, este possa vir a se permitir, fazer fluir a abordagem, através de si. O psicólogo é um nome próprio, bem como, o cliente também. E ambos são composições, acontecimentos das relações que tiveram influenciadas com conhecimentos e afetos trocados entre autores que estudaram e/ou mestres com quem aprenderam. E que agora se encontram ali, na clínica, para mais uma.

Se o que está sendo proposto pelo psicólogo, dentro da clínica psicológica, for acolhimento que se dá entre um humano e outro e que, nesse entre, entende-se que o outro não pode ser alvo de explicação, mas de descrição e compreensão, pode se fazer adequado, que o psicólogo busque o maior número de elementos possível de descrição e discernimento para melhor compreendê-lo. E ainda, junto ao cliente, caracterizar as diversas possibilidades de modulação de encontros que compreende a qualidade dos momentos e sentimentos presentes no conjunto de experiências que caracterizam a vida. Pensamos que, problematizar o ordenamento de suas relações, pode transformar o processo psicoterapêutico para o cliente, numa relação muito mais clara, inteligível e perceptível.

### *Dissertação e sua problematização*

São autores, pensamentos, construtos, discussões, exercícios: composições usadas por nós, (des)ordenadamente; apresentadas enquanto um processo que consiste em uma análise crítica da ideia de exercício ético como modulação imprescindível para a clínica psicológica, evidenciando a dramática entre o dever e o devir. Para tal implicação, a presente dissertação está dividida em três momentos que ganham forma através de Atos. Mas são, também, todos estes Atos, partícipes de uma só ideia com uma multiplicidade de linhas teóricas que se movem em ressonância, cada uma com a sua frequência. Neste processo, nos esforçamos para rasgar o habitual até que os conceitos falem o que queremos. O que desejamos com nosso trabalho é que ele impressione. Que remeta o leitor a experiências antigas; que o impulse a novos encontros; que desperte o impensável. Provoque mudanças. Que afete. Que pareça uma aventura. Porque todo ele, até agora, só diz de nós e queremos parecer significativos. Mas isto não é só. Isto é todo o nosso drama. Nele, desejamos alterar a ordem dos fatores e, também, o produto; sair como bons filhos, mas não regressar; frustrar-nos se, como água, percebermos que a pedra pode nunca furar depois de tanto batermos; ser como água e óleo, dentro de um bom assado de panela fervilhando, no qual fica difícil acreditar que não estamos juntos e misturados.

Exercitando o Método de Dramatização de Gilles Deleuze (1967/2006) enquanto signo metodológico, dissertamos tentando responder a uma pergunta que, inevitavelmente, levanta algumas outras: *como* atua um psicólogo na clínica ética? Se uma composição é um encontro comum, *quem* se encontra na clínica psicológica? *Sob qual modo* dá-se o exercício ético responsável por tal encontro? Se o ente humano é puro devir, constante transformação, fluxo incessante, *como* se faz possível realizar uma clínica com este que já não é mais o mesmo entre um atendimento e outro?

Há quatro perguntas para serem contempladas em três atos. Cada ato contempla parte de cada uma das perguntas. Não há, aqui, um conjunto de ideias fechado com representações fixas. Os Atos estão dispostos enquanto campos de individuação de uma ideia. Os dinamismos de cada ideia apresentada por um ato têm suas próprias divisões que anunciam conexões com outros diversos conceitos. Não existem subdivisões dentro dos Atos, visto que sua redação é a expressão de uma multiplicidade conceitual.

Deste modo, desde a introdução nosso drama já é apresentado. Tentamos responder a *Quem* quer este trabalho? Somos nós mesmos que o queremos. Nosso desejo também é que aqueles que têm, em tais ideias, um bom encontro, possam se apropriar dele livremente. Há uma implicação entre orientando e orientador, cada qual com seu modo heterogêneo de pensar as expressões de conceitos abordadas. Selecionando pontos comuns entre nossos pensamentos, visamos produzir um novo modo de pensar a contribuição deleuziana para o exercício ético. A própria escolha de um orientador já diz da ressonância da relação com o orientando que o escolhe. É tudo isto, mais um dos incontáveis cenários que podemos explorar através deste Método de Dramatização.

Para descrevermos tal construção – que por vezes se mostra como uma encruzilhada entre estes autores incomodados, os quais, cada um, em sua determinada época, condição e circunstância, propuseram a ética como dimensão prática da filosofia e meio capaz de analisar os modos de vida do ser – já estamos usando (e continuamos ao decorrer do trabalho) uma antiga arma que o próprio Deleuze usava em seus textos para melhor apresentar um conceito, que são: argumentos poéticos, lúdicos ao tema<sup>10</sup>, que aqui, também, estão na forma de notícias jornalísticas, exemplos práticos e casos clínicos.

Na primeira dissertação (1ºAto.), narramos um drama, ou melhor, realizamos uma narrativa sobre a filosofia triangular de Gilles Deleuze. Trata-se de várias composições. Deleuze apropria-se do modo como Bergson pensou o Tempo e investe em toda a implicação ética que isto tem para um campo do saber que ainda submetia o tempo ao movimento. Na visita a Nietzsche é o Desejo de Potência que ganha palco e o investimento deleuziano está em toda a implicação moral disto, visto que a obra de Nietzsche é quase toda uma crítica aos valores da civilização ocidental. Com Espinosa, Deleuze apresenta um plano de imanência; seus corpos, seu poder; sua natureza. Usamos Deleuze e toda esta sua triangulação de conceitos para uma discussão dialógica entre ética e moral e como estes operam uma dramatização (tornar fato e/ou sentimento) entre o dever e o devir. Escolhendo o cenário da contemporaneidade, num movimento singular, visamos alcançar o cliente da clínica ética e discutir sobre sua expressão.

Durante a segunda dissertação (2ºAto.), seguimos com o fluxo do 1ºAto e realizamos um pouso dramático em duas obras de Gilles Deleuze (*Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do Sentido* (1969)) para discutirmos conceitualmente sobre os *acontecimentos* e como estes

---

<sup>10</sup> Cf. DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*.

engendram a importância de uma nova imagem do pensamento; e da linguagem para a clínica ética. Ao passo que seguimos com uma construção pós-estruturalista deleuziana para uma defesa das ordens dos encontros; advogando a favor de uma clínica da potência e de uma clínica do acaso.

O terceiro momento (3º Ato.) está no modo de uma narração que alterna entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. Trata-se de um drama pessoal deste autor que fora um estagiário inconsequente. Aqui, a narração é sobre um caso clínico. Um atendimento realizado pelo autor deste trabalho, enquanto era psicólogo estagiário do Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Maranhão, no ano de 2017. Este mesmo atendimento que foi supervisionado pelo orientador deste trabalho, enquanto era psicólogo, professor e supervisor deste estagiário em clínica psicológica. O drama é pessoal porque se trata de um caso que marcou, diante da composição cliente-psicólogo, mas, também, pelas atitudes ingênuas e posicionamento moralista que eu, enquanto psicólogo estagiário, por vezes, apresentei diante do cliente. Logo, aqui, seguimos com o fluxo dos dois primeiros atos para problematizar alguns recortes desta experiência através da construção conceitual à qual estamos nos propondo. Além de nossas memórias, os documentos usados foram uma entrevista de triagem e o relatório de atendimentos que são de nossa autoria e orientação como psicólogo estagiário e supervisor.

Deleuze é eticamente cirúrgico: dramatizar numa dissertação é problematizar o tema respeitando a historicidade do palco teatral que lhe é peculiar (cenário, personagens e o modo como se movimentam através da necessidade de suas interações). Assim, há uma subversão<sup>11</sup> da simbólica pergunta dos métodos clássicos em pesquisa metafísica que direcionam o saber, sobre *O que é tal coisa?* Em seu lugar, são selecionadas as perguntas: *como pode tal coisa? Quem quer tal coisa? Sob qual modo se dá tal coisa? Onde se encontra tal coisa? Quando?* Tais perguntas tornam-se mais eficazes para determinar a essência de uma Ideia. Isso ocorre devido existirem dinamismos espaço-temporais que determinam a “diferenciação” (virtual) das Ideias nos aspectos “diferenciados” (atual) do objeto. Diferenciar significa repartição de pontos notáveis ou singulares no interior da Ideia. Diferençar significa a ação, realizada pela Ideia, de encarnar-se ou atualizar-se. A Ideia significa sistema virtual de relações recíprocas entre uma multiplicidade de graus.

---

<sup>11</sup> Cf. DELEUZE, G. “O Método de Dramatização” (1967). In: A ilha deserta: e outros textos. Trad. Luiz Orlandi (org.). São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 140-142.

Tais perguntas movimentam-se multiplamente para as relações entres multiplicidade de graus. Também se direcionam a coisa, mas, sem antes, serem insufladas pelo desejo e interesse daquele que as faz. Desse modo, sentimos a necessidade em nos perguntarmos: *como posso dar ao leitor algo que eu não tenho?* Como posso discorrer extensamente sobre um tema que é advindo da filosofia europeia moderna, com uma boa ponderação da francesa contemporânea, se não experimentei todo o embate intelectual e revoltas políticas que impulsionaram sua transformação? Se não experimentei o cotidiano do simbolismo franco-europeu? Se não me debrucei extensamente sobre todos os autores que emergem como composição do movimento deste campo, tendo selecionado apenas alguns para cumprir com meu trabalho? Se, sou eu, um brasileiro de 28 anos com um conhecimento limitado de tudo o que já li e estudei e, por necessidade, preciso reorganizar esta minha miséria intelectual numa provação acadêmica? Se não respondemos com sinceridade a estas questões, por esse viés, o trabalho torna-se impossível. Estaríamos, assim, em prática moral com o leitor. De modo que, ao invés de reconhecermos nossa impotência e limitações enquanto não detentores destes saberes, passássemos a construir um texto pelo contexto conceitual do correto, coeso e coerente; daquilo que diz respeito ao conjunto de trabalhos já publicados anteriormente, ressaltando os europeus, que abordaram a construção teórica regulamentar dita equivalente à deste nosso tema. Ou seja, rerepresentaríamos ao leitor, uma representação. O que seria falsamente nos afirmar enquanto uma potência capaz de potencializar o outro que nos lê.

Assim, nos voluntariamos ao máximo para visitar aquilo que consideramos como uma construção deleuziana de exercício ético sem precisamente repeti-la. Como já sabemos do que está escrito aqui, informamos ao leitor que não fomos extremamente bem-sucedidos. Mas dentro daquilo que nos é mais próprio neste drama, nossa intensidade conseguiu passar em alguns pontos das discussões.

## NA BOCA DO LOBO – O CORPO QUE DESEJA É UM ALGUÉM QUE NÃO EXISTE

Quem escreveria uma dissertação senão uma existência duvidosa? Ou melhor, qual a necessidade que há em afirmar algo através de um trabalho, senão a necessidade que habita em quem afirma? Para o exercício ético é tudo necessário. Não há nenhuma regra em sua execução. Está mais para o movimento dos corpos seguindo sua disposição afetiva. O modo como o homem se dispõe nos encontros e aos encontros. Não há nada planejado, nem formatado. O que resulta dos encontros é o surgimento de uma nova singularidade. Esta não é o sujeito da experiência; não é um *Quem* que determina e direciona a experiência. Mas aquela que emerge da experiência no encontro. Não há um interesse que impulsiona a relação intencional. Há uma abertura (um desejo) para as possibilidades dos encontros. Dos encontros decorrem transformações; é movimento dos modos de existência. Há transformação porque são diferenças que surgem e que se confrontam. No exercício ético não há uma regra, somente por elas serem intencionais e voluntaristas. Vejamos: realizaremos os passos A, B e C para atingir o resultado D. No procedimento e sucesso dessa operação, a ética não foi exercida. Houve a imposição de um *Quem* voluntarista que interferiu no encontro para produzir uma reação esperada (LESSA, 2011, 2014).

É uma reação fruto da violência. Em toda regra, toda estratégia, há um *Quem* voluntarista, encapsulado, que produz movimentos sequenciais, racionalmente planejados, para atingir um determinado efeito esperado e previsto. É esta a expressão do moralismo. Se um humano que precisa de uma dissertação, senta atrás de um computador, e se dedica a cumprir com um texto bem elaborado, ele está violentando seu trabalho; está produzindo voluntariamente uma intervenção violenta capaz de anular as diferenças entre singularidades dos encontros deste movimento intelectual. Isto tudo, em nome de um objetivo predeterminado; um resultado final planejado e esperado. Há, então, uma espécie de colonização do encontro; há um esforço para reproduzir modelos de pensamento, um conjunto conceitual de um mesmo, anterior, para o próximo, por vir. Ao intervir com violência, há grandes chances de transformar o próximo numa cópia do anterior (LESSA, 2011).

Uma clínica ética propõe que a relação entre cliente e psicólogo comece e se mantenha alimentada pela atenção que o psicólogo direciona para o discurso que o cliente

apresenta sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo. E nos discursos em que o cliente deixou de se implicar por causa de sentimentos equivalentes aos de medo e/ou vergonha – frutos de uma condição moralista, normativa, ordenada, convencional – só poderá haver análise, ao passo que o psicoterapeuta promova intervenções confrontativas, criando com o cliente, a percepção da necessidade de se implicar em seu próprio discurso, com o sentido de convocá-lo para um exercício ético que evidencia o seu modo impessoal e pré-individual, que insiste no entre de cada encontro que ele compõe em todos os âmbitos de sua vida (LESSA, 2014).

Desse modo, a composição entre Deleuze e Baruch de Espinosa (1632 – 1677) é nosso principal meio de inspiração. Mais precisamente, a composição do Espinosa capturado por Deleuze com um puçá feito por Friedrich Nietzsche (1844 – 1900). Ainda, quando *usamos* Deleuze, há um processo de conhecimento imprescindível para podermos seguir com seu pensamento do modo menos ingênuo possível. Tal processo articula seu projeto filosófico como pertencendo a um triângulo vitalista agenciado entre Henri Bergson (1859 – 1941), Nietzsche e Espinosa (DOSSE, 2010).

Com Bergson, Deleuze começa os primeiros passos de sua filosofia da diferença; assimila a concepção ontológica bergsoniana à sua filosofia própria. O desenvolvimento do conceito de ser, sem atender às exigências de um empirismo superior; sem decalcar o transcendental com base no empírico, mas pensá-lo respeitando seu duplo e distinto modo de expressão<sup>12</sup>. Pensamento que entende a realidade como tendo duas vertentes: atual e virtual. São duas expressões inversas: atual, campo associado ao ser enquanto indivíduo orgânico e psicológico; virtual, campo associado ao extra-ser, enquanto singularidade. Mas, apesar de inversas, são, também, expressões simétricas, correlatas, duplo vínculo da Duração (*durée*), do campo transcendental impessoal. Há uma singularidade impessoal e pré-individual<sup>13</sup>, capaz de sintetizar o campo da extensão orgânica e psíquica, constituindo-se enquanto campo de intensidade, enquanto processo subjetivo (ZOURABICHVILLI, 2004).

Com Nietzsche, Deleuze assume um posicionamento a favor do perspectivismo, contra a filosofia kantiana, e reforça o pensamento da afirmação da diferença enquanto singularidade própria, contra a dialética hegeliana e o pensamento representacional. Há um confronto contra uma crítica hegeliana que quer libertar o ser, mas ainda conserva a ideia de

---

<sup>12</sup> Cf. DELEUZE, Gilles. Bergsonismo (1966). São Paulo: Ed. 34, 1999.

<sup>13</sup> Cf. DELEUZE, 1969/2003, p. 55.

valores absolutos aos quais permaneceria submetido. Deleuze compra o ataque que Nietzsche faz ao idealismo platônico e todos os seus descendentes: quando o exercício da liberdade do ser, o devir (movimento virtual: a Duração) é confrontado com os valores de sua sociedade, confrontado com forças (ordenamentos morais como, por exemplo, o estado, a igreja, a família) – faz-se necessário analisar à quais interesses servem essas forças que legitimam tais valores absolutos<sup>14</sup>.

O mundo moderno remonta a uma época histórica evidente para Nietzsche pensar o humano como um próprio campo de forças (relações de forças químicas, biológicas, social, políticas). Desse modo, pensar em força é necessariamente pensar no conceito de forças (plural). Há uma pluralidade inerente ao mundo. Forças interagindo umas com as outras – nessa interação – geram os corpos, os objetos, as coisas (modos de expressão de um determinado conjunto de forças). Quando essas forças são um ser pensante (indivíduo orgânico e psicológico), essa força pensante é capaz de atribuir sentido à outra força. Nessa correlação entre os conceitos de força e sentido, começa-se a se desenhar uma concepção ética e política: “na determinação do sentido de alguma coisa importa a determinação ou qualidade das forças que estão prevalecendo ou sobressaindo-se neste processo de determinação”<sup>15</sup>.

Seguindo pelo contexto nietzschiano, atribuição de sentido é um corpo interpretando as forças de outro. É justo que as forças que se desenvolvem neste corpo que interpreta, influenciem no processo de atribuição de sentido. E se há uma pluralidade de forças, então há, no processo de interpretação, uma pluralidade de sentidos. O humano que interpreta é dotado de historicidade; interpreta a partir de um dado momento e espaço; um cenário, que é mais uma das forças que constituem a pluralidade do sentido que vai atribuir. Essa pluralidade de força e sentido compõe um valor. O corpo que interpreta – reconhece no outro – forças semelhantes e/ou estranhas às suas, bem como, consonantes ou dissonantes às suas. Qualquer processo de interpretação faz-se também um modo de avaliação que é composição de uma perspectiva. Avaliações não são precisamente os valores, “mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam. Por isso temos sempre as crenças, os

---

<sup>14</sup> DELEUZE, 1962/1976, p. 15.

<sup>15</sup> MANGUEIRA e BONFIM, 2014, p. 622.

sentimentos, os pensamentos que merecemos”<sup>16</sup> em função das composições dos diversos e plurais modos de expressão das forças que atravessam nosso grau de escolaridade, nível social, poder econômico, manifestação cultural, acesso à internet (contemporaneamente), etcetera.

Para Deleuze (1962/1976), Nietzsche é claro em sua crítica total aos valores: a problemática está quando um corpo ou mais reforçam a aceitação dos valores estabelecidos como essência, como ideais, como modos de vida absolutos. Tal aceitação acontece porque as forças distinguem-se em duas espécies de qualidade. Forças ativas (superiores), e forças reativas (subordinadas às ativas). No mundo, campo comum das forças, o humano é força ativa – quando afirma o devir, quando se lança à criação, quando anuncia novos pensamentos, quando ajuda o destino a se cumprir – mas, também, força reativa, quando é mero espectador do movimento dos corpos, quando nega o devir, quando se apega e reforça a conservação. Numa sociedade que educa seus corpos para o exercício do pensamento representacional, dialético, hegeliano, que conserva os valores, não há espaço para a criação, para afirmação da vida, apenas para a reprodução, para confirmação dos valores, dos ideais contemplados. Nietzsche indica como saída para uma vida ativa, o humano que abandona as essências do mundo e a sua própria. Já que essência conserva uma programação de imagens, o corpo pensante tem tendência a extrapolar imagens, as exceder, a ir além de onde o programador disser que pode. Diminuir, ou até cessar, o exercício da reconhecimento, para afirmar um pensamento puro, potência de pensar, força ativa<sup>17</sup>.

O Nietzsche de Deleuze nega a imagem, mas atribui um novo significado para a essência, que é essa que, em cada caso que os corpos e as forças são organizados com afinidade e consonância, marcam um sentido e um valor; marcam os interesses quais servem essas forças; também, permite a transposição da ontologia bergsoniana até os campos da ética e da política, através do devir ativo como a própria síntese do campo da extensão orgânica e psíquica – agora em termos de força e de valor; organização das forças, de sua diferença, e reprodução<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> DELEUZE, 1962/1976, p. 4.

<sup>17</sup> Aqui cabe esta nota para informar que nesta reflexão já temos boa parte da força de conclusão deste trabalho. É basicamente o resumo de como conduzir uma clínica psicológica através do exercício ético. Não se trata de confirmar valores, mas de afirmar vida. Pronto. Não há mais qualquer mistério. Mas o leitor ainda é livre para prosseguir a leitura se lhe faz desejável. Lembrando que, talvez, não ganhará nada com isso. Até mesmo o contrário, pode acontecer de algo lhe ser tomado.

<sup>18</sup> Cf. HARDT, M. Gilles Deleuze: Um Aprendizado em Filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

Com Espinosa, mais precisamente com a concepção Ética spinozista, a filosofia da diferença desenvolvida por Deleuze, adentra num campo completamente imanente. A singularidade do ser desenvolvida por Deleuze com Bergson e Nietzsche, compreende definitivamente uma univocidade – não há outros planos de vida e existência, a não ser das infinitas possibilidades de encontros entre os corpos no plano da imanência. O Espinosa de Deleuze entende a natureza como uma completa e infinita substância que é causa dos dois atributos do humano: o pensamento e a extensão (correlacionados em Bergson: virtual e atual). Causa também do mundo, que é efeito da natureza, mas não está fora dela – fora de sua causa geradora. Visto que o mundo, os demais corpos e o corpo humano são causas de qualidade finita, que só podem existir como efeitos de uma causa de natureza infinita. Há, então, no mundo e nos corpos que o compõem, uma potência que é parte da causa infinita que alimenta o fluxo de/em tudo que habita. É o mundo real, da realidade da vida como ela já nos é toda expressada; um mundo sem uma força centralizadora de tudo e de todos – nem mesmo um território e/ou país acima de tudo e nem um deus acima de todos – mas há no mundo uma condição primordial, a de organização acentrada.

Não é uma ideia, conjunto de valores ou força central que é causa do mundo e sua estrutura organizante, a partir de uma suposta identidade vertical e de sua capacidade de ordenamento maior – mas um fluxo incessante de forças, uma pluralidade de forças que se organizam ao passo que afirmam sua diferença; afirmada em relação, a cada momento, a cada encontro entre elas, a cada troca, logo a cada deslocamento incessante, por absolutamente todo o plano que conhecemos, inalienado a uma centralidade (ZOURABICHVILLI, 2004).

O Espinosa de Deleuze compreende o humano como uma dessas forças, como um corpo que é dotado de uma potência. Essa potência é exatamente a mesma em todos os atributos do humano: enquanto é potência do saber (de pensar e conhecer), tem a mesma força enquanto potência de agir e existir – já que são correlatas uma da outra, enquanto correlato, não podem ser nem maior e nem menor, mas equivalentes. Tal potência tem poder de ação, de produção, de realização e, também, poder de afecção, de sensibilidade. É capaz de agir e de sentir, os quais, ação e sensibilidade, são dois lados do poder, iguais e indivisíveis. Desse modo, “na terminologia spinozista, um corpo, tem uma sensibilidade capaz de sofrer uma ação ou uma paixão. Afecções, quando explicadas pelo próprio devir do

corpo, são afecções ativas. E quando produzidas por coisas externas, são afecções passivas”<sup>19</sup>.

Nessa dinâmica de ser produto da natureza, o homem se encontra com outros corpos a todo o momento. Nesses encontros, o corpo é capaz de ter ideias adequadas e ideias inadequadas. Uma ideia é adequada, quando está acompanhada de sua causa, ou seja, quando o homem consegue compreender toda a estrutura e conexões das forças que compõem tal ideia. E inadequada, quando ela nada informa sobre as causas, ou melhor, “quando sua condição envolve a privação do conhecimento de conexões entre forças e corpos referentes à sua própria causa”<sup>20</sup>. Ainda, no que dizem respeito às afecções passivas, estas são produzidas por encontros de uma ordem casual, ou seja, a ordem das paixões é a ordem dos encontros ao acaso, encontros que não são causados pelo humano.

Deleuze caracteriza duas possibilidades de encontros casuais que podem produzir dois tipos de afecções passivas: uma composição ou uma decomposição. A composição é um bom encontro ou, pelo menos, útil, pois os corpos que se encontram, produzem uma afecção que agrega uma ampliação de forças na potência de agir do humano; uma condição que amplia, aumenta, eleva o modo de vida. A marca de uma composição, então, é um encontro passivo que produz um estado de alegria. A decomposição, ao contrário, é um mau encontro. Sendo que “ou um corpo decomporá a relação do outro (aqui, para um dos corpos, não haverá aumento de potência) ou os dois corpos serão decompostos (haverá a diminuição mútua da potência de agir de ambos)”<sup>21</sup>. A marca de uma decomposição, então, é um encontro passivo que produz um estado de constrangimento e tristeza.

Há uma crença em Espinosa, em Deleuze, bem como, no Espinosa de Deleuze, de que é de sua condição, que o humano, em toda sua vida, seja tomado e influenciado pelas afecções passivas bem mais que as ativas. Ainda, que dentre estas paixões as quais é sensível, a maior parte delas, estimulam seu estado de tristeza. Diante de tal condição, o Espinosa de Deleuze tem uma proposta prática para uma vida mais ativa do que passiva, isto é, apresenta um exercício ético para uma vida mais alegre do que triste. Começa-se identificando e evitando as decomposições, os maus encontros, as paixões tristes. Daí haverá mais espaço

---

<sup>19</sup> HARDT, 1996, p. 122, modificado.

<sup>20</sup> DELEUZE, 1968, p. 101, modificado. Grifo nosso.

<sup>21</sup> HARDT, 1996, p. 151, modificado.

para a seleção ética da alegria, que advém através do reconhecimento das relações de composição (HARDT, 1996).

Quando o humano é capaz de reconhecer estas relações que combinam com a sua natureza – desde aquelas menos universais (mais específicas entre dois humanos: valores, gostos, costumes) até as mais universais – ele produz uma noção comum, que é uma representação de uma composição, uma ideia de similaridade entre dois corpos. É apenas uma noção, não são ideias exatas, mas também não são abstratas. A experiência do estado de alegria é suficiente para induzir o corpo humano a formar uma ideia de que aquele encontro é bom para ambos, de que os afetos trocados têm a ver, tem algo em comum; aumentam a potência de sentir, pensar e agir. Esta relação comum pode gerar uma noção comum, que por sua vez, é necessariamente uma ideia adequada, pois está acompanhada do reconhecimento de sua própria causa. Ao passo que o humano se esforça por organizar um novo encontro com o mesmo que gerou a noção comum, já não se trata mais da paixão alegre que o atravessou no primeiro encontro, mas de uma ação alegre que lhe é causa interna. A ideia adequada permite o encontro adequado e ativo, não mais ao acaso, mas, agora, organizado; da ordem da seleção (DELEUZE, 1968, 1981).

Organizar encontros é um poder. E para Espinosa (1677/2002), saber é poder, já que os atributos são paralelamente apreendidos e experimentados. O humano consegue conhecer a si e a natureza através de três gêneros do saber que são possíveis a ele. O primeiro gênero é nomeado de imaginativo ou da experiência vaga. É o gênero responsável pela operação das ideias inadequadas. Neste estado, o humano que se encontra casualmente com outro corpo, sente o efeito desse encontro, recebe uma marca desse encontro, chamada por Espinosa de imagem. As ideias aqui vão operar apenas indicando o estado (de alegria ou tristeza) do corpo do humano (interno) no encontro, mas não acompanham as conexões de forças no outro corpo (exterior), justamente por serem inadequadas, por serem paixões – uma imagem que “é a impressão causada pela ideia da afecção que faz o humano conhecer o objeto apenas pelos seus efeitos, logo o gênero das imagens indica apenas o estado momentâneo do que se é percebido sensivelmente”<sup>22</sup>. Neste primeiro gênero, o humano vê-se tomado pelos efeitos dos encontros, logo a ideia, a compreensão que ele tem dos encontros, o julgamento que ele faz – sua perspectiva – ainda são inadequadas por estarem privadas do entendimento claro

---

<sup>22</sup> SANTANA, 2018, p. 385-386, modificado.

sobre as causas. O que há neste primeiro gênero é, então, um conhecimento parcial da realidade.

A noção comum seria, então, o que “opera a transformação, mantendo a afecção enquanto envolve ou compreende a causa”<sup>23</sup>. Este envolvimento e compreensão são um processo de Duração, de mudança contínua do humano que experimentou as imagens até começar a criar, sobre e com elas, processos múltiplos de instauração que produzem uma racionalização a partir da noção comum. E o que esta opera, então, é o processo de passagem do primeiro gênero do conhecimento (imaginativo) para o segundo, chamado de gênero da razão. A paixão alegre, sentimento antes contingente, ideia antes inadequada, amadurece no corpo (pensamento e extensão) até uma atualização que forma uma ideia clara e distinta (adequada), forma um sentimento necessário.

Deleuze (1968) ainda é claro sobre a constituição dessa razão não se tratar de uma dialética, pois não há em Espinosa uma tendência em sobrepor o primeiro gênero do conhecimento sobre o segundo; o humano não chega ao segundo gênero da razão, negando o imaginativo, mas lhe afirmando. Há, então, uma composição entre primeiro e segundo gêneros, de modo que, exercer a potência de existir relacionada a um saber imaginativo, permite um modo de vida imaginativo, um modo de vida passional; um humano que segue como um resultado do que os encontros casuais fazem dele; que ainda experimenta uma concepção inadequada de realidade, pois só conhece e julga os outros corpos apenas pelo efeito que o encontro com esses corpos tem sobre si – ao passo que a razão pode começar suas primeiras construções lógicas através do experimento das paixões alegres; é necessário que as primeiras imagens sejam formadas para que as ligações racionais, através das noções comuns, venham contaminar a experiência. Um sentimento se torna ativo “somente após os sentimentos passivos alegres, as paixões que aumentam nossa potência de agir, serem selecionadas e encadeadas”<sup>24</sup>; eis aí outro modo de vida; outro modo de experimentar os encontros através da razão que tem forças para elaborar uma ação, um modo de vida ativo. “As noções comuns se servem das leis da imaginação para nos liberar da própria imaginação. Sua necessidade, sua presença, sua frequência permitem que elas se insiram no movimento da imaginação, e desviem seu curso em benefício próprio”<sup>25</sup>. A noção comum é princípio

---

<sup>23</sup> HARDT, 1996, p. 162, modificado.

<sup>24</sup> DELEUZE, 1968, p. 204-205, modificado.

<sup>25</sup> DELEUZE, 1968, p. 206.

prático-teórico para insuflar o exercício ético. Esta revela uma livre harmonia entre os gêneros de conhecimento; revela possibilidades de composição entre modos de vida e modulações dos corpos.

Espinosa chama de *conatus* o desejo insuflado no humano; um desejo de potência, um esforço para preservar os sentimentos, afetos e emoções (alegres) em seu ser. Há um *conatus* intelectual quando “a potência de saber esforça-se para preservar a razão na existência, criando noções comuns que permitam o desenvolvimento de uma compreensão do humano sobre si mesmo e sobre os outros corpos”<sup>26</sup>. Mais uma vez, aqui, saber/conhecer é poder. O humano que não é conhecedor, que não se esforça para desenvolver o poder de relacionar imagens-interpretação, acaba exercendo uma vida de servidão. Aquilo que atravessa o corpo humano (as afecções) é um resultado dos encontros. Estas afecções são experimentadas como afetos que variam entre a alegria e a tristeza. A vida de servidão está no exercício imaginativo sem noção comum. Imagens são a representação do afeto, são símbolos carregados de conteúdo afetivo. São fortes o bastante para aquecer o desejo humano. Mas é um desejo ainda em estado de servidão, no qual o humano não passa de um efeito; não consegue ir além do que os encontros fazem dele; além do acaso. Uma vida de passividade (MACHEREY, 1998).

Neste processo ético, tudo ao humano é necessário; ele é movido por seu desejo. Não há livre vontade, o humano é um corpo que só se move por uma multiplicidade de processos de determinação. Um corpo, que se esforça para experimentar afetos alegres, cria noções comuns, cria ideias adequadas experimentando um exercício racional sobre tais afetos. Desse modo, conhece, pelos afetos, particularidades comuns<sup>27</sup>, conveniências mínimas, uma concordância intrínseca<sup>28</sup> entre os corpos. Mas uma ideia adequada sobre si mesmo e sobre os outros corpos ainda precisa de uma virada para o terceiro gênero do conhecimento, chamado de ciência intuitiva.

A razão tem uma potência, o agir das noções comuns busca a verdade – as ideias adequadas em si – no campo epistemológico e, também, busca o melhor dos estados de alegria no campo moral. São processos de relações objetivas e psicológicas de conveniência entre corpos. Processos que são atravessados por uma racionalização das propriedades

---

<sup>26</sup> CHAUI, 2011, p. 247, modificado.

<sup>27</sup> DELEUZE, 1968.

<sup>28</sup> ESPINOSA, 1677/2002.

comuns “que são causa de afecções passivas de alegria: inatas (pertencentes ao ser por direito)”<sup>29</sup>. Os corpos humanos, além de terem propriedades individuais comuns entre si (noções comuns) que são conhecidas pela razão (segundo gênero), também, possuem uma essência que está expressa em seu movimento singular. Tal movimento advém da potência de agir do ser que acompanha a natureza livre. Para Espinosa, a natureza é tudo, qualquer coisa; é criadora – causa de si mesma e do mundo, é um agir infinito em processo de criação do movimento do mundo – do mundo que se movimenta – e é plano para o movimento de todos os corpos. A natureza é, então, o que Espinosa entende como Deus, o ser múltiplo e livre.

No conhecimento imaginativo, ou modo de vida imaginativo, o humano é um duplicador, ele se move repetindo ideias inadequadas, tomando os efeitos pelas causas. Até o modo racional, no qual o humano é um multiplicador; a experimentação dos estados de alegria, às noções comuns, permite que ele possa agir; mover-se multiplicando estados de alegria, organizando (potência de agir) os bons encontros através de um conhecimento adequado das causas. No conhecimento intuitivo, o humano é um conhecedor das ideias essenciais dos corpos enquanto singularidades. Cada corpo humano tem sua Duração, esta conserva no tempo sua existência, todo o seu mover que desde o começo (virtual) até o atual; segue experimentando efeitos, afecções, afetos, estados de alegria e tristeza; vai aumentando ou diminuindo sua potência a cada encontro – de modo que seu movimento anuncia uma frequência que sintoniza (composição) com o movimento de outros corpos – fazendo de si uma intensidade; uma modulação que se lança aos encontros e aprende com a experiência de todas estas relações para um sentido cada vez mais adequado. Intuir é a capacidade de informar adequadamente a si sobre si mesmo e sobre os outros corpos, de modo que “conhecemos a nós mesmos, no limite daquilo que podemos; conhecemos as essências das intensidades ou da potência que anunciam uma singularidade”<sup>30</sup>.

Escrevemos mais acima que o nosso Deleuze, se ainda estivesse vivo, certamente estaria incomodado com as decomposições do mundo atual. Já que não nos falta excessos de imagens por toda parte: programação das rádios, programação das tevês abertas e fechadas; os mais atuais: redes sociais, serviços de *streaming*; até o *Google Ads* que diretamente nos obriga a uma sintonização de imagens pré-programadas; entre tantos outros que,

---

<sup>29</sup> DELEUZE, 1968, p. 214, modificado.

<sup>30</sup> LESSA, 2014, p. 45, modificado.

provavelmente não conhecemos, mas que estão sempre a um passo de chegar até o nosso conhecimento. Imagens intencionalmente duplicadas – na medida de sua lucratividade – que servem a interesses diversos. Podem servir bem se a imagem cruamente – invoca um raciocínio – alerta e informa que os tempos ainda são de fanatismo, de intolerância, de racismo, de violência. Podem servir mal se a imagem é tratada, é falsa, é *fakenews*, é maquilagem.

A Idade Moderna e sua dupla composição, Globalização e Capitalismo, são um tripé potente para reforçar e duplicar a ideia de livre vontade do humano, de liberdade negativa, da livre concorrência de quem pode mais, do homem desimpedido<sup>31</sup>. Com sua força maximizada pelos meios de comunicação, obriga o humano a encontrar um incontável número de imagens, sentindo incontáveis números de afetos, em ritmo desenfreado; disponibiliza ferramentas, instrumentos, e o encoraja a mudar, a trocar de roupas, trocar de carros, trocar de pele, trocar de rosto, trocar de afetos, trocar de ideias – constantemente – gerando processos comuns de esquizoidia<sup>32</sup>.

O humano contemporâneo torna-se imensamente capaz. Capaz de substituir um estado de impotência por uma harmonização facial; uma paixão triste por um conjunto completo de lentes dentárias. E dá um belo sorriso para a foto; escolhe o melhor filtro; faz um post na rede social; marca os amigos mais badalados; usa as *Hashtags* do momento e manda um recado para quem quer que seja. Experimenta o fazer parte de algo maior; ali, ele vai, mais um, diluído no meio de incontáveis duplicatas. Torna-se absolutamente capaz de se sentir dispensável, na medida em que boa parte de sua Duração é marcada por composições utilitárias, objetais, descartáveis. Vende, troca, leiloa os valores que compra, porque seu processo de individuação está entupido deles. Logo os ordenamentos são produzidos em escala acelerada e para sustentá-los, as subjetividades estão fluidificadas<sup>33</sup>. Há momentos em que o humano segue as leis de quem tem mais, outros, que segue as leis de quem é mais, outros, as leis de quem nada tem ou é: diferença conveniente. Faltando ao humano, a capacidade de legislar por si e para si mesmo, as leis de outrem, que lhe pareçam convenientes, logo servem.

---

<sup>31</sup> Cf. BERLIN, I. Os dois conceitos de liberdade (1958). In: H. Hard e R. Hausheer (org.). Estudos sobre a humanidade. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.

<sup>32</sup> Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O Anti-Édipo (1972). São Paulo: Ed. 34, 2010.

<sup>33</sup> Cf. BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Uma imagem de sociedade como essa faz sentido? O que retratamos agora está muito distante da vida como ela é? De nossa atualidade? Tal modelo social desperta a desconfiança de que a moral; de que os processos de moralização estejam a favor do devir. Admitimos: a moral é útil à vida em sociedade. Os ordenamentos que regem as ações úteis podem assumir a forma das ferramentas mais sofisticadas possíveis, capazes de facilitar nossos modos de vida e valorizar nossa sobrevivência. Mas quando somos provocados a perceber que aquilo que estamos vivendo e experimentando repetitivamente – que nos é regulamentar – já não nos convém mais, pode mostrar-se inviável<sup>34</sup> que esses mesmos processos morais – ainda com todo seu brilho e pirotecnia – tenham a força que nos permitirá compor uma disponibilidade de espaços para transformar aquilo que já está posto, que é consensual, que é legal; e tempo para desenvolvermos nossas possibilidades de conhecimento, experimentarmos nossa Duração e dizer o que vem de dentro, perceber com maior qualidade a quais interesses querem servir nossas próprias forças.

Mesmo com esse fluxo incessante de diversas forças buscando imperar seus ordenamentos, os processos de moralização que compõe a dinâmica das sociedades ocidentais liberais – desde os mais primitivos, como a educação punitiva, na qual pais e mães conferem-se o direito de agredir a criança dentro de casa como símbolo da irresponsabilidade de seus atos e crença na mudança imediata do comportamento até os mais tecnológicos, como as propagandas obrigatórias de cinco segundos, dentro dos vídeos do *Youtube*, reforçando a ideia de desenvolvimento do marketing pessoal como sinônimo imediato de lucratividade – ainda se alimentam da conveniência ideal entre o Cristianismo e o Pensamento Platônico<sup>35</sup>. A realidade separada entre ideias (padrões de pensamento e comportamento) e formas (o Mundo); entre um modelo de Deus Transcendente (a conduta perfeita) e uma forma homem que tem como princípio de produção de sua subjetividade, o dever. Suas experiências são insufladas pela ideia de uma ação maior (ordenamento primeiro); de investir constantemente na busca por assemelhar-se ao modelo.

Em nossa proposta ética, ao contemplarmos tal processo cultural, concebemos que este humano que é movido pela crença no dever, ao buscar suas noções comuns, ao efetuar suas ações, não anula seu processo de devir. Ações úteis, moralidades, ordenamentos, normatividade, códigos, leis – inerentes à ordem dos modos de vida humana – sempre

---

<sup>34</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica* (1887). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>35</sup> Cf. DELEUZE, G. *Platão e o simulacro*. In: *Lógica do sentido* (1969). São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

acompanharão a organização comum dos corpos. Entretanto, o devir sempre escapa a ordem e a ordenação. Daí surge o grande desafio ético: de que maneira posso articular e compor o desejo que visa escapar e o ordenamento moral que visa reprimi-lo? Deleuze, inspirado por Nietzsche e Espinosa afirma que “não há ser além do devir. A multiplicidade é sua manifestação; é sua afirmação. Qual é o ser inseparável do que está em devir? *Tornar a vir é o ser do que devém*. Tornar a vir é o ser do próprio devir, o ser que se afirma no devir: O eterno retorno da *diferença*”<sup>36</sup>. O antagonista do dever é o devir. Se os corpos são forças, entes emocionais e racionais, propriamente suscetíveis a exercerem sua potência de sofrer ações e paixões que insuflam seus movimentos – ação positiva – para a busca dos encontros alegres e comuns, pode parecer impróprio sujeitar a existência humana a julgamentos morais que despertam vergonha e culpa.

Para Nietzsche e Deleuze, o devir é inocente visto que o humano só deseja aquilo que desperta sua vontade; deseja outra força capaz de lhe atribuir sentido. “É esta maneira de se relacionar, de afirmar e de ser afirmado, que é particularmente *inocente*. O que não se deixa interpretar por uma força, nem avaliar por uma vontade, exige *uma outra* vontade capaz de avaliá-lo, *uma outra* força capaz de interpretá-lo”<sup>37</sup>. A prática moral é dever, é exercício de repetição e reprodução. Pelo dever, o humano desdobra a vontade, cria artifícios para agir regularizado; sente culpa se não se avalia adequado aos modelos ideais do ser mulher, do ser homem, do bem, do mal, do deus transcendente. Cópias das cópias – xérox. Duplicatas duplicadas fluindo até a impotência criativa do humano contemporâneo. Organizadas em moldes-padrões-perfis que, ao se chocarem com o fluxo da existência, separam o humano de sua liberdade; de afirmar o devir que retorna; a eterna mudança de uma existência que naturalmente evolui buscando bons encontros, composições, noções comuns, essências comuns.

A problemática na qual investimos insiste em problemas que seguem fortificando-se: os humanos que buscam as composições têm uma essência singular; com suas próprias marcas; sua intensidade própria; sua Duração própria; (seu movimento próprio). É esta singularidade que eternamente retorna para dar voz aos novos caminhos e sentidos desejados. Uma composição entre singularidades é a aproximação comum entre diferenças; é a ponte para a transformação; é a vontade como o caminho para “se metamorfosear de acordo com a

---

<sup>36</sup> DELEUZE, 1962/1976, p. 19, modificado. Grifo do autor.

<sup>37</sup> DELEUZE, 1962/1976, p. 18, modificado. Grifo do autor.

diferença nas forças que encontra, e que compõe com elas uma potência sempre maior, abrindo novas possibilidades de viver”<sup>38</sup>. Mas se há uma educação, uma coerção, uma ordenação que valoriza e promove a verdade identitária<sup>39</sup> – repreende o desejo no corpo – há nelas total condição para o encapsulamento do devir<sup>40</sup>; para o fortalecimento da negatividade do ser; para cindir a positividade que há na diferença entre singularidades.

Modos de vida estruturalmente organizados sempre se farão necessários em sociedades. Neste e em qualquer cenário, o moralismo é força eficientemente capaz de reproduzir territórios existenciais de controle (papéis sociais pré-definidos). E os territórios promovidos e duplicados são sistemas políticos de controle e fabricação de subjetividades<sup>41</sup>. O exercício ético já não se preocupa somente com as máquinas de controle estatais. O frequente avanço urbano é campo para encontros e confrontos entre etnias, gêneros, corporações, classes, etcetera. O controle, também, precisa avançar. O regime identitário se reorganiza; dissolve-se em uma pluralidade de políticas de subjetivação que, por sua vez, também avançam gerando diversas políticas particulares. O humano passa a dispor de uma “subjetividade flexível, experimental e processual; e sua força de criação em sua liberdade de experimentação não só é percebida e recebida, mas ela é inclusive insuflada, celebrada e frequentemente *glamurizada*”<sup>42</sup>. O humano permanece entretido e engajado. Seu sentimento é de pertencimento e sua expressividade ganha palco.

Mas são palcos de territórios homogêneos, nos quais o humano “ao invés de deixar sua *intensidade passar*, a intenção que predomina é a de *se fazer reconhecer* no sistema de hierarquização de sentidos e de valores. Fechamento segregativo sutil e implacável: *padronização subjetiva*”<sup>43</sup>. Controlar o devir para que o corpo esteja cada vez mais disposto ao próximo capítulo, à próxima temporada, à próxima copa, ao próximo campeonato, ao próximo aplicativo, à próxima atualização, aos próximos lançamentos dos incontáveis serviços e produtos, enfim, controlado e cada vez mais útil, interessado e interessante ao mercado.

Controlar o devir é reduzir sua velocidade, limitar suas ações, regularizar as possibilidades de encontros causais e, também, os casuais. Alienar o comportamento dos

---

<sup>38</sup> ULPIANO, 1998, p. 16.

<sup>39</sup> Cf. FOUCAULT, M. Soberania e disciplina. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

<sup>40</sup> BOHER, 2006, p. 36.

<sup>41</sup> Cf. GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografia do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>42</sup> ROLNIK, 1998, p. 19, modificado. Grifo nosso.

<sup>43</sup> ROLNIK, 1998, p. 91, modificado. Grifo nosso.

modos de vida não impede o constante processo da natureza criadora; da evolução do ser que devém. Mas causa efeitos constrangedores. A padronização subjetiva é, também, uma padronização no poder de ser afetado; da sensibilidade. Os novos modos de controle – mais tecnológicos – ainda respondem virtualmente aos modelos primitivos de valores fundamentais para o ordenamento social.

Um modelo que consagra a gratidão como base – da ordem do ser grato pelo pão de cada dia, etcetera – ganha novas imagens e sentidos na atualidade. A palavra que originariamente era substantivo feminino (gratidão; a gratidão), transformou-se numa expressão idiomática (Gratidão!). Ainda, junto à ferramenta de termo associado a tópico (*Trending Topics – Hashtag*), ganhou maior visibilidade conceitual e estética (*#gratidão*). Existem diversas ferramentas de rastreamento e monitoramento de *Hashtags*. Estas são utilizadas por pequenas e grandes empresas para conhecer as *Hashtags* mais frequentes dos aplicativos mais consumidos como *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*. O objetivo é criar campanhas e produtos comerciais explorando os temas das *tags* de acordo com as possibilidades do mercado consumidor. Até a data deste trabalho, é possível encontrar produtos como camisetas e pulseiras com a temática: *#gratidão*. Eis mais uma velha conhecida dos mecanismos de controle: marketing apelativo junto a princípios transcendentais (agora na versão 2.0).

Problematizar a *#gratidão* é indicar a nova roupagem da antiga gratidão que já seguia, muito antes desta, como valor social atrelado a um ideal cultural que supervaloriza o “princípio do prazer como meta. Um desejo para uma finalidade, um prazer consumível como atualização deste desejo. Praticam-se boas ações com finalidades, presumindo-se obter, em troca, algum tipo de compensação”<sup>44</sup>. Com os afetos padronizados segundo as representações transcendentais, os humanos tendem à moralidade existencial. Mas havendo qualquer frustração na prática moral, há, também, um modelo de homem, de mulher, de cidadão, etcetera que não foi exercido competidamente; há um procedimento padrão para um excedente; há um dever que um devir não deu conta. Assim, com a frustração, há possibilidade de a culpa e o ressentimento atravessarem o humano.

A culpa enfraquece a potência do devir por que o pensamento-movimento afetivo do humano precisa ser negado/desqualificado para adequar-se a uma identidade exaltada num modelo qual, inevitavelmente, não comportará todas as suas eminentes diferenças. E o

---

<sup>44</sup> BOHER, 2006, p. 39, modificado.

ressentimento é a reação humana à frustração, estendida ao coletivo, que constata um sentimento de impotência diante da necessidade de uma mudança necessária nos modelos; de legislar novos valores capazes de liberar suas intensidades<sup>45</sup>. A padronização identitária é constante. As subjetividades já reproduzidas, novamente são expostas ao consumo desenfreado, modulando direções e velocidades reguladas, regularizadas e regulamentadas que publicam-se no meio social como ações, sentimentos e pensamentos costumeiros, suscetíveis a um ciclo imediato de (re)normalização. Negando o devir – o fluxo incessante dos encontros afetivos que transforma os corpos até transbordarem os modelos – as ideias inadequadas tornam-se eminentes; o humano desconhece as causas que mantém sua potência ou impotência atual; interdito a uma aproximação essencial sobre si mesmo e sobre os outros corpos. Comprando as mais novas representações transcendentais, o humano escolhe para si a experiência da vida sob o racionalismo moral. É a insistência em tal posicionamento para a vida que Espinosa desaconselha:

Peço-lhes que observem a que ponto se chegou! Ao lado de tantas coisas agradáveis da natureza, devem ter encontrado não poucas que são desagradáveis, como as tempestades, os terremotos, as doenças, etc.. Argumentaram, por isso, que essas coisas ocorriam por causa da cólera dos deuses diante das ofensas que lhes tinham sido feitas pelos homens, ou diante das faltas cometidas nos cultos divinos. Embora, cotidianamente, a experiência contrariasse isso e mostrasse com infinitos exemplos que as coisas cômodas e as incômodas ocorrem igualmente, sem nenhuma distinção, aos piedosos e aos ímpios, nem por isso abandonaram o inveterado preconceito. Foi-lhes mais fácil, com efeito, colocar essas ocorrências na conta das coisas que desconheciam e cuja utilidade ignoravam, continuando, assim, em seu estado presente e inato de ignorância, do que destruir toda essa sua fabricação e pensar em algo novo (ESPINOSA, 1677/2002, p. 120).

Espinosa é direto. Faz um pedido ou quase um clamor. É pela observação. Observação que exige algum esforço, alguma atenção, algum investimento de energia. Ele também acusa. Diz que se chegou a um ponto. E o tom é de preocupação. Inspetora: a natureza é uma disposição de composições, tanto quanto de decomposições. Ainda assim, boa parte dos humanos segue reformulando conceitos transcendentais para diagnosticar motivações de uma natureza consciente, voluntarista e impiedosa. Sendo que, são esses mesmos humanos, os que diariamente experimentam o contrário de suas próprias suposições: afetos de alegria e tristeza que atravessam a todos, sem distinção. Estão todos suscetíveis de serem contemplados pelos próximos segundos, ou não; ignorantes de sua sorte e de seu destino. Nada obstante, esses mesmos humanos não abrem mão de seu inveterado, enraizado,

---

<sup>45</sup> NIETZSCHE, 1887/2009.

profundo, antigo, crônico, repetido preconceito. Espinosa, então, constata com desprezo: os humanos persistem na facilidade e comodidade daquilo que já está aí. Se forem complexos os efeitos de seus encontros, a ponto de exigir algum esforço para análise, sua utilidade torna-se duvidosa. Esforço leva tempo, tempo é dinheiro, logo esforço faz dinheiro. Sua utilidade foi descartada. Espinosa indica o final ou o começo: sem esforço, sem insistência, sem atitude, sem implicação não há criação. Neste quadro, o humano diante de si mesmo, é seu próprio algoz.

Para Espinosa (1677/2002), desenvolver a compreensão dos afetos, é fazer das imagens uma composição para um conhecimento mais adequado da natureza. Conhecer adequadamente a natureza é afirmar a sua necessidade enquanto parte dela. O que significa, também, afirmar a necessidade de cada encontro e seus efeitos, suas consequências. A maturidade da razão adequada não exclui a experiência das afecções passivas, os dois seguem juntos, são a história do devir, sua Duração; transformação dos modos de vida a cada encontro. Até a possibilidade da ciência intuitiva. Quanto mais a Duração estiver experimentando o conhecimento das singularidades essenciais, mais próxima da natureza e de sua essencialidade o humano estará. O exercício ético visa liberar o devir do dever; para que os estados de afecção passiva – o conhecimento imaginativo – sejam a menor parte da experiência. Desse modo, a maior parte experimentada será a da expressão. É a intensidade liberada: Expressada. A expressão da natureza. Sendo mais expressivo o humano é mais ativo. A vida que fez a diferença porque viveu a diferença, merece a eternidade<sup>46</sup>.

É também por meio desta ciência intuitiva – a Duração intensiva do saber – a possibilidade da aventura do pensamento; os meios para o poder de invenção e de rigor. A vontade de criar; de produzir novos modos de vida não vai endereçada ao que é melhor para o humano no campo moral, nem ao que é verdadeiro/adequado na natureza. O conhecimento intuitivo é para ultrapassar aquilo que é<sup>47</sup>; que já está posto (previamente definido e previamente determinado). Produzir novos sentidos, novas linhas de experimentação do devir, para que a intensidade possa passar. O projeto ético de Espinosa tem como alvo a liberdade. É processo para o poder de autodeterminação<sup>48</sup>; de agir somente por sua própria necessidade. Conhecer intuitivamente é poder experimentar alegria por uma relação de

---

<sup>46</sup> DELEUZE, 1968, p. 220-223.

<sup>47</sup> ULPIANO, 1988/2017.

<sup>48</sup> Cf. ARRUDA, I. As noções de corpo e mente de Benedictus de Spinoza. Revista Conatus. Filosofia de Spinoza. Vol. 5. Nº10. Dez. pp. 45-56. 2011.

liberdade, agenciada para sofrer minimamente os possíveis constrangimentos do acaso; uma ligação entre singularidades, uma intersubjetividade sem a mediação de modos individuais orgânicos e psicológicos. Uma expressão de alegria que implica numa linha de pensamento em que a causa da existência do humano que se move afirmando as determinações, vem de dentro de si.

Mais uma vez, reforçamos a problemática contemporânea: diante de um bombardeio de imagens, de normas, de procedimentos, etcetera o humano pode precisar de aliados, de uma boa composição que o ajude a pensar e se posicionar. Deleuze compunha virtualidades que geravam agenciamentos. Agenciamentos<sup>49</sup> como mistura de conceitos, mistura de corpos; articulações; de pensamentos; pensadores; intercessores (heterogêneos que se interpenetram por vizinhança, por um desejo comum; uma abstração transcendente dos territórios estudados; metamorfoseando sempre que favorável).

Deleuze compôs agenciamentos com alguns pensadores que, também, eram inspirados por Nietzsche. Um desses foi Michel Foucault (1926–1984). Em *O homem, uma existência duvidosa* (1966), quando Deleuze coloca a existência do homem em xeque, ele está promovendo o pensamento de Foucault – um pensamento que resgata Nietzsche – quando este dispensa o homem de seu status de sujeito soberano do saber – em seu livro *As palavras e as Coisas* (1966). Nietzsche anunciou a morte de deus; constatou filosoficamente que deus já não era mais estrutura organizante no mundo moderno. Logo depois, anuncia, também, a morte do homem; da forma-homem. Ainda constata que, ao matar deus, o homem fere sua própria integridade. E no lugar deste, anunciou que o mundo deveria fazer nascer um movimento, um atravessamento do homem para o além-do-homem<sup>50</sup>. O deus morto deixou de herança os valores antropocêntricos para seu filho homem. Esses valores precisam sumir para que a transformação do homem se complete.

Foucault realiza uma arqueologia das ciências humanas; escava a composição virtual-atual neste campo de saber para descrever seu movimento da idade clássica até a idade moderna. Explora esta linha de Nietzsche e retrata que a tarefa de matar a forma-homem também implica em dar fim às ciências humanas<sup>51</sup>. Visto que, na modernidade, elas regularizaram-se como campos do saber que mantiveram a herança do pensamento clássico representacional: “seu sistema de identidade, de diferença, de redobrimento e de reflexão,

<sup>49</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F., 1975/2003, p. 153-154.

<sup>50</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Assim falou Zarathustra (1885). São Paulo: Cia das Letras, 2011.

<sup>51</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas (1966). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

seu espaço próprio, até esse vazio essencial que é que designa os personagens (modelos) para quem toda a representação existe”<sup>52</sup>. As ciências adequadas para a epistemologia ainda miram o humano como uma centralidade; ainda reflexos da obsessão transcendente. Desdobra-se em classificações racionalistas a favor de uma representação que “remete essa natureza humana à *Natureza*, mas o homem não existe ainda em seu ser próprio ou em seu domínio sub-representativo. Ele não existe como realidade primeira, como sujeito soberano de todo conhecimento possível”<sup>53</sup>.

Podemos supor, até a data deste trabalho, que o predomínio das forças humanas que compõem o mundo ocidental, ainda move-se reconhecido pela crença de que as relações humanas precisam partir do homem, enquanto sua centralidade, para explicar o todo do mundo. Ulpiano (1988/2017) defende a ideia de que Foucault era um spinozista; estava desaprovando tal construção de saber; tal humanismo. O exercício ético de Espinosa não tem um ponto de partida, mas uma múltipla partida; parte de deus como natureza acentrada; como plano de imanência. Segundo Miller (1993), Foucault foi um grande experimentador e arqueólogo do corpo, exerceu sua ética, também, criando modos de vida sadomasoquistas por todo prazer que sentia pela prática.

Em 26 de Junho de 1984, o jornal *O GLOBO*, em sua edição matutina<sup>54</sup>, trazia no caderno *Cultura* a matéria intitulada *Morre aos 57 anos o mestre estruturalista Michel Foucault*. Matéria curta, menos de um quarto da página de jornal; e boa parte ainda era ocupada por uma foto que enquadrava o rosto de Foucault com as mãos na cabeça. A legenda da foto era esta: *Foucault: o lado dos loucos*. O primeiro parágrafo informa que a morte foi no dia anterior (25) e que ele era uma das figuras mais destacadas do estruturalismo francês. Também informa que a UTI da clínica se negou a fornecer qualquer detalhe sobre a morte; o hospital era o Salpêtrière, em Paris, instituição destinada a doentes nervosos. O segundo parágrafo informa que, em seus últimos anos, Foucault concentrava todo seu esforço intelectual em torno da preocupação com a sexualidade humana; havia acabado de lançar os segundo e terceiro volumes – *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si* (1984) – de sua *História da Sexualidade* (1976). Até o final da matéria, há basicamente uma exposição das outras obras de Foucault, cada uma delas com um resumo mínimo sobre o tema e, também, um

<sup>52</sup> DELEUZE, 1966/2006, p. 2, modificado.

<sup>53</sup> DELEUZE, 1966/2006, p. 3, modificado.

<sup>54</sup> Cf. *Morre aos 57 anos o mestre estruturalista Michel Foucault*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1984, Matutina, *Cultura*, p. 23.

resumo de sua carreira. Dos mínimos resumos de obras, o maior deles é sobre *A História da Loucura* (1961) que era, de acordo com os críticos, um trabalho fundamental para a compreensão de seu pensamento.

A imagem que passa é a de que um brasileiro que não conhecia Foucault, e leu esta matéria em 1984, continuou sem conhecer. Mas, talvez, não tenha passado a página tão rapidamente, por conta de uma outra matéria, logo abaixo, que informava: *Djavan foi sucesso à primeira nota em festival de jazz em Nova York*. A matéria sobre Foucault pode ser acessada no acervo de arquivos digitalizados que *O GLOBO* mantém na internet. Na página que nos permite o acesso, há um texto de apresentação sobre a matéria digitalizada. O texto foi postado em setembro de 2013 e atualizado em junho de 2014. Basicamente, são cinco parágrafos repetindo as mesmas informações da matéria de trinta anos antes. Mas, o último parágrafo é totalmente inovador:

Foucault foi um dos protegidos do filósofo marxista Louis Althusser, que escandalizou a intelectualidade francesa, ao enforçar a mulher, em setembro de 1980. Com a exposição de suas preferências sexuais, após a morte, as idéias de Foucault passaram a sofrer certa rejeição, principalmente após ser revelado que era sadomasoquista e teria se exposto propositalmente à Aids (OGLOBO, 2020).

Quem é Foucault hoje enquanto um homem morto? Quem é qualquer pessoa morta, senão um conjunto de imagens que uma multiplicidade de forças pode repetir sobre ela? O controle tem formas. O desejo, com interesse, cria as formas de controles mais atuais e criativas possíveis. Se o humano não vai além das impressões, se acostuma-se com as imagens que lhe vão ao encontro, há uma grande possibilidade de permanecer com ideias inadequadas sobre os fantasmas que já não podem mais se defender. Mas, pelo menos aqui, nestas páginas, um pouco de controle fica conosco. As intercessões teóricas que compõem nosso construto são um roubo a Deleuze. Mas é um roubo admitido por nosso fantasma. Deleuze afirmava que um encontro é uma espécie de roubo, mas que “roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como”<sup>55</sup>. É um modo de composição; uma dupla-captura. Roubar um conceito, esforçando o pensamento na tentativa de atravessar o autor é compor algo novo, porque repetição é, necessariamente, uma diferença; é sempre um novo encontro; forças que mudaram antes e continuam. A Duração se expande no virtual e não mais regressa. A medida do roubo é a medida da marca de intensidade deixada na nova composição da Duração.

---

<sup>55</sup> DELEUZE; PARNET, 1977/1998, p. 6.

Temos uma preocupação moral com o que roubamos e o modo como fazemos. Com alguns cuidados e cautela, seremos bem sucedidos. Pois aquele que roubamos já não está mais vivo para contestar sobre o que estamos fazendo. E aqueles que tentarem contestar, se não provarem que conhecem muito sobre o fantasma e sua obra, diremos que suas acusações são ingênuas por falta de base teórica. Ainda, se surgirem os grandes conhecedores de fantasmagorias, até aqueles definidos por outros e por si mesmos como deleuzianos, que não só apresentam as provas de compreenderem os efeitos do que estamos fazendo, como também entendem as causas; caso venham a nos contestar, diremos que suas acusações são ingênuas por excesso de base teórica; por transformarem seu mestre em ídolo e formarem com este, uma nova religião. De um modo ou de outro, estamos bem armados. O poder da palavra é nosso. Não há réplicas aqui. Mas, também não somos a Lei. Não desejamos que qualquer um que queira contestar este trabalho, não vá até o limite de seu poder de contestação.

Mas há réplicas na vida. Quando a moral impõe sua ordem – o dever – através dos modos mais engenhosos e atualizados possíveis e, também, usa instituições comuns para tal (religião, estado, família, escola, etcetera) – e esta imposição aprisiona o querer, o desejo, o devir – podemos visitar autores, estudar métodos, desenvolver instrumentos, investir em conceitos, exercícios, posicionamentos – procurar um psicólogo – e nos esforçar, para buscar sempre compor novas possibilidades de criar caminhos até uma força capaz de nos interpretar.

Nos agenciamos com Deleuze e com outros brilhantes pensadores da imanência. Para nós é um bom encontro. Trabalhar com filosofias/pensadores centrados na ética; agenciar todos estes conceitos é algo que convoca e amplia nosso saber, logo amplia nossa capacidade de pensar, de sentir e de agir. Buscamos experimentar novos modos de vida enquanto psicólogos que se permitem e se esforçam para agir com esse conhecimento, também, dentro da clínica. É uma força, uma composição que nos faz mais alegres para agirmos enquanto clínicos, professores, servidores, cidadãos, etcetera.

Com tal agenciamento, tentamos explicitar quem é o cliente da clínica ética. Caso ainda não esteja claro, podemos explorar um pouco mais. Escrevemos sobre forças, e para escrevermos sobre elas, usamos diversas imagens de forças, fluxos; eterno devir que se metamorfoseia; hora exercem sua potência (atividade), hora sofrem uma ação (passividade); hora são controladas, hora deixam a intensidade passar; têm uma história, têm um presente;

hora atravessam uma composição, hora uma decomposição; mutantes, mudam; transformando-se, transformam; se movem compondo novas formas de movimento a cada curva.; trocas; fluxo. Imagens e singularidades. Estas atravessam este trabalho desde o início. Há a imagem de quem o escreve, através do que se lê; a dos pensadores, através do que escrevemos; já são o bastante para múltiplas composições que provocam outras imagens; atravessando por um psicólogo, um cliente, um filósofo, um pensador, um professor, uma mãe, uma criança, uma filha, estudantes, um consumidor, um editor, um jornalista, um escritor, um sadomasoquista... Você que está lendo, através do que está lendo; se imagina e imagina...

É a imagem; é a moral. A moral é o cliente da clínica ética – O ser experimenta a vida de modo dual. Na clínica é esta dualidade que entra: um dever e um devir. Como vimos, são inseparáveis. Parafraseando o gênese da Bíblia – com sua proposta do homem enquanto imagem e semelhança de deus – o dever é a imagem da natureza; o devir é a semelhança. Mas, neste projeto clínico-filosófico, a semelhança não está relacionada à ideia do deus de Abraão, mas ao corpo do deus de Espinosa. Logo o dever é a imagem criada de tudo o que foi e continua sendo humanizado na natureza; o devir é a expressão inumana, do campo impessoal e pré-individual, impassível de semelhança e reconhecimento; o devir é a diferença criadora. O psicólogo acolhe os dois, ou melhor, acolhe o múltiplo. O dever é este modo atravessado por um *Quem*; o devir é puro atravessar.

Mas é a moral como força interpretada por um clínico que lhe atribui um sentido ético. Que, exercendo a ética, a interpreta e interpenetra enquanto um dever a uma parcial de um devir; enquanto um substantivo (nomeação do ser) a um passo de uma flexão verbal (movimento do ser); talvez, enquanto um menos *#gratidão* para um mais *#necessário*. Uma vez que, a ética é a constante problematizante da moral, cabe ao clínico ético acolher o cliente, esforçar-se ao máximo para nunca julgar – mesmo compreendendo que, pelo menos minimamente, isso pode acontecer – e desfazer hipostasias, as suas e as do cliente (LESSA, 2011). Desfazer uma hipostasia é exercer a ética através da linguagem; é problematizar o moralismo no encontro. É informar o cliente sobre sua ingenuidade no momento em que este estiver tomando como real e absoluto aquilo que é somente parcial. É ir além das imagens, ou melhor, é contestar as imagens a favor da psicoterapia, criando aberturas para o devir passar. Um campo de multiplicidade é um campo difícil, mas torna-se mais leve na medida em que o esforço é investido.

O movimento de problematização ética sobre a moral é de uma complexidade múltipla. A possibilidade de um psicólogo começar um exercício ético e vir a tomar atitudes ingênuas é iminente. Estamos sujeitos ao devir e ao dever, em suas interações afetantes. Por exemplo, podemos problematizar um comportamento social qualquer em que nos é requerido o bom senso, mas mesmo nos esforçando para elucidar algumas das mais evidentes possibilidades de modos de vida, elas ainda só compreendem minimamente uma multiplicidade de infinitas possibilidades. Vejamos: nós, ocidentais, brasileiros, reconhecemos que soltar uma flatulência é da ordem do indivíduo orgânico e psicológico. Mas é útil e agradável para nós que seja de bom-senso que outros humanos não cometam este ato perto de nós enquanto estamos no cinema comendo pipoca. Num cenário como este, conseguimos compreender a presença de singularidades a favor da vontade de eliminar tais gases e de que sua efetuação possa ser realizada a qualquer momento, bem como, também, existem singularidades a favor da vontade dessa eliminação, mas contra a sua efetuação a qualquer momento. Ainda, existem singularidades que, num dado momento na sala de cinema, no clímax do final do filme – eis que surge a vontade de flatulência numa potência alarmante – nem querem perder as cenas finais, nem conseguem controlar as forças do organismo. Imediatamente são forçadas a criar uma ação transformadora no ambiente, capaz de lhes permitir continuar no filme, liberar a flatulência e ainda sentir alegria advinda de uma parcial confiança de que todas, ou, pelo menos, a maior parte das pessoas que poderão sentir o odor, não a acusarão. Os exemplos são infinitos.

De fato, temos ciência de que essa discussão pode parecer banal e cômica. Concordamos que os efeitos de ações como essa, podem não ter potência a ponto de transgredir a moral e ferir os códigos de uma sociedade que valoriza o ordenamento dos odores alegres dentro das salas de cinema. Mas quando estamos diante de problemas éticos inteiramente complexos nas sociedades ocidentais como casamento/matrimônio entre humanos do mesmo sexo ou relação sexual incestuosa adulta e consensual, a força de transgressão tem potência capaz de provocar desconfortos múltiplos; capaz de despertar o moralismo comum. Podendo gerar conflitos agressivos, injúria sociais, guerras, etcetera.

As questões levadas por clientes para a psicoterapia atravessam a ordem de que alguma coisa há; ela martela, não cessa, incomoda. Essa coisa se expressa por um sentimento, um afeto, uma emoção preservado em seu ser. O cliente tem um conjunto de imagens sobre o que preserva e até uma boa qualidade de raciocínio, mas não se sente apto, capaz, potente

sobre o que fazer com o que está preservado. Ou melhor, não reconhece que o que está preservado agora faz parte dele, é ele próprio. Logo o cliente já não sabe o que fazer consigo mesmo. Essa é mais uma possível imagem de um cliente ou paciente de psicoterapia. E não tem porque não ser. Já que a clínica não deve ser lugar de mistérios. De depósito dos segredos mais profundos (LESSA, 2014).

O processo clínico de anulação de uma hipostasia, pode se tornar movimento propício para o surgimento de frustrações. A frustração aponta; tem um sentido e este pode reservar um moralismo. Não é uma clínica das imagens, mas uma clínica através destas. É clínica do necessário, bem como, tudo é na natureza. As imagens são respeitadas, são acolhidas. A educação na clínica ética não é um cristianismo às avessas, mas uma composição e decomposição de imagens, contestando a relevância da prática moral para um saber adequado daquilo que é trazido para a clínica. Na qual, isto que é trazido, tem mesma relevância, ou seja, é indissociável do movimento que traz (LESSA, 2011). A clínica ética não quer checkup, não quer manutenção (a não ser que o psicólogo esteja mendigando o dinheiro que o cliente tem para lhe dar). Quer construir conhecimento, capaz de liberar o movimento do dever do aprisionamento do dever. É útil à clínica psicológica tudo o que atravessa a necessidade que trouxe o cliente, que é expressa pelo cliente; e junto a ele, desatar as amarras que o estão impedindo de seguir com liberdade para um maior estado de alegria. Se há algo moral na clínica ética, é que esta é supervalorizada como um campo das possibilidades dentro das impossibilidades.

Imaginemos Deleuze como um Chef de cozinha; Espinosa, o ingrediente principal; Nietzsche, o tempero para o gosto; Bergson, o tempo que vai das marcas do cronômetro até a experiência do cozinheiro; e o exercício ético, uma panela de madeira, que vai assim mesmo, vacilando no fogo e com ele, ferramenta indecente, cozinhando seu conteúdo e também a si mesma. Proporcionando ao Chef, todo um conjunto de manobras imperitas e a condição imprudente que dá forma ao seu produto<sup>56</sup>. Misto de incertezas sobre, se dali poderá sair uma cópia equivalente à receita, ou até mesmo, se qualquer coisa que dali conseguir sair,

---

<sup>56</sup> Imprudência e imperícia são condições para um ato de infração. Nietzsche, em *Assim Falou Zaratustra* (1885/2011), discursa sobre o infrator – que é este que, transgredindo as normas, é capaz de uma reavaliação dos valores. É a infração, então, em dado momento, também, um ato de criação; o infrator é aquele que cria, é um criador (NELSON, 2012). Este pensamento nietzschiano, entre as décadas de 70 e 80, francesas, foi compartilhamento e aproximação entre os pensadores – também considerados autores rebeldes – Deleuze e Foucault (MARTON, 1985). Para Deleuze (1966/2006), Foucault foi esse infrator/criador em *As Palavras e as Coisas*.

poderá ser reconhecida como tal. Só haverá uma certeza em todo esse processo: o cozinheiro já não será mais o mesmo; no mínimo estará queimado.

E para nosso Chef Deleuze, o humano é como um ingrediente. Em sua vida, ele pode estar empratado de vários modos. Seja nas circunstâncias de um café da manhã, brunch, almoço, lanche, jantar, sobremesa ou ceia; seja nas condições de uma refeição pré-cozida, crua, frita, assada, enlatada, defumada, industrializada; para ser degustada em casa ou fora; para acompanhar um filme ou uma série; só para passar o tempo. Esses modos, quando combinados, geram uma multiplicidade de composições infinitas. O que faz o nosso Chef pensar que um ingrediente, por si só, pode não ter a intensidade adequada, pois este só faz diferença, num prato, se vier junto a outro ingrediente e/ou temperado por um outro, em infinitas possibilidades de situações. E tudo para alimentar alguém que sente fome daquele alimento, naquele instante. Ou seja, um ingrediente só faz diferença enquanto possibilidade de composição. Assumindo a complexidade deste processo, há uma dissonância em confirmar a existência de um ingrediente, assim, por si só, aquém de uma composição. Também, por isso, nosso Chef duvida dela.

Há uma expressão idiomática italiana chamada “*in bocca al lupo*” (na boca do lobo). É uma frase, uma imagem, um signo que não se sabe ao certo quando e com quem surgiu. Pode ter surgido com os caçadores da antiguidade; e que os atores de teatro passaram a usá-la desde então. Eles desejavam um na boca do lobo uns aos outros, antes de uma apresentação. É um desejo de boa sorte antes do começo da peça. Era específica para aquela circunstância, naquele encontro, uma força sinalizava e desejava para outra: diante do lobo (da plateia), sorte!<sup>57</sup> Como Deleuze explicou sobre os roubos, na boca do lobo foi capturada; encontrou forças para além do teatro e passou a compor uma multiplicidade de expressões. Com variações de interpretações, passou a ser usada no dia a dia do italiano como uma boa sorte generalizada: diante da vida, sorte! Diante do teste, sorte! Diante de uma prova, sorte! Diante do julgamento, sorte! Diante do perigo, sorte!

Nossos autores – nossos fantasmas – nos lembram: todos os encontros são afetivos. Dado a velocidade das relações atuais, temos um palco promissor de forças, desejos, afetos e interesses contrários. É possível que a maioria dessas trocas seja de maus encontros; venham a decompor. Daí o desejo de sorte diante da vida. E o que é a sorte para uma ética

---

<sup>57</sup> GHERARDINI, 1853, p. 122

que acredita e valoriza que tudo é necessário?<sup>58</sup> Talvez, o melhor modo de selecionar encontros para uma maior qualidade na afirmação das consequências. Os encontros casuais são parte da vida, são as forças se organizando até, novamente, afetarem o humano com uma afecção passiva. Passivo, ele entenderá a vida como um lobo; como o destino que lhe reservou o mal. Uma ideia inadequada. É passível a todos os humanos.

É isto a natureza. E o humano que está diante da vida é, antes de qualquer predicativo, um corpo, pulsante; força, incessante, a um passo de outra que a interprete. Sempre haverá tristeza. Mas, também, sempre haverá a próxima possibilidade para a alegria. Com a atividade dos encontros comuns, há, também, aprendizado. Experiência para melhores escolhas. Confiança para deixar a intensidade passar. Os humanos crescem, evoluem. Adaptam-se; entendiam-se; readaptam-se. Criam. Conhecem singularidades; conhecem mais de si mesmos. Experimentam uma autodeterminação elevada, até um dia os atravessar a sensação de que a vida pode estar na sua boca. Na costumeira informalidade do desejo de *in bocca al lupo*, tem sido inadequado responder com a simplicidade do *grazie* (obrigado!). A resposta comum é *crepi al lupo* (morte ao lobo!) ou só *crepi* (morra!). Diante da vida, viva! (#necessário).

---

<sup>58</sup> “A ética de Espinosa é uma ontologia do *necessário*. Liberdade é a ação que segue necessariamente da natureza do humano que age como causa adequada da sua ação” (CHAUI, 2011, p. 197, modificado. Grifo nosso).

## POR ACASO HÁ UMA NECESSIDADE – O DEVER DO DEVIR

O que é o Exercício Ético? Logicamente, o exercício da ética. Muito justo. Mas então, o que é ética? E como exercê-la? Partindo do princípio de que viver civilizadamente é viver com, é conviver; não há uma vida, que possa se reconhecer enquanto vida humana, sem que, antes dela, já não houvesse no mundo uma outra vida humana, para lhe confirmar enquanto semelhante, lhe estimular, lhe educar... A ética surge na antiguidade como ramo da Filosofia da Moral, responsável pelo exercício de reflexão sobre a melhor maneira de conviver (FRAILE, 1976). Presume-se que haja uma melhor maneira, porque escolher viver com o outro, viver em sociedade, é assumir garantia necessária de que seus desejos e os desejos do outro, por vezes, tanto podem divergir, como também concordar. Infinitas e incessáveis são as possibilidades de relações de troca com seus efeitos e consequências, que projetam direitos e deveres para com todas as partes envolvidas.

A prática moral é movimento capaz de gerar corpos passivos e reativos, portadores de um estado de afecção que, historicamente, esteve acompanhado pela angustia, remorso, dor, culpa, ressentimento. A moral está na disposição de escolhas, dos vários caminhos possíveis, sobre a própria vida. Escolher; selecionar uma composição, por vezes, em determinada circunstância, é abrir mão de outra ou outras que também faziam sentido, porém menor sentido que a eleita. Um movimento que pode ser experimentado de modo angustiante e/ou doloroso. Escolher também traz consigo a experiência de perder ou deixar de ganhar tudo o que sobrou. E ser ético, em seus conceitos iniciais, na Grécia antiga, envolvia perdas significativas (FILHO; POMPEU, 2014).

O chamado berço da civilização ocidental, a Grécia na antiguidade, começa a compor os primeiros entendimentos sobre a ética. Os fundamentos do pensamento filosófico – o saber sobre o saber – do homem grego antigo, estavam estritamente ligados à ideia de o universo constituir-se como um espaço, em sua totalidade, organizado. Ideia de que o mundo, e tudo o que ele contém, é ordenado. Cada humano, corpo, objeto, coisa, forma, fenômeno, dentro do universo, tem seu lugar apropriado, tem um espaço destinado à sua exclusiva ocupação. Portanto, para o pensamento clássico do grego antigo, as coisas no universo não estão ao acaso<sup>59</sup>. Se elas, estão onde estão, só podem estar por um ordenamento natural. E não estão

---

<sup>59</sup> Cf. PESSANHA, J. A. M. Platão – Vida e Obra. In: PLATÃO. Diálogos. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

só por estar, todas tem uma finalidade. Seguem um processo natural e sistemático, no qual cada coisa e ente humano, quando cumprem a sua finalidade, o conjunto de todo esse cumprimento faz o universo cumprir sua finalidade enquanto o todo. A ideia reforçada aqui é a de entender o universo como um *sistema*, constituído por um conjunto de processos realizados por um conjunto de unidades funcionalmente interdependentes. Pois o universo é esse grande sistema, constituído por várias unidades, com processos específicos e determinados para cada unidade. Sendo o humano, uma dessas unidades, este precisa encontrar o processo mais adequado a si para poder cumprir sua finalidade, para poder viver de uma melhor maneira. O homem precisa adequar-se ao que o universo lhe destinou.

Aristóteles (384 a. C – 322 a. C.) em sua *Ética a Nicômaco* (335/323 a. C. – 1991) também contemplava o universal como seu mestre Platão (428 a. C. – 348 a. C.). Aponta que naquela sociedade ateniense<sup>60</sup>, logo vão se compondo modos de vida, e modos de vida dentro destes, nos quais, alguns cidadãos, admiram, compram e reforçam o que o Estado classifica como condutas, ações, hábitos, atividades, práticas que valem mais ou menos que outras, capazes de trazer bem ou mal para a própria pessoa e, também, para a sociedade como um todo.

Platão foi um dos maiores promotores de tal ideia. Desprezava o sensível, o mundo sensorial, observável, transitório. A razão, em Platão, contemplava o universal enquanto algo que existe separadamente das formas materiais. O mundo das ideias era perfeito por ser o plano do racional, do inteligível, já o mundo das coisas, passível, sensível, afetável e, portanto, imperfeito; cópias decalcadas de um esboço original que nunca condessarão sua essência, mas apenas sua representação. Há então, no pensamento grego a partir de Platão, uma cisão que divide a realidade em dois mundos possíveis: o mundo sensível, ou mundo de aparências e o mundo das ideias, ou mundo das essências, das formas perfeitas. Ocorreu ali, uma espécie de revolução do modo de pensar e, conseqüentemente, de viver<sup>61</sup>. Até então, os filósofos pré-socráticos, ou filósofos da natureza, propuseram que o princípio da vida no mundo estivesse no próprio mundo. Tales de Mileto afirmou que o princípio da vida e do mundo, era a água; Heráclito de Eféso afirmou ser o fogo; Demócrito e Leucipo propuseram a ideia de uma partícula chamada átomo. Platão trazia a novidade de que a origem do mundo

<sup>60</sup> Cf. BARNES, Jonathan (1982). Aristóteles. Colección Teorema. 3ª Ed. Madrid: Catedra, 1999.

<sup>61</sup> Cf. DELEUZE, Platão e o simulacro. In: *Lógica do sentido* (1969). São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

não estaria no próprio mundo físico, sensível, mas sim fora dele. Em outro mundo, um que transcende ao plano dos corpos<sup>62</sup>.

Ora, era uma nova perspectiva. Imaginemos que, a mesma inquietação que atravessou nosso Deleuze na década de 1960, e o fez duvidar da existência do homem, poderia ter uma cópia ancestral que visitou Platão na Atenas antiga. Platão poderia muito bem ter pensando: se no mundo das coisas reais, da vida como ela é, o homem grego, em seus hábitos e comportamentos, muda, vacila, improvisa, excede ao padrão daquilo que nossa Polis reforça como condutas virtuosas boas, belas e agradáveis. E, sendo esse próprio mundo o plano que é palco para essa instabilidade do caráter passional humano, provável concluir que, o princípio que dita a vida do homem grego, não expressa em si mesmo a coerência de sua existência.

Por tal evidência, é natural duvidar-se do homem e de suas sensações, emoções, expressões e, logo de seu próprio corpo. Mas a vida ainda continua mesmo com esta dúvida, pois é inegável que sentimos tudo o que nos atravessa e experimentamos o tempo todo. Pois bem, então, a vida continua para um homem que existe não além da dúvida, mas através dela. O homem vacila, acaba-se, esvai-se em sua condição finita, mas os princípios da dúvida, não. Desse modo, não é a existência total que está posta em cheque, é apenas seu plano sensível, o mundo que o corpo não consegue contemplar. No plano da dúvida, do pensamento, das ideias; o saber já é condição da razão. Tal como este movimento que nos faz capaz de refletir sobre o próprio princípio da existência humana. Exatamente o que está sendo posto em reflexão. A coerência está nesse poder de reflexão, de raciocínio lógico, de idealização que só é possível existir em outro plano, em outro mundo. O mundo das ideias.

Tentando parafrasear Platão, pretendemos explicitar seu ponto: há o azul. E este está colorindo algumas coisas no mundo. Há o azul denso do mar aberto, o azul claro do céu que amanhece, o azul limpo dos lagos mais claros, o azul escuro da noite, o azul das penas de algumas araras, e o das asas de algumas borboletas. Cada tonalidade, pigmento, modos de azul que colorem certas coisas no mundo, são representações da ideia do azul enquanto atributo principal de todas as suas variações. Bem como, há as borboletas. Algumas de maior e menor tamanhos. Umas com asas coloridas de amarelo, outras de vermelho e outras de azul. Infinitas variações que representam um atributo principal daquilo que conhecemos como uma

---

<sup>62</sup> Cf. REALE, G. História da filosofia antiga vol.II: Platão e Aristóteles e vol.V Léxico, Índices e Bibliografia. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

borboleta. Há também José Sarney. Alguns acham que este foi um bom presidente. Outros acham que foi um mal presidente. Há quem afirme que este é o grande responsável pelo atraso socioeconômico do estado do Maranhão. E há quem diga que este foi, politicamente, o que já aconteceu de melhor ao Maranhão. Alguns também não recordam de qualquer avanço nos índices de educação do Maranhão, durante seu governo e, também, do de seus familiares que vieram tempo depois. Outros não só relembram os avanços e investimentos no setor cultural e artístico do Maranhão, durante tais governos, como também sonham com seu retorno. Independente do gênero, raça, profissão, cargo, posição, aqueles com nome Sarney – pelo menos em boa parte do Brasil – e o homem José Sarney são representações da ideia de uma pessoa política, ou pelo menos que exerce ou já exerceu algum cargo político/público ou é parente de quem o faz ou fez.

Para Platão, tudo o que há no mundo, por mais singular que seja, possui com seus outros singulares, pontos de tangência que são invariáveis, remetendo a uma representação ideal, ou idealização – variações de um atributo principal, ou razão de ser, que o pensamento clássico grego reforçou como o conceito de essência. Neste pensamento, a essência de algo ou alguém pertenceria ao mundo inteligível. Por essa dupla perspectiva, atribuindo ao homem duas dimensões, a teoria das ideias de Platão também é chamada de dualismo platônico<sup>63</sup>.

O desenvolvimento da ética que trata dos encontros afetivos não segue como parte da tradição filosófica grega que tem como influência central a filosofia clássica, o platonismo, nem a escola peripatética fundada por Aristóteles. A influência advém da produção intelectual grega, e mais tarde greco-romana, da chamada civilização/idade helenística. Um período que vai desde a morte de Alexandre Magno, em 323 a. de C., até o final da República Romana, por volta de 31 a. de C. Durante esses três séculos, o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo foram os movimentos essenciais que definem a Filosofia Helenística. Seguimos com o estoicismo, como considerado movimento mais importante e influente da filosofia helenística, fundado por Zenão (ca. 333- ca. 263 a.C.) e Crísipo (ca. 280- ca. 208 a.C.), para abordar o início do pensamento acerca de uma ética fundamentalmente materialista que recusa a transcendência de influência platônica (LONG, 1975/1984).

Há três conceitos desenvolvidos pelos estoicos significativos para aproximação à sua filosofia: lógica, física e ética<sup>64</sup>. Conceitos esses que diferem de seus derivados da palavra

<sup>63</sup> Cf. PLATÃO. Diálogos. 5ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Coleção Os Pensadores).

<sup>64</sup> As referências aos fragmentos dos textos estoicos usadas aqui foram coletadas em BRÉHIER, Émile, *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*; LAÉRCIO, Diógenes, *Vidas de los filósofos más ilustres*, libro VII, e

grega. Como esclarece Anthony Long, os estoicos atribuíam a essas terminações significados singulares:

Por lógica os estoicos entendiam algo que inclui tanto a teoria do conhecimento, a semântica, a gramática e a estilística, bem como a lógica formal. Esses elementos da lógica se desenvolvem todos associados uns aos outros porque têm o *logos* como seu tema. *Logos* significa ambas as coisas, linguagem e razão; e a linguagem pode ser considerada desde um aspecto fonético, como um semântico. Ou ainda mais, um estoico estudará como lógica, tanto as regras do pensamento e do argumento válido – lógica em sentido estrito -, como as partes da oração pelas quais os pensamentos e argumentos são expressos. Conhecer ou saber algo para o estoicismo é ser capaz de afirmar uma proposição demonstrável como verdadeira, assim a epistemologia se converte em um ramo da lógica, no sentido generoso dado a este termo pelos estoicos. O tema da física é a *physis*, a natureza, e este também precisa ser interpretado de um modo suficientemente amplo que abarque tanto o mundo físico como os entes animados, incluindo os seres divinos, assim como o homem e os outros animais. Assim, a física abraça a teologia além dos objetos que podem ser vagamente classificados dentro das ciências naturais, e em nenhum caso o foco desses tópicos é científico em um sentido exato. A "ciência" estoica é especulativa - filosofia da natureza - embora muito dela seja encontrada também enraizada na observação de fenômenos particulares (LONG, 1975/1984, p. 121-122, tradução nossa).

Do cinismo, Zenão herdou a ideia fundamental para todo o pensamento estoico, a de que a verdadeira natureza do homem consiste em sua racionalidade. Desse modo, podemos abordar dois conceitos fundamentais no estoicismo: *logos* (razão) e *physis* (natureza). A filosofia estoica é projetada para alcançar uma completa correspondência entre os âmbitos que a tradição da filosofia clássica insiste em separar, linguagem e comportamento, por um lado, e o ocorrer de eventos naturais por outro. Para a possibilidade do exercício ético os estoicos eram moralistas práticos. Ofereciam uma análise de conceitos morais, mas como propedêutica para o exercício reflexivo do por que tais conceitos são válidos e qual seria o fundamento do bem estar humano (DL VII; LONG, 1975/1984).

Para os estoicos, a virtude do homem está fundamentada no princípio natural de conservação que há em toda a vida animal: a autopreservação. E por ser um animal diferenciado com o privilégio da razão, o homem pode seguir a ordem natural com maior perfeição. Ou seja, pode exercitar o seu *devoir* com o uso da razão para tornar-se mais virtuoso. Seguindo a lógica estoica, um homem que não exercita sua razão está suscetível a uma má compreensão das coisas, o que o afasta da virtude e o leva ao vício. Sendo a razão a condição natural do *devoir* humano que leva o homem a virtude, a sua ausência indica uma inadequação

---

LONG, Anthony, *La filosofía helenística*. Os textos de citações do agenciamento entre a ética estoica e a spinozista foram coletados em DELEUZE, Gilles, *Diferença e Repetição; Lógica do sentido; Espinoza: filosofia prática* e LESSA, Jadir, *A Clínica como Exercício Ético dos Encontros Afetivos*.

estrutural no modo de compreensão das coisas, o que faz do homem vicioso, um ignorante, que atribui falsos juízos a estas (DL VII; LONG, 1975/1984).

Os estoicos entendem a falsidade das coisas como geradora das paixões, e estas como movimentos irracionais contrários a ordem natural. Um homem aquém do exercício da razão é um homem vulnerável às paixões. Para os estoicos, o processo cognitivo do homem dá-se através da relação das impressões percebidas sobre a coisa, o pensamento valorativo sobre estas e o impulso que processa o comportamento. Visto isto, trata-se de um processo imanente, já que qualquer representação só é produzida por um objeto estimulante. Logo, afecção só advém como efeito do contato com um agente correspondente. E a partir do exercício do *logos* (razão) há a possibilidade de o homem discriminar qual contato lhe é mau e qual lhe é bom (DL VII; LONG, 1975/1984).

Gilles Deleuze (1925-1995), em sua *Lógica do Sentido* (1969), resgata a ética estoica antiga como uma possibilidade de exercício de vida no qual o homem experimenta o prazer de retomar eticamente a frente de sua existência, contrária a uma subordinação moralista que adequa o seu devir às obrigações sociais e princípios culturais. Para melhor esclarecer a proposta de ética estoica, Deleuze (1969/2003) afirma que os estoicos realizaram uma grande reversão do platonismo, pois concebem sua ideia de *physis* (natureza) agenciada por meio de uma horizontalidade na responsabilidade sobre os efeitos de qualquer relação, de modo que concebem que a causa de um corpo é sempre outro corpo. Os estoicos negam a tradição metafísica e realizam uma inversão na proposta ética de Platão. Enquanto Platão afirma que apenas ideias, por serem formas perfeitas, são reais e causa de todas as coisas sensíveis, os estoicos já afirmam que só os corpos existem:

Não há causas e efeitos entre os corpos: todos os corpos são causas, causas uns com relação aos outros, uns para os outros. A unidade da causas entre si se chama Destino, na extensão do presente cósmico. 2) Todos os corpos são causas uns para os outros, uns com relação aos outros, mas de que? São causas de certas coisas de uma natureza completamente diferente. Estes *efeitos* não são corpos, mas, propriamente falando, "incorporais". Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos. Não se pode dizer que existam, mas, antes, que subsistem ou insistem, tendo este mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, entidade não existente. Não são substantivos ou adjetivos, mas verbos. Não são agentes nem pacientes, mas resultados de ações e paixões, "impassíveis" - impassíveis resultados. Não são presentes vivos, mas infinitivos: *Aion* ilimitado, devir que se divide ao infinito em passado e em futuro, sempre se esquivando do presente (DELEUZE, 1969/2003, p. 5-6, grifo do autor).

Para o estoicismo, portanto, a realidade é física. A partir desta ética monista estes concebem a ideia de entidades que, mesmo não se constituindo fisicamente de matéria, ainda

pertencem à mesma realidade dos corpos, os chamados incorporais. A problemática ética, a ser refletida no âmbito clínico, da relação entre os corpos é, justamente, o encontro entre eles, que configura não só um encontro de pessoas, mas também de afecções e de afetos (LESSA, 2014). Nessa dinâmica materialista, é chamado de causa ativa o corpo que age sobre o outro, e de causa passiva o corpo que recebe ou sofre uma ação de outro corpo. Em cada encontro haverá sempre uma ação e uma reação ou uma ação e uma paixão. O efeito das causalidades corpóreas, os estoicos chamam de acontecimento e estes são sempre um incorporal<sup>65</sup>. Eis um fundamento de forte apreço para a clínica ética.

A composição e compreensão dos conceitos de encontro e liberdade, elaborados por Espinosa, ganham novas linhas de saber com Deleuze em suas *Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do Sentido* (1969). Para Silva (2010), a complexidade que rege os mistérios do antes, durante e depois de um acontecimento é analisada com maior rigor crítico por Deleuze, mais do que por qualquer outro pensador que o tenha tentado. E isso se dá também por conta de seu estilo ou método poiético. Através da narrativa poética, Deleuze encontrou um modo sóbrio de investigar os problemas, revelando-os através de uma aproximação criativa, ao se debruçar espontaneamente na tarefa de abordar todo o drama e incerteza que carregam uma lacuna, um mito, um segredo, um mistério, uma coisa, uma questão tão intrigante que, na escassez de sua possível solução, não se busca ou se confia que ela exista. Também, não se impõe mais limites a esta. Vai-se então atrás de um ou mais sujeitos que a percebem, a dizem, a manifestam e os modos e circunstâncias pelas quais ocorrem. Minando cada um de seus lados e suas aparições até que do caos, que já fora imediato, surja uma ordem estável de elementos inteligíveis. É este o método criativo, poiético e intransigente, bem como, a hermenêutica, também, assim se apresenta (SILVA, 2010).

Deleuze nos aproxima dos esclarecimentos acerca do construto de acontecimento, que é objeto fundamental à clínica ética. Para melhor compreendermos a construção deleuziana de acontecimento, decidimos começar pelo capítulo quinze de sua obra *Nietzsche e a Filosofia* (1962), intitulado *Nova Imagem do Pensamento*. Nele, Deleuze (1962/1976), inspirado por Nietzsche, apresenta uma nova imagem do que significa pensar, diferindo-a de uma imagem do pensamento que ele credits como a empregada por boa parte da filosofia, como a do movimento que vai de Kant a Hegel. Esta, a velha imagem, é a do pensamento

---

<sup>65</sup> Uma reflexão de ordem lógica e física para pensar a qualidade de um incorporal (acontecimento) é a de que este não pode ser fisiologicamente envolvido pelo corpo, mas apreendido de modo corpóreo.

que quer o verdadeiro. Pensamento capaz de brotar em si mesmo a partir de um caráter representacional. É pensamento que está mais para um método ou raciocínio. O pensar que raciocina para acompanhar uma ordem, um ordenamento. Pensamento avaliativo, que avalia condições para e a partir da essência, do bem e do verdadeiro absolutos. Logo é um pensamento de julgamento. Pensamento de método para uma finalidade. Um fundamento pré-estipulado que designa o raciocínio através de um meio, de caminhos pré-determinados. É pensamento reativo, subserviente; atividade do pensar habitual que serve aos valores ideais de uma cultura. É a prática moral do pensar. Movimento conhecido como reconhecimento.

Já a outra imagem, a nova, é atividade que não está presa a reconhecimento; não se faz dependente dos valores representados e reconhecidos pela sociedade. É um pensar além do raciocínio, além do exercício natural e habitual de uma faculdade. Tal pensar não está submetido à generalização ideal daquilo que é pensado, mas submetido ao sentido e ao valor atribuídos por quem pensa. É um pensar que não brota em si mesmo, pela boa-vontade do pensador, mas que surge com a violência do encontro; no encontro com a violência de uma força que se apoderou do pensamento no pensador. “É preciso que um poder force-o a pensar, lance-o num devir-ativo. Tal formação é o que Nietzsche chama “Cultura”, que é essencialmente adestramento e seleção. Ela expressa a violência das forças que se apoderam do pensamento para dele fazer algo ativo, afirmativo”<sup>66</sup>. Este conceito de cultura, para Nietzsche, é oposto ao método, oposto a decisão premeditada do raciocínio. “A cultura é, então, uma violência sofrida no pensamento; um pensamento formado sob a ação de forças seletivas, num encontro com uma violência que invoca a singularidade do pensador”<sup>67</sup>.

O que o humano pode experimentar em volume expressivo no cotidiano é uma degenerescência da cultura. É a cultura assimilada por instituições como o Estado ou Igreja, quando estas se apropriam dela a favor de seus próprios interesses. Se os interesses são para a assimilação visando a reconhecimento – a prática moral –, o encontro violento é capturado e dissolvido. Há, então, mais uma das possibilidades de manutenção das forças reativas, quando estas desviam da cultura sua violência peculiar. Neste cenário, agora domesticada, a cultura passa a jogar pelo time das forças reativas. Pode-se perceber no marketing, publicidade e propaganda, ciências com este potencial de fazer a cultura jogar pelo time das instituições. O uso da cultura possibilita modos criativos com a finalidade de reorganizar os

---

<sup>66</sup> DELEUZE, 1962/1976, p. 70, modificado.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

hábitos. Engenhando caminhos e desenvolvendo estratégias para levar os ideais das instituições até seu consumidor final. Para o Nietzsche de Deleuze, este modo de apropriação da cultura é o que, por vezes, atravessa estas instituições com a ideia inadequada de que são fortes e potentes nelas mesmas, mas o que estão fazendo “é confundir a força de violência da cultura que dissolveram, com a sua própria força”<sup>68</sup>.

Há uma nova imagem do pensamento inteiramente complexa, porque está implicada na complexidade que há na multiplicidade de possibilidades de relações entre forças e os interesses aos quais elas servem. O humano, se não vai até os pontos mais extremos, até os pensamentos mais extremos, até as culturas mais extremas, até as capazes de afirmar a vida, também, não vai até a violência de um encontro capaz de forçar o ato de pensar; a criação de um novo modo de pensar. Não ir ao encontro do diferente, é atitude significativamente relevante para manter o método. No capítulo três de *Diferença e Repetição* (1968), intitulado de *Imagem do Pensamento*, Deleuze segue avançando com este tema, e nós, também, com ele.

Mas antes, para seguirmos com esta linha, é bom a referenciar, também, com a suposta nova teoria das faculdades do pensamento que é desenvolvida por Deleuze no subterrâneo de suas obras, significativamente presente nestas duas últimas que citamos e, também, em sua *A filosofia crítica de Kant* (1963). Deleuze, ao apropriar-se do conceito nietzschiano de vontade de potência, passa a encarar as faculdades enquanto forças. Logo há uma nova teoria de sua harmonia e de seu desregramento<sup>69</sup>. Há nas faculdades do pensamento uma harmonia, tema desenvolvido por Kant em suas três Críticas<sup>70</sup>. É quando estas agem em total concordância, entre elas; como um acordo *a priori* diante daquilo que é pensado. Isto seria possível pela crença na predisposição inerente ao homem – enquanto modelo pensando por diversos filósofos ao longo da história – que está sempre em busca de exercer a razão para alcançar o padrão. Ou seja, um ideal do verdadeiro, a praticidade da moral para a representação da imagem. Tal harmonia seria a responsável por formar um *Eu* de *Quem* pensa. A imagem pela qual se faz reconhecer o sujeito humano universal.

É este o pensamento útil. O pensamento comum. A filosofia estaria empregada aqui como uma mera formalização desse pensamento; ainda exercendo a razão a serviço dos valores. Tal modelo de reconhecimento produz o senso comum. Este que é a comunhão entre as

---

<sup>68</sup> DELEUZE, 1962/1976, p. 71, modificado.

<sup>69</sup> HEUSER, 2008, p. 53.

<sup>70</sup> Cf. DELEUZE, G. *A filosofia crítica de Kant* (1963). Lisboa: Edições 70, 1987, p. 28-57.

faculdades do pensamento. É valorizado aquilo que é comum a uma ordem universal, sem a qual não seria possível uma generalização daquilo que significa conhecer e de qualquer coisa que se faz objeto de conhecimento. Desse modo, o senso comum “não aparece como um dado psicológico, mas como a condição subjetiva de toda a comunicabilidade. Este é o princípio subjetivo do senso comum à ideia de uma boa natureza das faculdades”<sup>71</sup>, qual sua sã conciliação é justificada como apropriada para formar as proporções harmoniosas de um caminho reto a favor do verdadeiro.

É com isto que Nietzsche e Deleuze querem romper totalmente. Preso a tal modelo de reconhecimento, a filosofia reorganiza o senso comum habitual e reforça o compromisso com a *doxa* (opinião). A *doxa*, a opinião é um modo de proposição que representa uma atividade em que o humano, ao experimentar algo que atraia sua percepção e afete a sua sensibilidade, extrai de tal vivência uma qualidade pura. E abstrai esta qualidade ao mesmo tempo em que se identifica como um sujeito genérico dessa experiência. Como se a afecção que ele experimentou fosse algo comum a um grupo de pessoas que pensam, agem e sentem equivalentes a ele. A problemática evidente trata de que “a opinião é um pensamento abstrato; ela expressa funções gerais de estados particulares; e retira da percepção uma qualidade abstrata e da afecção uma potência geral”<sup>72</sup>.

A problemática que envolve a opinião passa a envolver, também, o campo da linguagem<sup>73</sup>. Estes três elementos da opinião (experiência perceptiva e afetiva, sujeito genérico e afecção comum) são abordados através de três dimensões clássicas da linguagem (manifestação, designação e significação) apresentadas por Deleuze na série sobre a preposição em sua *Lógica do Sentido* (1969). Há aqui uma problematização da linguagem. Deleuze (1969/2003) aponta que estas dimensões funcionam circularmente a favor do reconhecimento, da cognição. A designação é esta dimensão linguística que estabelece as relações entre a proposição (esta associação de palavras com imagens particulares) e um estado de coisas particulares que devem (dever) por esta ser representado. Ou seja, há no mundo incontáveis coisas – desde um grão de areia da praia de Acapulco até a refeição em pasta de um astronauta em missão –, designar é selecionar a palavra mais adequada para representar um estado de coisas, correspondente ao que a proposição visa manifestar. Esta

<sup>71</sup> DELEUZE, 1963/1987, p. 29, modificado.

<sup>72</sup> Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* (1991). Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992, p. 189.

<sup>73</sup> Cf. MACIEL, A.; BRUNO, M. *Filosofia menor: a língua inatual dos conceitos*. Estudos de Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 15, n. 1, Jun./2017, p. 13.

dimensão da designação, enquanto estrutura lógica, possui o critério elementar de determinar o verdadeiro e o falso. Verdadeira significa que uma imagem adequada foi selecionada ou os indicadores foram honrados; o estado de coisas preencheu a designação. Falso significa o não preenchimento. Que acontece “seja por uma deficiência das imagens selecionadas, seja por impossibilidade radical de produzir uma imagem associável às palavras”<sup>74</sup>.

A manifestação, por sua vez, é a dimensão que estabelece as relações entre a proposição e o sujeito que fala ou expressa. É a marca de manifestantes na proposição. Há manifestantes como partículas especiais: eu, tu, ele; ontem, sempre, em toda parte, etc. Há manifestante como indicador privilegiado: nome próprio. E há o manifestante base: o Eu. Todos os outros manifestantes dependem do Eu, bem como, todo o conjunto de designadores, também, dependem. “A designação insere os estados de coisas individuais, as imagens particulares e os designantes singulares; mas os manifestantes, a partir do Eu, constituem o domínio do *peçoal*, que serve de princípio a toda designação possível”<sup>75</sup>. Deleuze propõe uma relação entre a subjetividade moderna cartesiana que, no movimento entre a designação e a manifestação, instaura um deslocamento propício para o surgimento do sujeito consciente. Este “Eu penso, logo sou”, supõe um manifestante cujas suas premissas estão implicitamente compreendidas enquanto universais; genéricas<sup>76</sup>. Esta generalização enquanto manifestação funda a harmonia entre as faculdades do pensamento, que atuam em concordância para o reconhecimento daquilo que é designado; atuam em reconhecimento. Logo os valores lógicos, que na designação eram verdadeiro e falso, são deslocados, na manifestação, para a veracidade e o engano, a serviço de um Eu consciente.

Já a significação (ou demonstração) é a dimensão que estabelece a relação “da palavra com conceitos *universais ou gerais*, e das ligações sintáticas com implicações de conceito”<sup>77</sup> (relação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo). Na significação, os elementos da proposição são sempre considerados como significantes. Um significante infere implicações de conceitos que podem remeter a outras proposições, capazes de servir de premissas à primeira. Difere da designação, está que se dá na relação direta entre a proposição e um estado de coisas; um procedimento direto. A significação corresponde a um procedimento indireto. Dado que, age “referindo-se, sempre, a outras proposições das quais

---

<sup>74</sup> DELEUZE, 1969/2003, p. 14.

<sup>75</sup> *Ibidem*.

<sup>76</sup> DELEUZE, 1968/2009, p. 129. Grifo do autor.

<sup>77</sup> DELEUZE, 1969/2003, p. 15. Grifo do autor.

ela é concluída ou, inversamente, cuja conclusão ela torna possível”<sup>78</sup>. Como o modo das implicações é hipotético, não se pode inferir o valor lógico de verdadeiro ou falso, mas a condição de verdade; condições de criação de discursos verdadeiros. Neste caso, há possibilidade de falsidade na proposição condicionada ou concluída, ao passo que sua designação, atualmente, infere um estado de coisas inexistente ou não foi diretamente verificada. Desse modo, “a significação não fundamenta a verdade, sem tornar ao mesmo tempo o erro possível. Eis por que a condição de verdade não tem como oposição a falsidade, mas o absurdo, ou seja, o que não pode ser nem verdadeiro nem falso”<sup>79</sup>.

Estas três dimensões da proposição consultam-se entre si, circularmente, de modo que possibilitam à proposição a capacidade de assumir várias formas. Deleuze constata que, independente dessa variedade de formas, definir uma proposição, torna-se um empreendimento cíclico, que vai do condicionado à condição e da condição ao condicionado; do sujeito genérico que atribui sentido ao referente (objeto formal, constructo mental, unidade de pensamento) e do objeto genérico ao Eu consciente. Ou seja, trata-se de um empreendimento fadado ao reconhecimento, à representação. A reconhecimento é este processo em que a linguagem e suas dimensões clássicas dispõem para a organização do indivíduo. Neste cenário, a linguística clássica limita as relações simbólicas de modo que, na estrutura Significante-Significado, o significado é dado a partir de sua subordinação ao significante; os planos de conteúdo são definidos como efeitos do significante<sup>80</sup>.

A problemática investida aqui é a de que designação, manifestação e significação produzem um efeito de linguagem organizada. Esta organização, enquanto alienação do significado ao significante é elementar para que o ciclo das três dimensões da linguagem permaneça vicioso; do reconhecedor para o reconhecido: retroalimentação do reconhecimento. Tal tríade, também, não é capaz de explicar seu próprio movimento de organização; como se dá seu fundamento enquanto linguagem, enquanto estrutura relacional de palavras e coisas. Para Deleuze (1969/2003), a dimensão da significância é mais profunda do que interpretação clássica de uma proposição. Ou melhor, é mais superficial. Dado que, superficial, aqui, não é sinônimo de supérfluo, mas de movimentos de superfície; que envolve um significado que não está capturado pelo significante. Logo para se chegar a este

---

<sup>78</sup> SILVA, 2003, p. 77.

<sup>79</sup> DELEUZE, 1969/2003, p. 15, modificado.

<sup>80</sup> Cf. DUTRA, W. O dadaísmo filosófico de Gilles Deleuze. Sapere Aude, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, Dez./2010, p. 125-126.

conhecimento, Deleuze propõe a necessidade de liberar o significado do significante; liberar a singularidade intensiva da *doxa*.

Diante disto, Deleuze explicita que há a necessidade de ir além das dimensões clássicas da proposição e, para isso, apresenta uma quarta dimensão: “O sentido é a quarta dimensão da proposição. Os estoicos a descobriram com o acontecimento. O sentido é o *expresso da proposição*, este incorporal na superfície das coisas, entidade complexa irreduzível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição”<sup>81</sup>. Émile Bréhier (1876-1952) é um dos principais autores consultados por Deleuze para compor *Lógica do Sentido*. Bréhier, em sua obra *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo* (1908), discorre sobre o esforço que os estoicos fizeram para esclarecer o movimento que há entre o pensamento e a coisa, que eles nomeiam como expressável. Diferente do pensamento aristotélico que já implica o pensamento como o mesmo objeto designado, os estoicos compreendem o pensamento como um corpo, o som (da palavra dita) como outro corpo. Cada corpo tendo sua própria natureza independente. Se um corpo é significado por uma palavra, é a palavra acrescentando um atributo incorporal que não modifica o corpo em nada. O atributo incorporal indica o que é afirmado de um ser ou de uma propriedade. Se alguém me diz: - Olha! Ali vai um humano alegre. E eu começo a procurar um humano com as qualificações da alegria, terei significativa dificuldade em encontrar. Visto que, um atributo é irreduzível às coisas significadas por uma palavra. A alegria não existe, mas é real. É um expressável por que se realiza durante sua expressão<sup>82</sup>.

Logo um significado pode ser um expressável, mas nunca o expressável é um significado. O expresso não existe fora de sua expressão, por isto é inadequado dizer que existem, mas insistem ou subsistem. O sentido é movimento; é o que se atribui. Porém, o sentido não é atributo de toda a proposição, mas da coisa ou do estado de coisas. Os atributos incorporais não são expressos pelos predicativos (que indicam qualidades ou propriedades do sujeito), mas por verbos que indicam atos. Por isto os estoicos desaconselham pensar que uma árvore é verde. E aconselham pensar que ela verdeja. Há aqui uma desaprovação no uso da cópula é, pois limita a ação transformadora do devir humano à identificação com o predicado. “Ao usar preposições que só expressem o sujeito por um verbo, a qualidade ou

---

<sup>81</sup> DELEUZE, 1969/2003, p. 20, modificado. Grifo do autor.

<sup>82</sup> BRÉHIER, 1908/2012, p. 18-19.

atributo é toda reduzido ao verbo, logo não é mais a expressão de um conceito (estado de coisas), mas somente um fato ou *acontecimento*”<sup>83</sup>.

Isto por que um atributo incorporeal não é um ser, nem qualifica um ser. Trata-se de um extra-ser. O verde da árvore designa uma propriedade, uma mistura de pigmentos de verde próprios à clorofila presente por todas as folhas. Já o verdejar, “não é uma qualidade na coisa, mas um atributo que se diz da coisa e que não existe fora da proposição que o expressa designando a coisa”<sup>84</sup>. É o acontecimento, o encontro entre os corpos; o efeito de superfície que dramatiza (torna fato e/ou sentimento) tudo que se passa na fronteira entre as proposições e as coisas. O sentido é o expresso da proposição; é atributo da mistura de corpos, do encontro. Uma proposição expressa o efeito do encontro: o acontecimento. Como efeito de um encontro, o acontecimento tende a ser expressável pelo sentido<sup>85</sup>. “O sentido é a mesma coisa que o acontecimento, mas desta vez relacionado às proposições. E ele se relaciona às proposições como seu expressável ou seu expresso, completamente distinto do que elas significam, do que elas manifestam e do que elas designam”<sup>86</sup>.

As dimensões tradicionais da linguagem sempre afirmaram e valorizaram o dever, negando sistematicamente a dimensão do devir. Desse modo, promovem condições que favorecem o discurso no formato do racionalismo moral e, ao mesmo tempo, desconsideram e dificultam as possibilidades de expressão da dimensão afetiva, induzindo a negação dos afetos, das emoções e dos desejos. Que são as expressões mais genuínas do sentido. Logo é a dimensão do sentido, enquanto incorporeal, a possibilidade de pensamento capaz de expressar a realidade intensiva dos encontros. Encontros que geram acontecimentos que são efeito da afecção entre os corpos. O sentido enquanto dimensão da linguagem que expressa os devires, as singularidades, os paradoxos, é movimento de gênese da proposição, capaz de liberar o pensamento formatado pela ideia de bom senso e de senso-comum. Para Deleuze (1968/2009), ao atribuímos um sentido, ao adentrarmos em um novo assunto, um novo campo de conhecimento, pode ser inevitável que encontremos conceitos que já foram reproduzidos, capazes de nos deixar reféns de sua significação pré-programada – do ponto de vista de certa doação de sentido estabelecida pela linguagem padrão<sup>87</sup> – que nos remetam

<sup>83</sup> BRÉHIER, 1908/2012, p. 21, modificado. Grifo nosso.

<sup>84</sup> DELEUZE, 1969/2003, p. 22, modificado.

<sup>85</sup> ELIAS, C.; AXT, M., 2004, p. 24.

<sup>86</sup> DELEUZE, 1969/2003, p. 172, modificado.

<sup>87</sup> NASCIMENTO, 2012, p. 134.

a representação. Atividade em que nosso pensamento encontra abrigo e ocupação nas ideias; é preenchido por imagens de si mesmo e remetido a uma recapitulação de significados predeterminados. Produzindo a ilusão de que há um acordo harmônico entre as faculdades do pensamento. Marcado predominantemente pela dialógica e não pela dialética.

Mas pode haver, também, ideias dotadas de uma imagem estranha, irreconhecível ao pensamento a ponto de violentar a ação nova do pensar que, ordenadamente, não reconhece aquilo que lhe parece irreconhecível. Ou seja, diante da necessidade atual de reconhecer o irreconhecível, a incapacidade de reconhecimento torna-se capacidade para um novo conhecimento surgir. “A gênese do ato de pensar não está no próprio pensamento, mas na contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de elevar e instalar a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar”<sup>88</sup>. Visto que, o pensamento não é um resultado da sucessão linear de uma lógica causal; um pensamento é sempre desencadeado pelos afetos decorrentes dos encontros dos corpos. Há, então, o encontro com um signo, que provoca a sensibilidade. Mas esta sensibilidade é, também, insensível, mas o é somente para a reconhecimento. Que não apreende o novo se este não remete a um dever do senso comum de que o sensível precisa estar obrigatoriamente submetido às outras faculdades do pensamento. Aqui, há um desregramento das faculdades. Esta violência que anula o reconhecimento coloca as faculdades em desacordo, cada uma por si, levadas ao extremo do ato involuntário. “Cada uma é presa a uma tríplice violência: violência daquilo que a força a exercer-se; daquilo que ela é forçada a aprender, um signo; e daquilo que só ela tem o poder de aprender”<sup>89</sup>. É o despertar do insensível, impensável, inimaginável, imemoriável...

Ainda, com a boa vontade do sujeito consciente inativa, o que emerge é a singularidade intensiva; a potência impessoal e pré-individual do pensar<sup>90</sup>. Para Deleuze, um signo tem função cognitiva que aponta uma realidade sempre mais ampla do que aquilo que pode ser alvo da percepção humana. Distingui o tempo dos signos como o todo do acontecimento que remete a um grau zero, no qual a percepção pode surgir<sup>91</sup>. Há um paradoxo, mas é este que, “em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único,

---

<sup>88</sup> DELEUZE, 1968/2009, p. 138, modificado.

<sup>89</sup> HEUSER, 2008, p. 69.

<sup>90</sup> NASCIMENTO, 2012, p. 120.

<sup>91</sup> DELEUZE, 1985/1990, p. 43.

mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas”<sup>92</sup>. Desse modo, “violência e novidade assinalam a contingência e a exterioridade de um encontro que dá lugar a um ato autêntico de problematização, a uma criação de pensamento”<sup>93</sup> liberada de uma prática moral. O signo é este acontecimento capaz de intensificar a emersão da singularidade através do sensível, do poder de ser afetado. “Pois a intensificação que o signo provoca em nossa sensibilidade é o elemento capaz de perturbar, a direção de nosso pensar”<sup>94</sup>. “E o sentido, enquanto diferença ou acontecimento, é o único capaz de tornar sensíveis as significações e engendrará-las no pensamento”<sup>95</sup>.

Eis a importância dos acontecimentos para a clínica ética: estes são expressos. São da ordem da linguagem, da proposição. Os instrumentos de trabalho do psicólogo são instrumentos de linguagem. Se os instrumentos dos médicos são instrumentos físicos, de mistura de corpos, como bisturi, kit de sutura, medicamentos e etcetera; os do psicólogo têm que ver com os acontecimentos; instrumentos linguísticos; signos que despertam a sensibilidade do cliente para a criação; que o liberam do reconhecimento para a intensidade passar. Não é clichê perguntarmos ao cliente como ele está se sentindo repetidas vezes. É para que seu momento atual possa ser verbalizado através da sensibilidade. E que isso possa vir a despertar novos sentidos. Se há ressignificação entre um momento e outro, há mudança, há uma atualização que transformou a Duração<sup>96</sup>. Logo perguntar, mais uma vez, sobre quais sentimentos o cliente acha que estão lhe atravessando no momento em questão é, talvez, um dos mais significativos instrumentos de trabalho do psicólogo.

Desse modo, também, desfazer as hipostasias do cliente, constitui um dos mais potentes instrumentos linguísticos utilizados pelo psicólogo clínico. Vejamos: na clínica, quando o cliente apresenta uma queixa ao psicólogo – e dá sentido a tal queixa – através da afirmação de que é burro, ou que não vai passar numa determinada prova, ou que tem certeza que será reprovado, que isso e aquilo, etcetera, cabe ao clínico problematizar estas afirmações, solicitando do cliente bases sólidas e argumentos plausíveis que fundamentem tais afirmativas hipostasiadas. Formulando perguntas como: o que faz com que você tenha tanta certeza do que está dizendo? Em que elementos você se baseia para fazer tais

---

<sup>92</sup> DELEUZE, 1969/2003, p. 3.

<sup>93</sup> ZOURABICHVILI, 2004, p. 37

<sup>94</sup> NASCIMENTO, 2012, p. 120.

<sup>95</sup> ZOURABICHVILI, 2004, p. 7, modificado.

<sup>96</sup> Cf. DELEUZE, 1966/1999, p. 58.

afirmações? Mais alguém, além de você, também, o julga assim? Em quais fundamentos essa pessoa se baseia para fazer tal julgamento? Quais atributos ela possui, enquanto detentora do poder de lhe julgar? Quais sentimentos te atravessam quando você julga a si próprio? E quais te atravessam quando acha que está sendo julgado pelo outro? Diante das frágeis respostas proferidas pelo cliente, suas supostas convicções, pouco a pouco, vão se transformando em simples opiniões. Ao se dar conta desta realidade, descortina-se diante do cliente, novos horizontes de possibilidades que podem trazer consigo novos sentidos (LESSA, 2011).

Com sua problematização da linguagem, Deleuze (1969/2003), segue investindo na expressão da estrutura de um sentido. Discorre sobre o sentido dual da existência ou, também, a dualidade existencial do sentido, e a partir dessa característica, afirma ser possível pensar em certas condições mínimas para compor um modelo de estrutura em geral:

1º) São necessárias, pelo menos, duas séries heterogêneas, das quais uma será determinada como "significante" e a outra como "significada" (nunca uma única série basta para formar uma estrutura). 2º) Cada uma destas séries é constituída por termos que não existem a não ser pelas relações que mantem uns com os outros. A estas relações, ou antes, aos valores destas relações correspondem acontecimentos muito particulares, isto é, *singularidades* designáveis na estrutura (...). Uma estrutura comporta em todo caso duas distribuições de pontos singulares correspondendo a séries de base. Eis por que é inexato opor a estrutura e acontecimento: a estrutura comporta um registro de *acontecimentos* ideais, isto é, toda uma *história* que lhe é interior (por exemplo, se as séries comportam "personagens", uma história reúne todos os pontos singulares que correspondem às posições relativas dos personagens entre eles nas duas séries). 3º) As duas séries heterogêneas convergem para um *elemento paradoxal*, que é como o seu "*diferenciante*". Ele é o princípio de emissão das singularidades. Este elemento não pertence a nenhuma série, ou antes, pertence a ambas ao mesmo tempo e não para de circular através delas. Ele tem também como propriedade o fato de estar sempre deslocado com relação a si mesmo, de "estar fora do seu próprio lugar", de sua própria identidade, de sua própria semelhança, de seu próprio equilíbrio. Ele aparece em uma série como um excesso, mas com a condição de aparecer ao mesmo tempo na outra como uma falta. Mas se é excesso em uma é a título de casa vazia; e se é falta na outra é a título de peão supranumerário ou de ocupante sem casa (DELEUZE, 1969/2003, p. 53-54. Grifo nosso).

Deleuze usa a relação conectiva e constitutiva entre as séries Significante-Significado para, também, destrinchar a estrutura lógica da existência humana. Essa lógica que garantiria o sentido de a disposição da humanidade estar ancorada em um elemento paradoxal. As singularidades de cada vida humana estariam dispostas em conjunto, e entre e a partir do correlato dessas séries, que se apresentam em constante fluxo, um após o outro, sem interrupção. A ideia da existência de um ponto de concentração que é condição do fluxo de singularidades no qual todas as singularidades se dispõem através do correlato da série estrutural Significante-Significado, é também ponto que liga estas duas séries por apresentar-

se como a maior concentração da diferença possível entre elas, um ineditismo condicional que diz aquilo que é mais próprio do movimento da singularidade; instância paradoxal que Deleuze chamou de acontecimento ideal (DELEUZE, 1969/2003; SALES, 2015).

O que é um acontecimento ideal? É uma singularidade. Ou melhor: é um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral. São pontos de retrocesso, de inflexão etc.; desfiladeiros, nós, núcleos, centros; pontos de fusão, de condensação, de ebulição etc.; pontos de choro e de alegria, de doença e de saúde, de esperança e de angústia, pontos sensíveis, como se diz. Tais singularidades não se confundem, entretanto, nem com a personalidade daquele que se exprime em um discurso, nem com a individualidade de um estado de coisas designado por uma proposição, nem com a generalidade ou a universalidade de um conceito significado pela figura ou a curva. A singularidade faz parte de uma outra dimensão, diferente das dimensões da designação, da manifestação ou da significação. A singularidade é essencialmente pré-individual, não-pessoal, conceitual. Ela é completamente indiferente ao individual e ao coletivo, ao pessoal e ao impessoal, ao particular e ao geral - às suas oposições. Ela é *neutra*. Em compensação, não é "ordinária": o ponto singular se opõe ao ordinário (DELEUZE, 1969/2003, p. 55. Grifo do autor).

A partir da descrição da estrutura, Deleuze afirma seu conceito de singularidades como sendo acontecimentos. Deleuze confirma os pontos de singularidades, de acontecimentos, não estando localizados “em qualquer plano objetivo, pessoal ou conceitual; pelo contrário, tais pontos extraordinários concernem ao transcendental, ao virtual”<sup>97</sup>. A complexidade de uma estrutura de singularidades enquanto acontecimento é apresentada por Deleuze com tamanho esforço intelectual possível de descrição para afastá-lo de qualquer tentativa de objetivação:

Dizíamos que um conjunto de singularidades correspondia a cada série de uma estrutura. Inversamente, cada singularidade é fonte de uma série que se estende em uma direção determinada até a vizinhança de uma outra singularidade. É neste sentido que há não somente várias séries divergentes em uma estrutura, mas que cada série é, ela própria, constituída por várias subséries convergentes. Se consideramos as singularidades que correspondem as duas grandes séries de base, vemos que elas se distinguem nos dois casos por sua repartição. De uma para a outra, certos pontos singulares desaparecem ou se desdobram, ou mudam de natureza e de função. Ao mesmo tempo em que as duas séries ressoam e se comunicam, passamos de uma para outra repartição. Isto é, ao mesmo tempo em que as séries são percorridas pela instância paradoxal, as singularidades se deslocam, se redistribuem, transformam-se uma nas outras, mudam de conjunto. Se as singularidades são verdadeiros acontecimentos, elas se comunicam em um só e mesmo Acontecimento que não cessa de redistribuí-las e suas transformações formam uma *história* (1969/2003, p. 56. Grifo do autor).

Para Sales (2006), a concepção de estrutura em Deleuze pouco tem que ver com uma forma fixa, mas fluxo, eterno devir. E frisa que singularidades são acontecimentos que trocam

---

<sup>97</sup> SALES, 2015, p. 34.

posições entre si, distribuem-se, derramam-se umas nas outras, alimentam umas as outras, transformam o sentido a cada instante de acontecimento, a cada instante de si mesmas, renovadas. Não cessam. Conjunto que a cada troca é movimento-acontecimento através deste mundo acentrado. Capaz de gerar um encontro interpretado como um evento que conta um drama, uma história. Mas para comportar o movimento e transformação do humano, Deleuze escreveu ser necessário mais uma dualidade a conformar, a diferença entre um acontecimento de modo acidental (um acidente como história factual), evidência empiricamente registrada, e o acontecimento ideal que é efeito de superfície.

(...) Deleuze quer forjar o descompasso entre o acontecimento puro e o acidente, entre a idealidade do acontecimento e sua efetuação espaço-temporal nos estados de coisas. Poderíamos ainda marcar um afastamento em relação ao acontecimento tal como captado pelos jornalismos, pelas mídias em geral. Estas, tanto quanto a disciplina histórica tradicional, embora numa outra perspectiva, enxergam preferencialmente a empiria. Trata-se aí do acidental. A crítica ao factualmente histórico ou acidental também está na série em pauta. Deleuze assinala aí as distâncias entre as séries transcendentais e empíricas, ou melhor, puras e históricas, ideais e acidentais. Mas, principalmente, ele aponta toda a relevância das singularidades, elas que ganharam o estatuto do evenemencial (SALES, 2015, p. 35-36).

Sales (2015) segue apontando que Deleuze propõe um modo de ontologia do sentido, realizando uma conexão entre a ética estoica e o estruturalismo. Há em Deleuze (1969/2003), um resgate do estoicismo como base para investigar uma possível determinação das singularidades estruturais. Uma estrutura é pensada possuindo uma dimensão matemática, uma problematização, que pode apresentar parte ou o todo de um resultado esperado. Tais singularidades advêm de um processo evenemencial<sup>98</sup>, e são pensadas por Deleuze como uma problematização que indica um fluxo de acontecimentos acidentais e acontecimentos ideais que são por si só problemáticos e problematizantes. E aparecem ou acontecem como objetividades ideais através das relações imanentes, não permanecendo em um suposto recipiente de subjetividade transcendental (DELEUZE, 1969/2003).

Para o propósito do exercício intelectual que visa esse modo de problematização deleuziana, a meditação é realizada através da reversão do platonismo: a investigação não é para alcançar as possíveis estruturas modelos, categorias, predefinições, mas trata de dispensar as essências para evidenciar os acontecimentos como as únicas possíveis

---

<sup>98</sup> Traduzido também como *acontecimental*, o processo *evenemencial* indica o movimento de construção de um acontecimento. Para Charaudeau (2006) tal processo precisa cumprir três etapas: que o acontecimento modifique a ordem convencional e o estado natural das coisas no mundo; que essa mudança seja percebida sensorialmente por um sujeito; que este mesmo sujeito atribua sentido a esta mudança.

idealidades. Deleuze (1969/2003, p. 54) ainda afirma que, esta reflexão também deve advir como uma luta dupla a ponto de “impedir toda confusão dogmática do acontecimento com a essência, mas também toda confusão empirista do acontecimento com o acidente”.

Seguindo, Deleuze (1969/2003) convoca uma (re)aproximação do homem com as matemáticas que são instrumento para o esclarecimento de qualquer problema objetivo e podem auxiliar até mesmo na complexidade da problematização que expressa a natureza imanente da existência, abordada aqui como uma rede de acontecimentos que comporta um problema que está determinado por todos os pontos de acontecimentos correspondentes as séries Significante-Significado, já a pergunta segue por um ponto aleatório correlato a um ou outro polo destas séries; cada transformação ou redistribuição de singularidades apontam um roteiro aberto, em devir; que faz uma curva, uma combinação, uma cisão, efetuando o tempo e o espaço dos acontecimentos acidentais; e alimentando toda essa questão motriz, insiste a instância paradoxal como o acontecimento ideal “no qual todos os outros acontecimentos se comunicam e distribuem, o Único acontecimento de que todos os outros não passam de fragmentos e farrapos” (p. 57).

Com Deleuze (1969/2003, p. 56) é pertinente o caráter problemático da existência, a problematização de sua estrutura; de modo que se faz viável o uso da Lógica para a investigação do sentido do acontecimento ideal que vai direcionado ao acaso no modo de uma pergunta, uma dúvida, uma falta, estando justo que “não se trata de quantificar nem de medir as propriedades humanas, mas, de um lado, de problematizar os acontecimentos humanos e, de outro, de desenvolver como acontecimentos humanos as condições de um problema”.

A base teórica da disposição existencial da humanidade na clínica ética está ancorada na estrutura de relação paradoxal entre a causalidade e casualidade, descrita por Deleuze em sua *Lógica do Sentido* (1969-2003), na *Décima Série: Do Jogo Ideal*. Deleuze pensa o humano como um futuro de possibilidades, um agente do destino que está um plano continuum, infinitamente fértil para a disposição dos corpos que nele se movimentam e a possibilidade casual do encontro entre eles. Por que tais encontros podem ser responsáveis pelos signos que, exigirão do humano, novos modos de pensar, sentir e agir.

Focamos em dois pontos principais: 1) o modo como Deleuze utiliza a ideia dos jogos conhecidos ao homem que se configuram sob a ordem de um certo número de princípios causais e passíveis de construção teórica, divididos em jogos de destreza e jogos de azar e,

contrapondo esses jogos, em seguida, apresenta a ideia de jogo ideal ou jogo puro como estrutura básica da disposição existencial do homem; 2) a alusão ao posicionamento existencial como um lance ao acaso, uma aposta que consegue operar, em parte, algumas séries causais, mas que sempre estarão submissas as séries casuais, e a percepção dessa modulação como um exercício de afirmar e ramificar o acaso, no lugar de dividi-lo para dominá-lo.

A herança do pensamento platônico reforça a crença do homem na possibilidade de encarar a existência como um jogo de relações de causa e efeito, a possibilidade de obediência às regras morais e a replicação destas alimenta a sensação de controle dos acontecimentos, de manipulação do resultado dos encontros da existência, para o bem ou para o mau. Ao tratar do jogo ideal, ou jogo puro, Deleuze aponta que o desdobrar dos acontecimentos é casual, logo não há possibilidade alguma de as regras, de a ação normativa ser pré-definidas, já que cada ponto de singularidade, cada acontecimento ideal e sua possível efetuação espaço-temporal para o acidental, é devir, um lance ao acaso que constrói suas próprias regras enquanto acontece (DELEUZE, 1969/2003; SALES, 2015).

Para Deleuze (1969/2003, p. 59 e 60) numa existência entendida como necessária, torna-se inviável ao homem, estender a configuração categórica dos jogos conhecidos (de destreza e/ou azar) para seu próprio devir. Tais jogos funcionam através de regras pré-estabelecidas que ditam hipóteses que formam as possibilidades de jogadas dividindo o acaso (se faço via B então alcanço A, caso contrário...), sinalizando perda ou ganho. Assim, as hipóteses organizam o desenrolar do jogo a partir de sua quantidade de jogadas, que são numericamente distintas, respeitando uma disposição fixa e específica; até o direcionamento de um resultado consequente que configura as alternativas binárias de vitória ou de derrota. Agenciar a existência a partir desses modelos de jogos torna-se ingênuo por seu caráter parcial, já que estes são uma atividade humana que ocupa apenas uma pequena parte da existência, e mesmo que alguém até consiga estendê-lo ao extremo, “retêm o acaso somente em certos pontos e abandonam o resto ao desenvolvimento mecânico das consequências ou à destreza como arte da causalidade” (SALES, 2015).

É bom frisar que tais jogos continuaram sendo reforçados pela humanidade por conta de sua utilidade política. Suas vastas possibilidades de configuração categórica e hipotética, voltadas para ramificar e calcular o acaso, são estendidas a outros tipos de atividades como o trabalho. Deleuze (1969/2003) aponta que tais jogos podem até não ser tomados

explicitamente como modos de vida, mas implícito neles são retiradas modalidades que não são jogos, e servem para reforçar os modelos “moral do Bem ou do Melhor, modelo econômico das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins” (p. 60).

Desse modo, o filósofo afirma a necessidade de contrapor o moralismo das diversas modalidades dos jogos ordinários que se misturam às expectativas de controle do acaso nas relações humanas. Um jogo no qual o jogador praticasse outros princípios, moralmente impraticáveis, mas potentes de posicionamento ético para tornar o jogo puro ou ideal. Nesse outro modo de jogar puro não há regras pré-definidas, cada lance apresenta um novo contexto, carrega sua própria circunstância e cria suas próprias regras. A atividade do jogo estabelecida em um número de jogadas efetivamente distintas para dividir e controlar o acaso até o resultado consequente é substituída pelo exercício ético de afirmar o acaso através do conjunto de jogadas, e de ramificar o acaso a cada jogada (DELEUZE, 1969/2003).

Este conjunto puro de jogadas não é numericamente distinto, mas qualitativamente distinto. As jogadas são modulações, desdobramentos qualitativos “de um só e mesmo lançar, ontologicamente uno” (ibidem, p. 60). Cada lance é uma série e manifesta um ponto singular com suas condições próprias. O conjunto de lances infinitamente subdivisíveis está apreendido nesse lance que é finitamente único, ponto aleatório, instância paradoxal que não cessa de se deslocar através de todas as séries. Cada lance em conjunto adequa-se numa ordem de sucessão uns com relação aos outros, mas acontece simultaneamente relativos a esse único lançamento que transforma as condições, circunstâncias e regras do devir, estruturando e ramificando “as séries correspondentes, insuflando o acaso sobre toda a extensão de cada uma delas” (ibidem, p. 60).

Este jogo puro é impossível de não ser jogado. O único lançar é caos (movimento do/no plano de imanência), de que cada lance é uma porção, e que ativa uma rede de ações e reações em cadeia, que foge ao controle do humano que joga. Sales (2015, p. 39) comenta que “mais que tecer este jogo, ele nos tece. Seus lances vêm sempre de fora e somos algumas das pedras em movimento”. A distribuição de suas jogadas não é pré-ordenada, não pode ser estabelecida de acordo com as hipóteses que indicam e calculam resultados fixos, mas afirma o acaso respeitando a distribuição nômade dos resultados que se encontram no lançar único como o grande resultado em aberto e não repartido. Deleuze (1969/2003, p.61) segue afirmando uma estrutura na qual cada sistema de singularidades informa e reforça os outros,

“ao mesmo tempo implicado pelos outros e implicando-os no maior lançar. É o jogo dos problemas e da pergunta, não mais do categórico e do hipotético”.

O jogo puro carece de sentido moral, não se reduz a dicotomia bem e mal aliciando caminhos para o futuro, modos de vida que se alegram e se envaidecem com o vencer e se entristecem e envergonham-se com o perder. Este jogo ideal produz seu próprio sentido, é para o sentido a sua própria gênese. É a insistência do pensamento puro inconsciente até advir na consciência. É a realidade do próprio pensamento uno, longo pensamento que é infinitamente ramificado em vários e curtos pensamentos que surgem, sem cessar, formando séries “em um tempo menor que o mínimo de tempo contínuo conscientemente pensável” (ibidem, p.61). Deleuze (ibidem) prossegue:

E, se tentamos jogar este jogo fora do pensamento, nada acontece e, se tentamos produzir um resultado diferente da obra de arte, nada se produz. É pois o jogo reservado ao pensamento e à arte, lá onde não há mais vitórias para aqueles que souberam jogar, isto é, afirmar e ramificar o acaso, ao invés de dividi-lo *para* dominá-lo, *para* apostar, *para* ganhar. Este jogo que não existe a não ser no pensamento, e que não tem outro resultado além da obra de arte, é também aquilo pelo que o pensamento e a arte são reais e perturbam a realidade, a moralidade e a economia do mundo (p. 61. Grifo do autor).

É o fluxo; o plano dos sentidos/acontecimentos que modulam signos que violentam a prática moral do humano que, por sua vez, atribui novos sentidos, uma nova ação do pensar, que lança e se lança aos encontros como um artista que afirma a necessidade de seu estado de afecção. Cada lançar, cada ponto singular desdobra-se em acontecimentos como um começo de pintura num quadro em branco, no qual os próximos traços vão desejos de criação, do novo, da transformação. O exercício ético está ancorado em despertar o humano para aceitar a afirmação do acaso enquanto acontecimento que é sentido-gênese-sentido, ao invés de segmentá-lo para se fazer reconhecer, para reforçar a obediência aos manuais ordinários de condutas mais bem aceitáveis, corretos e agradáveis. Deleuze é, também, criativo em sua obra, e seu investimento no campo casual é atravessado por um desejo de problematização permanente do platonismo e seus descendentes. Estes que, para ele, são expressão maior e fundamental do moralismo (DELEUZE, 1969/2003; SALES, 2015).

Lessa (2014) explicita que Deleuze aproveita dos estoicos uma nova prática de pensar a vida. Platão perguntava pela essência das coisas, acusando o homem de estender-se em dois mundos, moralizando e sintetizando seu devir sob o dualismo que se manifesta entre o comportamento que é equivalente a ideia perfeita – transcendental - (a cópia) e o que não lhe é equivalente (o simulacro), ou seja, tratados racionais para o modelo dos jogos conhecidos

ou ordinários, enquanto os estoicos perguntavam pelo sentido, pela ação, pelo verbo. O modo de pensar dos estoicos não visa acusar a explicação das causas e coisas e a possibilidade da replicação dos resultados esperados, mas quer a problematização que a pergunta pelo sentido inventa, isto é, a rede de novos sentidos inventados a cada problematização de um novo e outro sentido (SALES, 2015).

Deleuze (1969/2003) segue abordando a possibilidade de presença do acaso nos jogos conhecidos. Algumas séries causais e independentes podem, em seu ponto de encontro, conservar o acaso. Deleuze descreve tal exemplo de encontro através de uma criativa ilustração entre o girar da roleta e a bola lançada. Por não haver cassinos legalizados no Brasil, usaremos um exemplo mais próximo de nossa cultura, o do pênalti no jogo de futebol. O encontro entre o bater do pênalti e a possibilidade de defesa do goleiro, depois que acontecem, seguem reféns de qualquer nova interferência. Se o goleiro já começa o movimento de defesa antes da cobrança do atacante, na tentativa de antecipar ou contrariar o curso da bola até o gol, o pênalti precisaria ser cobrado novamente. Se estendermos a reflexão até a arquibancada, um torcedor do time do goleiro, que no momento do pênalti, começa suas orações torcendo e pedindo para a bola ir para fora ou ser defendida, o faz com alguma parcela de dúvida de que seu pedido terá poucas chances de ser atendido segundo a probabilidade de um pênalti configurar um gol eminente. Deleuze questionaria: de que valem as atitudes do goleiro e as do torcedor além de reinsuflar um pouco mais o acaso?

Mas o filósofo prossegue para revelar o fluxo contínuo do acaso, sem possibilidade de sua estabilidade, de seu reconhecimento. Se o acaso dita o pênalti no jogo de futebol, a ele estão sujeitas todas as circunstâncias desse pênalti: o carrinho do zagueiro que chegou com atraso, configurando a falta, a interpretação do juiz, o possível auxílio do árbitro de vídeo para o julgamento, o desejo de gol ou vitória do atacante, sua habilidade para drible, sua habilidade para sofrer falta, o simbolismo da partida, sendo uma decisão final ou times tradicionalmente rivais pode deixar a disputa mais pegada, o apoio da torcida, o mando de campo... Nenhum lance tem poder de decisão final, todos se ramificam infinitamente; uma multi-causalidade. Basta apenas que o tempo dos acontecimentos, mesmo não sendo infinito, seja infinitamente subdivisível (DELEUZE, 1969/2003; SALES, 2015).

Para Hardt (1996), todo este investimento intelectual de Deleuze, com relação ao acaso, é por sua dedicação em dar conta, do melhor modo possível, destas diferenças, destes acontecimentos, destes paradoxos, destas singularidades. Ao pensar o campo da casualidade,

Deleuze precisa o diferenciar do campo da necessidade. E faz isso sempre a luz do virtual bergsonista. As distâncias entre diferenças de natureza e diferenças de grau são definidoras da distinção entre o campo do necessário e o campo do casual. As construções lógicas de Deleuze são mais um modo criativo de expressar o que ele já referenciara em *Nietzsche e a Filosofia* (1662)<sup>99</sup>: jogar o jogo da vida é afirmar duplamente. Afirmção do acaso e afirmação da necessidade, constituindo assim, a afirmação do devir, e a afirmação do eterno retorno da diferença.

Deleuze retoma os estoicos e sua dupla leitura do tempo: *Cronos* e *Aion*. Um tempo está subordinado ao momento presente das causas, presente sempre parcial e limitado, a efetuação espaciotemporal que compreende a ação e a mistura dos corpos em profundidade. Cronos é a apreensão de momentos presentes aplicados, a medida dos ciclos que marcam o espaço entre um dia e outro, uma hora e outra, um segundo e outro... Circulares até o infinito. É apreensão que supervaloriza o presente, sua intensificação, sem deixar espaço significativo à experiência do passado e do futuro (DELEUZE, 1969/2003; SALES, 2015).

O outro tempo é palco e condição para os efeitos incorporais. Aion compreende um tempo que é forma vazia, não é cíclico, jamais volta sobre si, mas é ilimitado. Sales (2015, p. 42) aponta que, inversamente ao Cronos, aqui “cada átimo de presente se reparte indefinidamente em passado e futuro: o Instante é o que se arrasta em pura linha reta, rastro disposto por extremidades que caminham incessantemente em sentidos opostos”.

Em Cronos o presente é absoluto, passado e futuro servem apenas para marcar a diferença relativa entre dois presentes. É este tempo cíclico que mede o movimento dos corpos. É tempo do atual, moralmente definido que alterna entre ativo ou passivo, e que só advém através da matéria física que o limita e preenche. Em Aion o tempo é da imanência, é potência de virtualização, campo ético dos efeitos. É o Aion, ele próprio, um incorporeal. Tempo eternamente neutro; independente de toda matéria. É o tempo puro; eternidade (DELEUZE, 1969/2003).

Essas duas leituras de tempo são realizadas simultaneamente. Cronos e Aion são coexistentes e constitutivos um do outro. Aqui está sua significativa importância conceitual para a clínica ética. É o presente em Cronos que demarca e mede a efetuação espaciotemporal do acontecimento em Aion. Deleuze (1969/2003) prossegue:

[...] isto é, sua encarnação na profundidade dos corpos agentes, sua incorporação em um estado de coisas, na mesma medida o acontecimento por si mesmo e na sua

<sup>99</sup> Cf. DELEUZE, 1962/1976, p. 41-46.

impassibilidade, sua impenetrabilidade, não tem presente mas recua e avança em dois sentidos ao mesmo tempo, perpétuo objeto de uma dupla questão: o que é que vai se passar? O que é que acabou de se passar? (p. 63).

Em Aion, habita o desejo de quem quer a transformação. Em Cronos, efetua-se a força de quem pode se transformar. A clínica ética visa sempre acolher a dualidade, visto que valorizar uma em detrimento de outra é uma atitude ingênua. A Duração em Aion é movimento do pensamento que visita Cronos para atualizar o passado, atribuindo novos sentidos para novas forças presentes em novos encontros. A clínica ética – enquanto psicoterapia – visa ser o acontecimento do encontro entre psicólogo e cliente para a efetuação espaciotemporal dos dois. As construções de frases no modo de perguntas são proferidas – os signos são lançados – ao cliente com a esperança de acolher essas dinâmicas de tempo enquanto multiplicidades de devires criativos. É a força em jogo; é atribuição de sentido para forçar no pensamento algo inteiramente novo: como você está se sentindo? Qual o modo da transformação que o afeto do encontro causou? Você percebe mudanças significativas nos âmbitos da sua vida desde então? (DELEUZE, 1966/1999, 1969/2003; LESSA, 2011, 2014). Aion é a atividade do jogo ético, uma linha reta que é finita, mas sem começo e sem fim, vai se estruturando ao longo e a cada singularidade de acontecimento que se distribuem através de seu próprio conjunto e subdividem o jogar ético maior. Todos os acontecimentos, que subdividem o Aion infinitamente, seguem em constante comunicação e formam o acontecimento maior que é o próprio Acontecimento do Aion (DELEUZE, 1969/2003; SALES, 2015).

Deleuze (1969/2003) conclui acerca da problemática paradoxal que torna possível essa constante comunicação e interconexão dos acontecimentos à univocidade. O conjunto de singularidades se estende ao longo do Aion, mas não o ocupa, o completa. Um incorporal não pode preencher outro incorporal; um impenetrável não preenche outro impenetrável. Cronos é o único modo de tempo possível para configurar que um corpo penetre outro, o único que compreende uma extensão espaciotemporal que demarca o espaço e configura um lugar possível de ser preenchido. É experiência moral do tempo, ordenação normativa da disposição de presentes que se sucedem. Já, Aion, é experiência ética do tempo, como expressão vazia e desordenada que subdivide a atividade do jogo ao infinito, mas nunca o habita. Um Acontecimento que é expressão inteira-vazia de e para todos os outros acontecimentos. Daí a máxima de que “eis por que a unidade dos acontecimentos ou dos efeitos entre si é de um tipo completamente diferente da unidade das causas corporais entre

si” (p. 65). “A Duração virtual mergulha numa dimensão temporal, sem imagem, ou melhor, de imagem pura não reduzível a coordenadas espaciais”<sup>100</sup>.

Eis mais uma importância das memórias, das lembranças, dos signos e de seus sentidos para a clínica ética. Dado que, a experiência do tempo é dual; Cronos e Aion coexistem contemplando e sendo contemplados em todos os modos de vida do humano. A experiência clínica é uma atualização efetuada de mais um mergulho nessa dimensão temporal neutra; que visa a emersão de uma singularidade (dimensão impessoal e pré-individual) liberada de um Eu consciente (dimensão pessoal, individual; humana). O acolhimento do ser que se move no tempo; das singularidades e sua distribuição nômade, prolongadas a um futuro de possibilidades irrepetíveis e incontroláveis (DELEUZE, 1966/1999, 1969/2003; LESSA, 2011, 2014).

Vimos com Deleuze que o humano é capaz de desenvolver o poder de selecionar seus encontros, visto que são da ordem dos modos (mesmo que ainda seja inevitável ser acometido por encontros passivos). Mas o humano não controla os acontecimentos provenientes de tais encontros, nem os acontecimentos dentro dos acontecimentos, já que são da ordem da substância. Todo acontecimento é fruto do encontro dos corpos. Encontros que podem ser causais ou casuais. O que resta ao ser? Espinosa (1677/2002) poderia nos responder que o que resta ao ser é, apenas, absolutamente tudo: se desenvolver enquanto um artista dos encontros. Esforçar-se o bastante para que sua força carregue seu desejo por aí; um projeto de vida que vai em vigília, num estado de receptiva-atividade aos encontros e acontecimentos; um alvo que caminha; alvo de signos que operam sua sensibilidade, abrindo-a para uma infinidade de verbos (amar, pensar, cantar, dançar, etcetera)<sup>101</sup>, mas atento, porque está em vigília, porém sem perder a mania de, vez ou outra, flertar com a humanização. Isto é do fluxo; do devir. Essa busca é, para o ser, o que lhe sobra de mais exclusivo na natureza. Este poder de afetar e ser afetado esforçando-se para agenciar bons encontros ativos na espera de ser atravessado por bons acontecimentos (DELEUZE, 1969/2003; LESSA, 2006/2014).

O fluxo é inevitável, imparável, inquestionável (alguns afirmam que só é questionável para aqueles que existem sempre. Para os que vez ou outra só insistem ou subsistem, deixam de lado o costume de dizer mal da vida e culpar o acaso). Vimos que é da natureza das

---

<sup>100</sup> Cf. NASCIMENTO, 2012, p. 99-100.

<sup>101</sup> NASCIMENTO, 2012, p. 119.

afecções passivas, que suas causas venham de fora. Logo é natural que os encontros casuais não possam ser selecionados. Boa parte destes que são responsáveis pelos signos/acontecimentos que nos forçam a pensar, agir e sentir de um modo totalmente criativo. E depois que o encontro é efetuado, nosso estado de afecção é que nos informa se ele foi bom ou ruim. Os sentimentos de alegria e tristeza (e suas variações infinitamente subdivisíveis) são nossas bússolas por este caminho. Se for alegria, inevitavelmente (como no/do fluxo), mais cedo ou mais tarde, um desejo em nós é despertado. É desejo de repetir este bom encontro, de nos reaproximarmos dessa configuração de bom encontro, ou até mesmo reinventá-la. Se for tristeza, o desejo é de evitar toda a configuração equivalente ao mau encontro (ESPINOSA, 1677/2002; DELEUZE, 1981/2002).

Espinoza foi este pensador da filosofia moderna que retomou os fundamentos da ética estoica como inspiração para a sua própria *Ética demonstrada à maneira dos geômetras* (1677/2002). Vimos num primeiro momento, que dois dos conceitos fundamentais na ética spinozista que compõem a clínica ética fundamentada na ética dos encontros afetivos são potência e desejo. Para Espinoza (1677/2002), potência é a força que comporta um corpo em afetar e ser afetado por outro. Esse afeto ou sentimento não compõe um estado do corpo, mas uma condição transitiva, um devir. Esse corpo, atravessado pelo sentimento, pode sofrer um aumento ou uma diminuição de sua potência de agir, como um grau de variação em intensidade para mais ou para menos (DELEUZE, 1981/2002; LESSA, 2014). Desejo é condição máxima para o deslocamento próprio do corpo para agenciar o encontro corpóreo. Ainda, os afetos (acontecimentos) como efeitos dos encontros são divididos em dois sentimentos primordiais: alegria e tristeza. A alegria é um sentimento que aumenta a potência de agir e, a tristeza, um sentimento que diminui a potência, minimiza as ações. E todos os outros sentimentos como ódio, conforto, cólera, felicidade, inveja e etc. derivam ordinariamente desses dois (ESPINOZA, 1677/2002; DELEUZE, 1969/2003; LESSA, 2014).

Retomamos Deleuze (1981/2002) que, influenciado pela ética spinozista, esclarece que a observação dos afetos como acontecimentos dos encontros seria o critério que o homem possui para exercer sua ética. Um encontro pode produzir inúmeros acontecimentos em forma de sentimentos que modificam o humano ao lhe atravessar. Sentimentos que variam num continuum entre o bom e o ruim. O humano julga esse encontro como bom se os acontecimentos provenientes dele produziram sentimentos que, ao lhe atravessarem,

potencializam sua existência, e ruim se os acontecimentos provenientes dele produziram sentimentos que, ao lhe atravessarem, minimizam a sua potência de existir. Vejamos:

O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso, e, com toda ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa. Por exemplo, um alimento. O mal para nós existe quando um corpo decompõe a relação do nosso, ainda que se componha com nossas partes, mas sob outras relações que aquelas que correspondem à nossa essência: por exemplo, como um veneno que decompõe o sangue. Bom e mau têm pois um primeiro sentido, objetivo, mas relativo e parcial: o que convém a nossa natureza e o que não convém. E, em consequência, bom e mau têm um segundo sentido, subjetivo e modal, qualificando dois tipos, dois modos de existência do homem: será dito bom (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar a sua potência. Dir-se-á mau, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência (DELEUZE, 1981/2002, p. 28-9).

Deleuze propõe o exercício ético a partir de duas possibilidades de posicionamentos existenciais bem definidos, e faz isso discorrendo sobre dois modelos de homem: um que toma a frente de sua própria existência e se esforça ao máximo para buscar bons encontros exercendo sua racionalidade, que, para Espinoza (1677/2002), é o que permite ao homem o poder de selecionar e organizar seus encontros (atividade). E escreve sobre outro modelo de homem que, sem querer praticar o exercício de sua liberdade, contenta-se em entregar a escolha de seus encontros ao acaso, ficando submisso aos acontecimentos (passividade).

A palavra chave que melhor caracteriza o encontro afirmativo é o desejo. É o homem que vai pela necessidade do desejo que o habita, potência imanente que é manifestada pela força que o movimenta em busca (atividade) dessa imensidão de afetos que o potencializaram no primeiro encontro (passividade). Seguindo pelos estoicos, pode-se concluir que só há ética se houver desejo em exercício. Como aponta Silva:

Não há Acontecimento, a efectuação do Acontecimento, sem a sua contraefectuação, sem o desejo de que aconteça, a *incorporação*, a *encarnação* do Acontecimento em nós, não ser indigno daquilo que acontece, que nos acontece, nenhum ressentimento, nenhuma resignação. Significa isto, abraçar o Acontecimento, provocar uma mudança na nossa vontade, um salto da vontade orgânica para uma vontade espiritual no querer o Acontecimento. Mas isso não quer dizer, literalmente, querer o que acontece, bem pelo contrário, é querer alguma coisa *no que acontece...* (2010, p. 27. Grifo nosso).

A experiência de um encontro casual está mais para um acontecer (na qualidade de verbo transitivo direto e indireto), já a experiência de um encontro afirmativo – pelo desejo – o encontro causal está mais para um acontecendo (na qualidade de flexão do verbo acontecer). Assim como na gramática, onde alguns verbos têm que ser flexionados para que

deem sentido a frase, acreditamos que o movimento afirmativo do ser é um esforço de flexionar para, continuamente, produzir sentidos aos seus encontros. Flexão para modulação do sujeito verbal (DELEUZE, 1969/2003).

Por vezes, o desejo é imediato; é à primeira vista. Podemos perceber isto quando, ao visualizarmos outro corpo, o desejo nos atravessa por uma tensão sexual e/ou uma vontade de cuidado com o avistado, o que pode fazer com que esse outro seja o tema principal de boa parte dos nossos pensamentos por dias, semanas, meses e/ou até o final de nossas vidas. Também, pelo dar-se conta do aumento de intensidade do sentimento de paternidade, apenas depois que o pai consegue pôr os olhos no filho recém-nascido (estímulo visual) e percebe que o sentimento de paternidade, durante a gestação no corpo da mãe, era mínimo comparado a agora. Até durante o contato com uma obra artística (música, peça, filme, pintura...) através das boas lembranças que ela pode trazer e/ou de uma revigoração para encarar o futuro. E ficamos, por vezes, surpresos com o poder de entretenimento e alegria que tal obra artística tem sobre nós, e como podemos seguir com ela por um longo tempo sem enjoar. E, assim como o tempo, o encontro é implacável. E é só enquanto somos coautores do encontro que nos damos conta de seu imenso papel em nossa disposição existencial e dos bons ou maus acontecimentos que este nos reserva (ibidem).

O *conatus* spinozista, este desejo de que a alegria permaneça dentro de si é, também, fundamental para a clínica ética. Visto que, o exercício ético é a possibilidade de o homem, impulsionado por seu desejo, como força imanente, movimentar-se em busca dessa imensidão de afetos que lhe potencializam nos encontros corpóreos que compõem. É esta atividade; esta afirmação da vida; este desejo de viver. É o ser movimentando-se como causa adequada de suas ações. Seguindo pelos estoicos<sup>102</sup>, por Espinosa (1677/2002), por Deleuze (1981/2002) pode-se concluir que só há ética se houver desejo em exercício.

Numa condução clínica de orientação ética, na busca por compreender o ser enquanto um movimento que se transforma continuamente é bom que os pré-juízos e preconceitos sejam suspensos, e entre estes deve constar o de supor que o cliente não tem capacidade coerente de percepção sobre aquilo que sente que lhe é bom ou mau. Aqui vale não confundir ingenuidade com tolice ou deficiência cognitiva. A questão ética na clínica é se o cliente tem uma ideia adequada ou inadequada acerca de tais encontros. Como ele pode se esforçar para

---

<sup>102</sup> Cf. BRÉHIER, Émile. A teoria dos incorporais no estoicismo antigo (1908). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

poder distinguir quais, dentre os bons encontros que ele vive atualmente, a causa vem de fora dele, e quais a causa vem de dentro dele (assim como os maus encontros). Isto pode ser perceptível ao cliente, a percepção é, também, um exercício. É um conhecimento sobre si, sobre o mundo, sobre seus modos de vida que está sendo criado.

A clínica psicológica tem potencial para se tornar esse campo-escola de forças, em que a ética dos encontros afetivos é a disciplina que ocupa a maior parte dos horários. Pouco a pouco, o cliente pode dar-se conta daquilo que lhe é um bom encontro e daquilo que lhe é um mau encontro; bem como, das relações adequadas e inadequadas; e dos posicionamentos ativos e passivos que apresenta diante da vida (LESSA, 2011, 2014). O psicólogo na clínica ética, também, visa caminhar como um alvo de signos; uma abertura total, acolhimento múltiplo, que atende um cliente em determinado horário marcado, apreende uma consciência humana efetuada em Cronos e atribui sentido a uma singularidade que emerge e mergulha, mergulha e emerge do Aion. Tudo isso ocorrendo simultaneamente. Mas este compreende que não se trata de um malabarismo. É só que o fluxo tem dessas coisas. Ele se move e se transforma continuamente.

## O GRITO DENTRO DA BOCA – A INTENSIDADE QUER PASSAR

Desde o início deste trabalho até o começo da conclusão do Ato anterior, usamos o termo *humano* para referenciar o ser, o cliente, o homem, a mulher, o sujeito, a consciência, enfim, as imagens que habitualmente e moralmente reconhecemos como nós mesmos. Usamos tal termo para que o leitor não iniciado pudesse reconhecer-se enquanto um sujeito generalizado dentro de todos os conceitos e contextos tratados teoricamente neste trabalho até então. Trata-se de uma aproximação referencial visando à compreensão cognitiva daquele que lê. Mas diante de tudo o que já explicitamos, faz-se necessário começarmos a usar outro termo, um que esteja adequado a esta nova imagem de pensamento proposta por tal ideia de exercício ético.

A questão é que, para o projeto de clínica no qual investimos, por se tratar de um campo para o exercício ético, o termo humano, junto a toda sua humanização do ser, está descartado. Isto porque o humano, aquilo que se reconhece enquanto um *Eu* consciente, enquanto um *Quem* generalizado, aqui, é tratado clinicamente como um ideal instituído. Uma padronização subjetiva de reconhecimento. Para a Esquizoanálise, o *Eu* é uma ficção. E como pensar, então, além do corpo humano, do pensamento humano, da humanidade? Deleuze e o filósofo e psicanalista Félix Guattari (1930-1992) nos ensinam uma nova imagem do pensamento sobre nós mesmos; nos ensinam a pensarmos em nós, enquanto *máquinas*.

Deleuze e Guattari apresentam sua composição teórica de clínica (por vezes chamada por eles de Equizoanálise) na obra *Capitalismo e Esquizofrenia*, dividida em dois tomos: *O Anti-Édipo* (1972) e *Mil platôs* (1980). Inicialmente, trata-se da concepção de uma nova imagem da subjetividade. Esta, possível a partir de uma crítica ao inconsciente psicanalítico freudo-lacaniano que se transmutou para uma crítica ao poder, ao fascismo. Esta composição Deleuze-Guattari devém enquanto um campo teórico-prático aberto para uma articulação com outras áreas de conhecimento além da Filosofia, Psicologia e Psicanálise: Política, Antropologia, Biologia, Artes-Cênicas, Cinema, etcetera (HUR, 2018, 2019). Esta multiplicidade de saberes compreende a subjetividade como não sendo dada; ela é objeto de um contínuo processo de produção e transformação “que transborda o indivíduo por todos os lados. O que temos são processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas

conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante”<sup>103</sup>.

Isto porque a Esquizoanálise não reconhece a neurose como processo fundante da psique, como o faz a psicanálise. Nem se restringe a análise da psique ou dos processos conscienciais, nem a esquizofrenia enquanto entidade clínica. Esquizo, aqui, refere-se ao fluxo da constante articulação entre os processos psíquicos e sociais que nos atravessam de modo acentrado, sem um princípio de estruturação interna. Ou seja, seremos sempre um constante efeito, uma resultante da relação entre o cosmos (regime identitário instituído; a constante atualização) e o caos (jogo de forças determinadas de modo acentrado; plano de imanência; ilimitada virtualidade) (GUATTARI, 1992/2006; HUR, 2018, 2019).

Para Deleuze e Guattari (1980/1996) a Política precede o ser. Há, na Esquizoanálise, uma nova imagem do pensamento sobre o Inconsciente. As singularidades intensivas: o Inconsciente “enquanto usina intensiva e não como teatro representativo, o desejo, como produção e não como falta”<sup>104</sup>. Logo a Política será compreendida como as relações do campo de forças (forças do fora, forças de dentro) trocas, encontros, misturas, composições, decomposições. Dessas várias decorrências, a consciência é apenas uma delas. A Esquizoanálise visa analisar o Corpo sem Órgãos. É através deste corpo que nos encontramos com o outro, não enquanto um outro humano, mas enquanto singularidades pré-individuais, impessoais, inumanas (ROLNIK, 2000).

A Esquizoanálise, então, é o campo de saberes e práticas que visa o que foge a consciência, o que foge a linguagem. São os chamamos processos a-significantes, intensidades, relações de forças, composições e decomposições entre os corpos, agenciamentos, relação humano-inumano, orgânico-máquinas, atual-virtual, concreto-abstrato. Multiplicidades de propagação de fluxos das infindáveis materialidades da vida. Estamos diante de um projeto clínico de intervenção que abandona o pensamento sobre a vida enquanto campo significativo e fantasmático. Passando a pensar a vida enquanto devires e produção. Visando valorizar o desejo e as forças ativas ao passo que são liberados do dever instituído e estratificado. Incitando os processos de autodeterminação, autogestão, autoanálise da vida, potencialização do corpo: uma micropolítica (HUR, 2018, 2019).

---

<sup>103</sup> ROLNIK, 2000, p. 452.

<sup>104</sup> HUR, 2013, p. 266.

Trata-se de uma Cartografia do desejo. Pois nossos modos de vida são como mapas traçados por linhas. Há linhas mais próximas ou absolutas do dever, do devir, dos hábitos, da criação, dos processos instituintes, do instituído, da territorialização, da desterritorialização. Deleuze e Guattari (1980/1996) apresentam três modos de linhas que compreende a política de nossas relações: linhas de segmentaridade dura, próprias do dever, da prática moral referente aos grandes conjuntos de relações macropolíticas como classes sociais e os gêneros; as de segmentaridade maleável, de devires relativos, caracterizadas por relações micropolíticas; e as de fuga, caracterizadas por uma ruptura com o dever ou sua liberação absoluta. É por tal viés Esquizoanalítico, enquanto clínica ético-estético-política, que passaremos a refletir criticamente sobre o caso clínico de Elvis<sup>105</sup> e o drama criativo entre seu dever e seu devir.

Durante minha experiência<sup>106</sup> enquanto estagiário do Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Maranhão (NPA–UFMA), tive o prazer de atender dois clientes durante o segundo semestre do ano de 2017<sup>107</sup>. Todos os atendimentos realizados por mim eram supervisionados pelo psicólogo clínico e professor Jadir Lessa<sup>108</sup>. As supervisões aconteciam semanalmente, todas as quintas-feiras na sala de supervisão do NPA, ministradas pelo professor. Participavam das supervisões, mais duas estagiárias, também, supervisionadas pelo professor. Nossas supervisões eram compartilhadas. Podíamos aprender uns com os outros através de nossos próprios casos. Independente de quem fosse o caso, o professor Jadir sempre colocava os temas em questão para serem discutidos por todos nós estagiários. Aprendíamos com nossos movimentos enquanto projetos de psicólogos clínicos.

Elvis foi um dos clientes que eu atendi. Com ele, houve 17 sessões de atendimento psicológico realizadas e uma entrevista de triagem. Os atendimentos levavam de cinquenta minutos à uma hora. Mas nosso primeiro encontro, o da entrevista de triagem, acabou levando

---

<sup>105</sup> Personagem real de nosso caso clínico. Nome alterado para preservar sua identidade, bem como, sua potência.

<sup>106</sup> Aqui, a narrativa passa a alternar entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural. Apostamos que, assim, a descrição deste caso, enquanto, também, nossa experiência como psicólogo estagiário e supervisor clínico possa ser mais bem compreendida.

<sup>107</sup> O Estágio Disciplinar Obrigatório II foi realizado nas dependências do Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Federal do Maranhão, no Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA), uma clínica escola que visa fomentar o conhecimento de prática psicoterapêutica de seus estagiários. O NPA integra-se também como um trabalho social voltado para as comunidades da cidade de São Luís, oferecendo um serviço de atendimento psicológico acessível à comunidade carente.

<sup>108</sup> Mesmo orientador deste trabalho.

quase duas horas de relógio, visto que estamos tratando de um estagiário inexperiente, que fazia ali apenas a segunda triagem de sua carreira. Com sede por começar a atender, acabei transformando este primeiro encontro, esta entrevista em um atendimento, perdendo o controle sobre sua duração e Duração.

Elvis tinha quatorze anos de idade. Por ser menor de idade, o regulamento do NPA ordenava que um maior responsável por ele, é quem deveria ficar responsável por preencher a assinar as documentações regulares ao programa de estágio. Precisei ter algumas reuniões com sua responsável legal para esclarecer o movimento do trabalho clínico e às normas de funcionamento do NPA-UFMA. Contaram duas reuniões com a mãe de Elvis. A descrição deste caso e o modo como iremos explorá-lo é fundamental para este trabalho. Meu encontro com Elvis foi marcado por vários posicionamentos moralistas. Principalmente os vindo da minha parte.

Os posicionamentos que tomei não dizem só de um psicólogo inexperiente, mas, muito mais, de um humano cheio de pré-conceitos, pré-juízos e de ideias inadequadas sobre tudo, todos e sobre si. Como partimos de uma dramatização, há total sentido nesta minha exposição. Todos os conceitos e discussões apresentados, desde a introdução do trabalho, são expressos diante do modo como eu os percebo e os interpreto no dia a dia, na clínica; e como nós (enquanto composição orientando-orientador) definimos sob a nossa perspectiva, a melhor maneira de agenciá-los aqui enquanto estrutura de conhecimento científico.

No primeiro encontro (a triagem), conheci Elvis logo na sala de espera. Apresentei-me como seu psicólogo, apertamos as mãos e pedi para que ele entrasse comigo na sala para começarmos a entrevista. Neste primeiro contato, ainda antes de entrar na sala (e isso está expresso em meu relatório) me atravessou a forte impressão de que Elvis poderia ser homossexual. O tom da sua voz, o modo de falar e de agir, a pressão no aperto de mãos, um conjunto de imagens que me levaram a reconhecer uma identidade homossexual em Elvis. Um ato que só poderia se explicar pelo meu pensamento remeter a figura e o comportamento de Elvis a uma comparação com as figuras e comportamentos de todos os demais amigos e colegas de trabalho homossexuais com quem tive prazer de compor bons encontros e conhecer de características que se repetem em seus modos de vida. Um ato totalmente preconceituoso, no sentido que só este conjunto de imagens, estas impressões não poderiam me garantir esta opinião sobre sua condição sexual.

Na entrevista, a primeira pergunta que fiz foi sobre qual o motivo de ele estar ali, de ter procurado atendimento psicológico. Ele respondeu que precisava mudar. Mudar seu comportamento. Disse que precisava mudar/melhorar seu comportamento. Andava tratando muito mal a sua avó e mais algumas pessoas de seu convívio. Não ajudava nos afazeres de casa e gostaria que isso mudasse. Informou que sua inscrição para participar como cliente do NPA, foi feita por sua tia, “minha tia quem me inscreveu. Ela diz que eu sou muito doidinho” (sic.)<sup>109</sup>. Elvis informou ter ficado ciente de tudo e que a ideia muito lhe animou, pois já pensava em começar uma psicoterapia.

Aquela minha impressão sobre sua suposta homossexualidade, começava a martelar. A ideia que me atravessava era de que ele estava respondendo as minhas perguntas sem muita implicação. E a cada resposta, me encarava como parecendo esperar alguma reação. Suas conexões não batiam. Ele não conseguiu me convencer que precisava mudar um comportamento, que eram vários comportamentos e que a tia os caracterizava como comportamentos “doidinhos” (sic.). Eu continuei insistindo. Pedi para me descrever melhor que comportamentos eram esses e se era, realmente, caso para serem consultados em uma psicoterapia.

Já passara alguns minutos. Nosso encontro estava amistoso desde o começo. Elvis parecia estar à vontade para falar sobre si, mas ainda habitava em mim a impressão de que algo nele, ainda estava relutante. E mais uma vez, eu não tinha qualquer fundamento científico para achar isso naquele momento. A questão é que Elvis estava disposto ao diálogo e eu também. Ele ia contando coisas aleatórias sobre sua vida e eu não tirava a atenção dele. Apesar de estar só ouvindo na maior parte do diálogo, eu conseguia me fazer presente com a minha inclinação corporal atenta e interessada em suas palavras.

Eu repeti para ele, algumas vezes, sobre nós estarmos, ali, em local seguro. De que eu não estava ali para julgá-lo e que o que ele falasse não ia chegar a mais ninguém além de mim. Mais alguns minutos passaram. Na medida em que ele foi se sentindo mais a vontade em relação à entrevista e se acostumando com a ideia de que o momento era o de descrever suas reais queixas para que pudesse começar a partir de então o seu atendimento, os comportamentos que ele afirmava que precisava mudar/melhorar ganharam novas informações.

---

<sup>109</sup> Sic. – segundo informações do cliente.

Então, Elvis disse: “o povo da rua também reclama muito sobre meu comportamento” (sic.). Fez referência ao povo da rua como sendo a comunidade do seu bairro, na qual os laços sociais entre os moradores são muito estreitos. Bairro pequeno de ruas pequenas onde os vizinhos sempre sabem uns dos outros. Essa comunidade também compõe a Igreja católica próxima do bairro, em sua maior parte, que é um dos ambientes que parece ter muita importância para ele, pois frequenta a igreja desde criança, pratica e promove seus costumes e mantém boa parte de seus relacionamentos mais significativos por lá.

Eu segui mais enfático. Perguntei sobre o que havia no comportamento que tanto incomodava e fazia o povo da rua reclamar. Elvis responde sobre estas reclamações do povo da rua/igreja: “Eles me chamam de viadinho... Por causa do meu jeito”. Eu perguntei: que jeito? Ele responde bem baixinho, a ponto de eu entender pela entonação e leitura labial, mas não conseguir ouvir. A palavra parecia não querer sair da sua boca. Deu a impressão de como se estivesse falando para dentro. Pergunto de novo e ele responde mantendo o tom. Na terceira vez eu fui mais enfático e disse: Elvis, eu não ouvi. Você poderia falar para eu escutar? Então, ele responde bem mais alto e, agora, firme: -“Eu sou gay” (sic.). Quando falou gay. Eu entendi a palavra, mas não a tinha ouvido. Perguntei mais duas vezes e, na terceira, ele respondeu mais alto: - Sou gay! Após ligar sua queixa a sua condição sexual, o tema de seu “comportamento que precisava mudar/melhorar” ganhou outro horizonte: “É a viadagem que o pessoal (família, bairro e igreja) reclama muito” (sic).

Eu não precisava fazer esforço para me manter sério e atento ao seu discurso. Naquele momento, a impressão que seu rosto me passava era a de: pronto! Falei! O que será que vai ser agora?! Estava claro pra mim que foi difícil para ele chegar naquele momento, daquele jeito. Não é fácil se colocar diante de um total desconhecido e lhe confiar suas angústias, somente pela crença no profissionalismo e/ou seriedade que o este lhe passa. Estava nítido seu esforço para continuar ali. Suas expressões faciais, seu corpo encolhido, ao mesmo tempo em que, levemente, se retorcia na poltrona me passava à impressão de um corpo extremamente incomodado.

Eu o percebia e refletia, calculando meu próximo passo, diante de um silêncio que havia se instaurado. Lembro que precisei de um pouco de esforço, mas consegui concatenar algumas ideias. Eu disse: - Elvis, existe uma diferença entre ser e exercer. Mas, mesmo sendo diferentes, são constitutivas uma da outra. Não há o ser sem o exercer. Algumas questões podem surgir aí. Você já imaginou não poder exercer quem você é; aquilo que você é? Como

você acha que é possível? Diante de todo esse investimento conceitual feito por mim eu senti que estava entrando num limbo. Diante desta construção que eu fiz, Elvis passou a me olhar fixo e se calou. A impressão que eu tive foi a de ter acabado de perder meu cliente.

Alguns minutos antes deste momento, Elvis estava me contando um pouco da sua rotina. Eu perguntei onde ele estudava e qual série fazia. Ele respondeu que sempre estudou em escola pública e que ainda estava no 5º ano do fundamental. Eu estranhei pela idade e perguntei se estava tudo ok. Ele respondeu que estava. Que, na verdade, “o problema era com ele mesmo” (sic.). Sempre teve muita dificuldade em aprender, não gostava de estudar e estava ainda no 5º ano porque já havia reprovado duas vezes. Então, ele tinha quatorze anos e estudava com alunos de onze e de doze anos de idade.

Neste cenário, o limbo que se instaurou junto ao silêncio foi ficando mais forte. Olhando para Elvis, eu mantinha a pose e tentava controlar um início de desespero começava a me tomar. Comecei a me reprimir fortemente em pensamento. Pensava: caramba! O que foi que eu fui falar para esse rapaz! Ser e exercer? Que construção complexa... Ele só tem quatorze anos. Já reprovou na escola duas vezes. O que foi que eu fiz? Isso tudo, desde o lançamento da construção conceitual, durou alguns poucos segundos, mas eu já o experimentava como uma eternidade. A única saída que enxerguei foi fingir um sorriso sem jeito e pensar em dizer: bom! Deixa eu refazer a minha fala aqui, me explicar melhor, me fazer entender, etcetera... E me preparei para dizer isso. Mas surpreendentemente, quando eu ia abrindo a boca para falar, Elvis falou antes. Ele estava me olhando atônito, apontou o dedo pra mim e disse: “é isso! É o que a minha mãe fala: feio não é ser veado. Feio é o que o veado faz. Esse é o comportamento que eu preciso mudar. E era isso o que eu queria ter falado desde o começo” (sic.). E o modo como terminou de falar isso, pareceu como se tivesse acabado de desvendar uma grande charada.

Foi algo surpreendente. E se até hoje me assusta, é porque uma boa margem de pré-conceito ainda me faz morada. Eu somei a pouca idade de Elvis, sua cor, suas duas reprovações escolares e o identifiquei como sujeito generalizado da expressão<sup>110</sup>. E, principalmente, nesta generalização, o reduzi a mim mesmo, a minha própria experiência. Eu não reprovei nenhum ano na escola, mas tenho quase certeza que eu, nos meus quatorze anos, se alguém se propusesse a me esclarecer qualquer coisa, apresentando uma diferença entre ser e exercer e continuasse dizendo que são diferentes, mas constitutivos, um não existe sem

---

<sup>110</sup> Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, 1991/1992, p. 189.

o outro e etcetera, eu não entenderia absolutamente nada. Acredito que até nos meus dezoito anos, provavelmente, também, não entenderia.

Refletimos sobre esta minha construção conceitual despreziosa. Essa tentativa de despertar a atenção de Elvis para isso que ele queria mudar, ou melhor, que os outros estavam o obrigando a pensar em fazer<sup>111</sup>. Podemos interpretar o que foi para Elvis essa construção conceitual que eu lancei entre ser e exercer através do que foi expresso em Elvis e por Elvis. Foi como um signo. Talvez, seu silêncio, no momento em que refletia, eram suas faculdades do pensamento em desregramento. Tentando dar conta do que não conseguiam reconhecer. E a impressão que tive depois que Elvis me apresenta esta conclusão de que “feito é o que o veado faz. E era isso o que eu queria ter falado desde o começo” (sic.), é a de que ele tinha despertado para um novo modo de entender uma velha proposição que sua mãe vinha repetindo em casa; houve um novo sentido atribuído.

Consegui ampliar seu entendimento sobre o desafio que estavam colocando diante dele: feito não é ser veado, mas sim o que o veado faz. E agora, Elvis? Como proceder diante disso? Como separar o inseparável? E se puder forçar uma separação, qual vai ser o custo deste empreendimento?

O que eu posso afirmar pela certeza de minha experiência, do que me atravessou, é que esta reação surpreendente de Elvis, foi signo para mim. Era como se eu estivesse diante de um outro humano. O fato de ele ter percebido aquela construção e trilhado um próprio caminho com ela, foi uma violência à imagem do Elvis que eu tinha criado para mim; me fez, realmente, abandonar o sujeito genérico que eu havia criado para o representar. E, a partir dali, passei a respeitá-lo enquanto Elvis<sup>112</sup>, uma singularidade que emergiu do encontro e me afetou.

Podemos refletir sobre se, de algum modo, eu possa ter manifestado um conhecimento intuitivo sobre Elvis desde o começo. Desde que fui tendo impressões de sua homossexualidade, antes mesmo desta ser verbalizada. Até ter soltado esses conceitos mesmo que despreziosamente, mas, inconscientemente pretensioso, visto que a

---

<sup>111</sup> Diante de seus relatos, há a possibilidade de Elvis estar experimentando algumas decomposições (maus encontros) com as pessoas de seu convívio que o acusam de “fazer viadagem” e o obrigam a mudar seu modo necessário de existir (HARDT, 1996, p. 151); também podemos pensar na presença de forças reativas que separam Elvis daquilo que ele é capaz, de ir até o limite de sua potência (DELEUZE, 1962/1976, p. 5-6).

<sup>112</sup> DELEUZE, 1968/2009, p. 138.

singularidade essencial de Elvis já era intuída por mim. Logo eu já poderia me afirmar como uma superpotência? Nossa resposta para esta hipótese é: absolutamente não.

Ora, Diante do homem que eu era naquele momento; inexperiente, despreparado e cheio de ideias inadequadas, eu me posicionava quase como uma instituição. Logo Deleuze, inspirado por Nietzsche, poderia afirmar que eu mesmo não tive força alguma diante do sentido despertado em Elvis. Fomos causas um para o outro no encontro; eu e Elvis. Mas sem perceber, desviei da filosofia uma violência que lhe é peculiar. E soltei essa violência enquanto uma curta apresentação conceitual. Isto possibilitou um signo/acontecimento, este que força uma ação criadora no pensamento. Neste caso, a força é do conceito, não é minha. Seria mais uma ideia inadequada, confundir a “força de violência da cultura que dissolvi, com a minha própria força”<sup>113</sup>.

Ainda neste primeiro encontro com o Elvis, pode-se perceber uma evidência da diferença entre a experiência moral de nosso encontro clínico e a experiência ética. Visto que, era sua primeira experiência em psicoterapia, ele começou mostrando-se desconfortável, desconfiado e preocupado em se sentir julgado pelo psicólogo. Era seu corpo que indicava isso, seu medo em ter que revelar sua homossexualidade e ser julgado por mais alguém. Tal desconforto teve seu ápice quando ele precisou falar sobre sua condição sexual para melhor se fazer entender com relação a sua real queixa. O que podemos inspecionar é que, também, houve um julgamento de Elvis efetuado a mim durante nosso começo de entrevista. É o julgamento uma prática moral. Sob o moralismo, a experiência das relações configura-se através de um sistema fechado de pensamentos, ações e afetos. Inevitavelmente, há um enrijecer dos corpos, há uma tensão proveniente da diminuição do poder de afetar e ser afetado (DELEUZE, 1966/1999, 1969/2003; LESSA, 2011, 2014). Contra o posicionamento de Elvis, eu me mantive investindo, repetidamente, nas indagações. Perguntando sempre mais sobre os motivos que lhe trouxeram a clínica. E que comportamento era esse seu que muitas pessoas queriam que mudasse. Mas esta repetição minha, exigia de Elvis, sempre respostas diferentes sobre os motivos indagados. Desconforto esse que, depois, cedeu espaço para um Elvis que, após ter revelado sua “real queixa” passou a falar mais abertamente sobre tudo e pareceu muito mais interessado num futuro que a experiência clínica poderia lhe reservar.

---

<sup>113</sup> DELEUZE, 1962/1976, p. 71, modificado.

A experiência com Elvis foi complexa. Complexa no sentido que se deu para mim, que estava experienciando e experimentando, pela primeira vez, uma relação clínica, estando agora no lado do analista clínico. Senti medo de errar, senti paixão pelo trabalho se realizando (sentimento que surgiu com o choque da reação surpreendente do Elvis), senti desejo de cuidado para com o cliente, senti agonia quando pensava na agonia que o Elvis poderia estar sofrendo, senti incertezas sobre tudo. Ouvir os relatos de um garoto que, com apenas quatorze anos de idade, já possuía tantas queixas sobre sua existência me convidava a diversas atitudes ingênuas para conduzir o atendimento. São fatores assim que nos revelam a crucial importância da supervisão. Por vezes, o mestre, o mentor, o psicólogo é este capaz de despertar nosso estado de vigília.

Uma de minhas ingenuidades deu-se após a mãe de Elvis, me relatar que este era adotado e que havia descoberto isso recentemente numa conversa que ela deixou escapar. Que ele é filho biológico de sua irmã mais nova e que foi criado por ela e seu irmão mais velho. Ou seja, os pais de criação de Elvis são seus tios biológicos. A mãe me perguntou se ele tinha me relatado tal fato; ainda afirmou que achava que ele andava muito confuso, disperso e que esse comportamento seria resultado dos efeitos da descoberta de sua condição enquanto filho adotivo. Apenas essas poucas palavras da Mãe, foram suficientes para que eu começasse a querer me fazer reconhecer em seu discurso; compartilhar da mesma crença dela e refletir sobre a necessidade de começar a explorar imediatamente esse assunto com Elvis em nossos atendimentos.

Visto que, toda esta trama que envolvia descobrir que se é um filho adotado, que seus pais adotivos são seus tios biológicos – e tudo aos quatorze anos de idade – me posicionou diante de uma carga dramática que eu quis fazer reconhecer no sistema de hierarquização de sentidos e valores<sup>114</sup>. Sentidos e valores interessantes a mim, mas não ao cliente. Mas sem tomar percepção disso, tentei enveredar por um caminho que me permitisse abordar este assunto com Elvis imediatamente. Na primeira sessão após eu estar ciente dessas informações, Elvis continuou trazendo demandas relacionadas ao primeiro relacionamento afetivo-sexual que estava experimentando, não sobraram espaços para que eu pensasse em questioná-lo sobre a condição de sua estrutura familiar e etcetera. Acabou que eu não consegui encontrar um espaço dentro daquela sessão para que o assunto emergisse e continuei seguindo a partir do que era trazido por Elvis, mas angustiado com a possibilidade de

---

<sup>114</sup> ROLNIK, 1998, p. 91, modificado.

estarmos perdendo tempo tratando de assuntos que, naquele momento, me pareceram triviais perto das informações que a sua mãe havia me passado.

Na primeira supervisão após essa sessão, relatei o ocorrido ao professor Jadir. Ele me advertiu veementemente. Refletimos sobre focar no relato do cliente, a partir do que este se sente apto a trazer em cada sessão. Se Elvis ainda não tinha relatado nenhuma queixa ou incômodo em relação à configuração de sua família, há a possibilidade desse incômodo ser apenas da mãe, mas que acabou se tornando um incômodo meu também. Como essa atitude ingênua eu tive mais algumas poucas, não tão parecidas, mas ainda dotadas da falta de um senso crítico rigoroso, que não ganham espaço no trabalho da clínica psicológica que eu estava realizando. Hipostacias que iam perdendo força através de minha própria reflexão crítica e nas supervisões com as significativas contribuições do Professor Jadir.

O Elvis de uma sessão não era mais o mesmo da próxima. Era constante transformação. Atualizava-se experimentando o prazer de ter seus modos de vida acolhidos por mim. Algumas sessões era começar tudo do zero, ou melhor, do novo a partir do que este trazia enquanto resultados de suas próprias relações, coisas que nunca tinha me contado antes ou sentido o desejo e a necessidade de trazer para a clínica. Eram sessões inteiramente sobre assuntos outros. Me vi por vezes diante de um caminho inteiramente árduo, mas prazeroso. Pelo fato de que, sendo eu a encarar todos os desafios que aparecerem, faz todo o sentido, só por continuar sendo, também, a efetuação do meu desejo em exercer a clínica; afirmar minhas escolhas.

Força para afirmar a vida, foi o tema de boa parte dos caminhos que eu e Elvis trilhamos juntos. Aquela primeira vez na triagem, também, foi a última que ele reservou tempo para pensar e se questionar sobre um modo de vida que não pode exercer com um tom de voz que não lhe deixa à vontade, com gestos e trejeitos que não lhe sejam confortáveis, com um posicionamento que ele sinta que lhe seja inadequado. Elvis, homem, homossexual, negro, de classe média-baixa, aos quatorze anos de idade, decidiu que não ia mudar para agradar os ex-amigos do coral e da célula da igreja, os ex-amigos do colégio, nem os da rua. Ia seguir assim, “Baquioso” (sic.).

Tinha sua mãe como melhor amiga. Mas precisou esconder dela o fato de ter começado a ficar com um outro garoto. Era sua primeira relação sexual, mas ainda, limitada só a beijos e carícias. Elvis não faltava às sessões, nunca. Ele pegava dois ônibus para chegar ao NPA, estava na sala de espera com meia hora de antecedência. Sempre. Era nítida a alegria

que sentia em poder compartilhar sua vida privada. Da metade dos atendimentos para o final, muito do que foi trazido por Elvis era sobre seu relacionamento. Seu primeiro relacionamento.

Não se sentia à vontade para contar sobre seu relacionamento para seus amigos heterossexuais. Amiga ele só tinha mais uma, além da mãe, e só a via de vez em quando, por que passaram a morar longe. E seu único amigo homossexual era o rapaz com quem estava se relacionando. A partir de um dado momento, a clínica com Elvis virou isso, suas histórias de amor, suas paixões, seus afetos. Mas tudo tinha que ser muito bem escondido. Sua família não podia nem imaginar, a igreja não podia saber, nem o pessoal do bairro. Os beijos e amassos tinham que ser no beco da rua, sob a luz do dia e quando não tinha ninguém vindo. Eu o escutava, devolvia a ele suas aventuras enquanto problematizações e refletíamos juntos sob o quanto a vida de um homossexual por ser limitada pelo moralismo. Expressar os afetos, os sentimentos, no privado, mas, também, em público é um modo de afirmar nosso poder de afetar e ser afetado. Estar ali diante dele, afirmando tudo o que ele estava sentindo, acolhendo os afetos que expressava, me colocou na posição de um amigo. Alguém pra quem ele podia contar a vida. Elvis afirmava que doía ter que esconder, ter que mentir. Mas, também, afirmava não entender todas as causas do porque o fazia. Para ele, foi tudo muito rápido. Um dado momento, começaram a apontar e desaprovar seu comportamento. Ele não entendia bem o que era, por que ele só seguia e continuava o mesmo. Era o mesmo Elvis.

Discutíamos muito sobre se havia a necessidade de informar a família sobre sua condição sexual. Ele dizia que queria muito, mas, ao mesmo tempo, sentia muito medo. Principalmente medo do seu pai. Ele e o pai eram bons amigos durante sua infância, mas assim que o comportamento começou, a amizade afetuosa que tinham, definitivamente acabou. Ele dizia que só sentia falta desse carinho algumas vezes. Que o que recebia da mãe e da vó era o bastante. Mas ele decidiu que ia começar pela mãe. Após dois meses de sessões, o relacionamento entre ele e a mãe estava indo muito bem. Sua tia não reclama mais, nem sua vó. O sentimento de medo que o afligia, em relação a admitir, para sua mãe, sua condição homossexual, pouco a pouco, foi diminuindo. A clínica se tornou esse lugar em que ele afirmava seus afetos, sua necessidade.

A cada encontro ele parecia mais alegre, tinha ideias mais adequadas sobre as relações de seus encontros. Elvis sempre deixou claro que tinha certeza de que sua mãe sabia sobre sua homossexualidade e queria ter uma conversa franca com ela, mas ainda não se sentia

preparado para isso. Após dois meses e meio de atendimentos, Elvis chegou na clínica dizendo que a mãe descobriu tudo. Que ele havia deixado o celular desbloqueado em cima da mesa da cozinha. Sua mãe pegou o celular, entrou no *WhatsApp*, abriu a conversa com o par romântico e leu uma quantidade de mensagens significativas para “descobrir” que seu filho era, de fato, um homossexual. Sua mãe o abordou como se aborda quem cometeu um crime. Mostrou as conversas, o mandou confessar tudo. E ali, daquele modo, sob aqueles afetos, sob significativa violência moral, esclareceu francamente tudo o que há algum tempo queria ter dito. Assumiu sua homossexualidade para a mãe. Perguntei como ele estava se sentindo com relação a isso. Ele respondeu que estava muito bem. Sua mãe chorou e se zangou. Só no começo. Depois foram conversando, ela disse que já imaginava, mas não queria aceitar. E que entendia que era uma condição e que “tudo bem”.

Relatei o caso na supervisão e o Professor Jadir me indagou: - Ela que pegou o celular ou foi ele quem se deixou pegar? Por volta de um mês depois, os assuntos já eram outro, ele já estava se relacionando com outro garoto. Perguntei ao Elvis como ele estava se sentindo com a experiência clínica, desde que começamos. Ele afirmou que estava se sentindo “livre”. Esta expressão muito me emocionou. Porque liberdade enquanto palavra ou conceito, nunca tinha sido usada por nenhum de nós durante todos os nossos encontros. É como um grito dentro da boca fechada. A sociedade tapa sua boca com uma multiplicidade de mãos (forças de fora) e você tapa sua própria boca com a multiplicidade de mãos que tem (forças de dentro). E, num dado momento, a configuração que mantém a potência das mãos é enfraquecida pelo golpe da potência do exercício de liberdade que fortificou o grito do ser. A intensidade; a singularidade intensiva quer sair. Busca uma força capaz de interpretá-la. Talvez, durante nossos atendimentos, eu tenha sido essa força capaz de interpretá-lo. É um grito dentro da boca porque o devir nunca cessa. Não é que ele para; não é que se pare de gritar. Só que a boca vez ou outra é fechada. Mas o grito continua ali, pedindo passagem, querendo passar (ROLNIK, 1998).

Nossos autores afirmam que não cessam também, no mundo, forças capazes de nos constranger; capazes de fechar nossa boca. Regulando a passagem da intensidade a todo o momento oportuno. Um dos pensamentos de Espinosa (1677/2002) que Deleuze (1968, 1981/2002) expressa em várias de suas obras é o de que nós não sabemos do que um corpo é capaz. O platonismo tomou a pergunta para o pensamento, de que é capaz disso e daquilo. Mas o corpo e seu poder de afetar e ser afetado ainda foi muito pouco explorado. Pois se é

um corpo passivo, submisso ao acaso, ignorante de seus ritmos, estará fadado a uma vida de ideias inadequadas. Sempre pronto para imaginar algo melhor para si, mas distante de realizá-lo.

Será que tal pergunta pode ser atualizada de modo que comporte as intragáveis decomposições do mundo pós-moderno? Não sabemos de tudo o que um corpo é capaz. Ok. Mas podemos saber do que um corpo negro, homossexual, de baixo capital econômico e social é capaz? Alguns corpos têm condições para terem a boca mais fechada que outros? E a intensidade, quando poderá passar? Pode passar para todos? Há três anos não temos notícias de Elvis. Mas torcemos para que esteja experimentando uma liberdade bem maior que aquela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

— Vamos ao nosso jogo de sempre. — Está bem — eu digo. Também fecho os olhos e respiro, calma e profundamente. — Muito bem, imagine uma tempestade de areia muito, muito violenta — diz ele. — E esqueça por completo todo o resto. Sigo as instruções e imagino uma tempestade de areia muito, muito violenta. Esqueço por completo todo o resto. Esqueço até que eu sou eu. Esvazio-me por completo. Logo, as coisas começam a emergir. Como sempre, o menino e eu partilhamos essas coisas sentadas lado a lado no velho sofá de couro do escritório de meu pai. — Em certas ocasiões, o destino se assemelha a uma pequena tempestade de areia, que não para de mudar de direção — começa a dizer o menino Corvo. Por vezes o destino é como uma pequena tempestade de areia que não para de mudar de direção. Tu mudas de rumo, mas a tempestade de areia vai atrás de ti. Voltas a mudar de direção, mas a tempestade persegue-te, seguindo no teu encaixo. Isto acontece uma vez e outra e outra, como uma espécie de dança maldita com a morte ao amanhecer. Porquê? Porque esta tempestade não é uma coisa que tenha surgido do nada, sem nada que ver contigo. Esta tempestade és tu. Algo que está dentro de ti. Por isso, só te resta deixares-te levar, mergulhar na tempestade, fechando os olhos e tapando os ouvidos para não deixar entrar a areia e, passo a passo, atravessá-la de uma ponta a outra. Aqui não há lugar para o sol nem para a lua; a orientação e a noção de tempo são coisas que não fazem sentido. Existe apenas areia branca e fina, como ossos pulverizados, a rodopiar em direção ao céu. É uma tempestade de areia assim que deves imaginar. (...) E não há maneira de escapar à violência da tempestade, a essa tempestade metafísica, simbólica. Não te iludas: por mais metafísica e simbólica que seja, rasgar-te-á a carne como mil navalhas de barba. O sangue de muita gente correrá, e o teu juntamente com ele. Um sangue vermelho, quente. Ficarás com as mãos cheias de sangue, do teu sangue e do sangue dos outros. E quando a tempestade tiver passado, mal te lembrarás de ter conseguido atravessá-la, de ter conseguido sobreviver. Nem sequer terás a certeza de a tormenta ter realmente chegado ao fim. Mas uma coisa é certa. Quando saíres da tempestade já não serás a mesma pessoa. Só assim as tempestades fazem sentido (MURAKAMI, 2005/2012, p. 10-11)<sup>115</sup>.

Haruki Murakami (2005) escreveu um romance sobre um garoto de 15 anos que adota o nome de Kafka Tamura e sente a necessidade de sair de casa de qualquer jeito. Uma causa que vem de dentro dele o faz perceber que, caso continue onde está, acabará sendo dissolvido de seu ser. Kafka Tamura tem um amigo imaginário chamado o menino corvo. Este que é uma espécie de dimensão intuitiva de Tamura; uma possibilidade dele se enxergar de fora; fora de seu campo pessoal.

Como as tempestades do destino de Murakami fazem sentido? Quando percebemos sua necessidade. Ou quando as percebemos necessárias em nós. Por vezes, são os encontros casuais, as paixões, e, por vezes, são causas adequadas, responsáveis por liberar o devir, do todo do dever, experimentando um campo impessoal e pré-individual. Criando encontros em

---

<sup>115</sup> Cf. MURAKAMI, Haruki. *Kafka à Beira-Mar* (2005). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

que as singularidades intensivas possam se reconhecer como parte do todo, do tudo, do uno, da multiplicidade irreduzível<sup>116</sup>. Devires são os modos de vida, o movimento contínuo e múltiplo capaz de acontecer (enquanto efeitos) o novo; a novidade nas relações no plano de imanência. Devir é esta efetuação que constitui a realidade, visto que a realização depende do desejo e da transformação<sup>117</sup>.

Apresentamos uma dramatização para falar de outra. O movimento do ser vai assim de modo dramático, como numa trama com seus pontos de tragédia e comédia, modulando entre dever e devir. Experimentado as práticas morais e experimentando o exercício ético. Desenvolvemos a amplitude teórica deste drama para a clínica ética. Na clínica, para que haja o acolhimento do devir, é bom que não haja métodos prescritivos. O método é esta atividade responsável pelo reconhecimento, pela a reconhecimento. Os instrumentos da moral são muito competentes para a alienação, a segurança comodista dos hábitos, bem como, reforço e reorganização dos hábitos.

E é bom que haja a afirmação do fluxo, do devir, do acaso, da diferença. Visto que, os devires, ao se efetuarem no plano de imanência, são capazes de criação de encontros e acontecimentos quais são campo para a realização do humano. É o signo que cria o novo? É ele um acontecimento? Pensar o acontecimento é verbalizar, é afirmar a vida em ação; o mundo em devir.

Pensar o acontecimento é pensar anunciando um processo. O sentido enquanto próprio acontecimento constrói um pensamento criativo que surge dos encontros, que se “inicia em um encontro, que começa sempre pelo meio, que surge de uma subjetividade coletiva e não do interior de um indivíduo isolado, porque este está condicionado por hábitos e povoado por opiniões e representações”<sup>118</sup>. Logo o pensamento criativo (ação criadora no pensar) nunca é voluntário, por isso não é passível de alienação e não é possível de ser atribuído a um *Quem*, a um eu, a um sujeito.

O dever caminha pelas opiniões (*doxa*), pelos métodos, pela reconhecimento. É a boca que fecha para o grito, é o desejo de se fazer reconhecer pelo outro, nos valores e nos sentidos. A alienação a uma identidade, a representação de um estado de coisas. Deleuze discorre que “só a moral é capaz de nos persuadir de que o pensamento tem uma boa natureza, o pensador

---

<sup>116</sup> Cf. HARDT, 2006, p. 15.

<sup>117</sup> Cf. ZOURABICHVILI, 2004, p. 24–26.

<sup>118</sup> Cf. LESSA, 2014, p. 70.

uma boa vontade, e só o Bem pode fundar a suposta afinidade do pensamento com o verdadeiro. Com efeito, quem, senão a Moral e este Bem que dá o pensamento ao verdadeiro e o verdadeiro ao pensamento...?”<sup>119</sup>.

O dever precisa se “defender, a Moral, os Valores, a Representação são suas guardiãs. Juntas, elas não fazem só uma imagem dogmática e ortodoxa do pensamento, fazem também, e ao mesmo tempo, uma política. Trata-se de um modo de existência: pensar e viver conforme ao modelo”<sup>120</sup>. O dever é uma prática que surge na ausência de efetuação do devir. Se um humano está aquém das ideias adequadas, de conhecer adequadamente as causas, a moral se instala. Sem conhecimento, resta o reconhecimento que padroniza os comportamentos de julgamento e obediência. O conhecimento que permanece no todo imaginativo, cria superstições para preencher as lacunas de sua inadequação. A culpa e o ressentimento são produtos dos valores morais; o permanente julgamento da vida.

O exercício ético na clínica é o acolhimento do drama entre o devir e o dever. A ética problematiza a moral no intuito de que as singularidades essenciais possam passar. Isto porque devir é fluxo. Se há a necessidade em anunciarmos um processo que diz que o ser se move e se transforma continuamente é por que mais cedo ou mais tarde ele será capturado pela moral. Não há existências absolutamente éticas ou absolutamente morais. Deleuze (1969/2003) nos remete aos paradoxos. É isto que não é uma opinião ou método, mas o pensar puro em toda a sua estrutura de acontecimentos; seu jogo de singularidades intencionais.

Desse modo, o exercício para a clínica ética é o de permitir ao cliente, experimentar a problematização de seu dever, de suas práticas morais. Não se trata de confirmar valores, mas de afirmar vida. E diante dela, poder encarar e afirmar, para si, a necessidade de que a vida e o vivente são uma coisa só e múltipla: o movimento da diferença. O fluxo contínuo, o devir intempestivo como a tempestade do destino. Esta que és tu. Algo que está dentro de ti. E se tu a afirmas, o faz já não sendo mais a mesma pessoa. Só assim as tempestades fazem sentido e se fazem necessárias...

---

<sup>119</sup> DELEUZE, 1968/2009, p. 193.

<sup>120</sup> RIBEIRO, 2014, p. 1205.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, I. As noções de corpo e mente de Benedictus de Spinoza. **Revista Conatus**. Filosofia de Spinoza. Vol. 5. Nº10. Dez. Pp. 45-56. 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERLIN, Isaiah. Os dois conceitos de liberdade (1958). In: H. Hard e R. Hausheer (org.). **Estudos sobre a humanidade**. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.

BOHER, Luiz. **Solidão Criadora: Milonga e Processos de Subjetivação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 76. 2006.

BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo** (1908). Tradução Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho; transliteração e tradução do grego Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Filô).

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COELHO, E. P. Grandeza de Gilles Deleuze. **Público**, Lisboa, 9 de fev. de 2002. Sup. Mil Folhas.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia** (1962). Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. **A filosofia crítica de Kant** (1963). Lisboa: Edições 70, 1987.

\_\_\_\_\_. **Bergsonismo** (1966). São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. “O homem, uma existência duvidosa” (1966). In: **A ilha deserta: e outros textos**. Trad. Luiz Orlandi (org.). São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 123-127.

\_\_\_\_\_. “O Método de Dramatização” (1967). In: **A ilha deserta: e outros textos**. Trad. Luiz Orlandi (org.). São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 114-142.

\_\_\_\_\_. **Spinoza e o problema da expressão**. Trad. de Spinoza et le problème de l'expression. Paris: Les éditions de Minuit, 1968.

\_\_\_\_\_. **Diferença e repetição** (1968). Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2ª edição, 2009.

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido** (1969). São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. **Espinoza: filosofia prática** (1981). São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cinema I: A Imagem-Movimento** (1983). Tradução Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Cinema II: Imagem-tempo** (1985). São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Conversações** (1990). Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. “Sobre a morte do homem e o super-homem”. **Foucault**. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, pp. 132-142.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo** (1972). Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Kafka: para uma literatura menor** (1975). Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol.3** (1980). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia?** (1991). Tradução Bento Prado Júnior, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, Claire. **Diálogos** (1977). Trad. Eloisa Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DEL PRETTE, Giovana. Treino didático de análise de contingências e previsão de intervenções sobre as consequências do responder. **Perspectivas em análise do comportamento**, on-line, São Paulo, v. 2, no. 1, 2011. Disponível: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-35482011000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482011000100006)>. Acesso em 10.12.2019.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari – Biografia cruzada**. Trad. Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DROIT, Roger Pol. Deleuze comme musique et comme monde. In: **Le Monde des livres**. 12 de abril de 2002.

DUTRA, W. O dadaísmo filosófico de Gilles Deleuze. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, Dez./2010, p. 123-130.

ELIAS, C.; AXT, M. Quando aprender é perder tempo... Compendo relações entre linguagem, aprendizagem e sentido. **Psicologia e Sociedade**. Vol. 16, nº 3, Set./Dez./2004, p. 17-28.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética Demonstrada À Maneira Dos Geômetras** (1677). São Paulo: Martin Claret, 2002.

- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas** (1966). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. Soberania e disciplina. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, Vinícius. Deleuze se suicida aos 70 anos em Paris. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 nov. 1995. Mundo, p. 5.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003 (Coleção Pensadores e Educação).
- GHERARDINI, Giovanni. **Supplemento a'vocabolarj italiani**. Milano: Stamperia di G. Bernardoni di Gio; Vol. 2, 1853.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um novo Paradigma Estético** (1992). São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HARDT, M. **Gilles Deleuze: Um Aprendizado em Filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- HEUSER, Ester. **Pensar em Deleuze: violência às faculdades do empirismo transcendental**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 183. 2008.
- HUR, Domenico Hung. Esquizoanálise e política: proposições para a Psicologia Crítica no Brasil. **Teoría y crítica de la psicología**. 3, 2013, p. 264-280.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia, Política e Esquizoanálise**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2018.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas Teóricas: Esquizoanálise e esquizodrama. In: **Revista Psicologia em Movimento**. Jean Santos (org.). N° 2, Out./2019, p. 35-43.
- LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas de los filósofos más ilustres**, libro VII (3). Madrid: Espasa-Calpe, 1949.
- LESSA, Jadir. **Curso de análise existencial: princípios fundamentais de uma prática psicoterápica com bases fenomenológico-existenciais**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense: Niterói, p. 203. 2011.
- LESSA, Jadir. **A clínica como exercício ético dos encontros afetivos**. São Luís: EdUFMA, 2014. (Coleção Humanidades).

LONG, Anthony A. **La filosofía helenística** (1975). Alianza Editorial, S. A., Madrid, 1984.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

MACHEREY, Pierre. **Introduction à l'Éthique de Spinoza** – La première partie – La nature des choses. Paris: PUF, 1998.

MACIEL, A.; BRUNO, M. Filosofia menor: a língua inatural dos conceitos. **Estudos de Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 1, Jun./2017, p. 9-27.

MANGUEIRA, M.; BONFIM, E. Força Versus Representação: o legado de Nietzsche na filosofia de Gilles Deleuze. **KRITERION**, Belo Horizonte, nº 130, Dez./2014, p. 619-635.

MURAKAMI, Haruki. **Kafka à Beira-Mar** (2005). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MARTON, Scarlett (org.). **Nietzsche Hoje?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel** (1843). São Paulo: Boitempo, 2010.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

MILLER, James. **The Passion of Michel Foucault**. Simon & Schuster, 1993.

Morre aos 57 anos o mestre estruturalista Michel Foucault. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1984, Matutina, Cultura, p. 23.

NASCIMENTO, Roberto. **Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 216. 2012.

NELSON, J. B. da S. **Memória, Esquecimento e Criação em Nietzsche**. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 82. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra** (1885). Tradução de Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Cia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica** (1887). Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OGLOBO. **Em 1984, morre o filósofo Michel Foucault**. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-1984-morre-filosofo-michel-foucault-9910243#>. Acesso em: 8 de out. 2020.

REALE, G. **História da filosofia antiga vol.II: Platão e Aristóteles e vol.V Léxico, Índices e Bibliografia**. 2ª edição. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz & Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

RIBEIRO, Vladimir. A Imagem Moral do Pensamento. **POLÊMICA**, Rio de Janeiro, Vol. 13, nº 2, 2014, p. 1201-1207.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Clube do Livro, 1998.

\_\_\_\_\_. Esquizoanálise e Antropofagia. In: **Gilles Deleuze. Uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 451-462.

SALES, Alessandro Carvalho. Deleuze e a Lógica do Sentido: O Problema da Estrutura. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, Vol. 29, nº 2, Nov./2006, p. 219-239.

SALES, Alessandro Carvalho. Do Sentido como Produção de Sentido em Deleuze. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência. Vol. 8, nº 2, 2º quadrimestre de 2015, p. 33-53.

SANTANA, Paulo. A interpretação da ideia inadequada em Spinoza. **Revista Ideação**. Edição Especial, 2018, p. 378-391.

SILVA, A. 2003. **Elementos para uma comunicação pós-midiática**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio grande do Sul, p. 175. 2003.

SILVA, Fernando Machado. **Poiética do Acontecimento. Deleuze e Serris**. Covilhã, Lusosofia: press, 2010.

ULPIANO, Claudio. Aula em vídeo: **Pensamento e Liberdade em Espinosa**. Acervo Claudio Ulpiano. Aula filmada no outono de 1988, no Rio de Janeiro. 109 minutos. Publicado em 3.9.2017. Disponível em: <<https://acervoclaudioulpiano.wordpress.com/2017/09/03/pensamento-e-liberdade-em-espinosa>>. Acesso em 07.08.2020.

ULPIANO, Claudio. **O Pensamento de Deleuze ou A Grande Aventura do Espírito**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, p. 265. 1998.

ZOURABICHVILLI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.